



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

ANA CLARA LEITE ALCANTARA

**A CONTRIBUIÇÃO DO DESIGN DA INFORMAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE
ARTEFATOS VISUAIS COMO FERRAMENTAS GERENCIAIS DE APOIO À
TOMADA DE DECISÃO: o caso do Escritório de Gerenciamento de Projetos de
Infraestrutura da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de
Pernambuco**

Recife
2024

ANA CLARA LEITE ALCANTARA

A CONTRIBUIÇÃO DO DESIGN DA INFORMAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE ARTEFATOS VISUAIS COMO FERRAMENTAS GERENCIAIS DE APOIO À TOMADA DE DECISÃO: o caso do Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, na área de concentração Planejamento e Contextualização de Artefatos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Design.

Orientador: Guilherme Ranoya Seixas Lins

Recife
2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Alcantara, Ana Clara Leite.

A contribuição do design da informação para a produção de artefatos visuais como ferramentas gerenciais de apoio à tomada de decisão: o caso do Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco / Ana Clara Leite Alcantara. - Recife, 2025.

121f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Design, 2025.

Orientação: Guilherme Ranoya Seixas Lins.

Inclui referências, anexos e apêndices.

1. Design da informação; 2. Apresentações visuais; 3. Gerenciamento de projetos; 4. Gestão pública. I. Lins, Guilherme Ranoya Seixas. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

ANA CLARA LEITE ALCANTARA

A CONTRIBUIÇÃO DO DESIGN DA INFORMAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE ARTEFATOS VISUAIS COMO FERRAMENTAS GERENCIAIS DE APOIO À TOMADA DE DECISÃO: o caso do Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, na área de concentração Planejamento e Contextualização de Artefatos, como requisito parcial para obtenção de título de Mestra em Design.

Aprovada em: 23/01/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Guilherme Ranoya Seixas Lins (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Renata Amorim Cadena (Examinadora Interna)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Carla Regina Pasa Gómez (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco



*Para meu filho **Guilherme**; porque
te amo mais que o infinito, e muito
mais...*

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos e companheiros de vida. Em especial a: Luana Karla, Nathália Carvalho, Lu Martins e Alba Chaves.

Ao meu orientador, professor Guilherme Ranoya, por ter me recebido e me guiado nessa jornada acadêmica, por vezes, tão imprevisível – assim como a vida...

Aos colegas do Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura (EGP) da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag) que se dispuseram a conceder as entrevistas, possibilitando a realização da pesquisa.

RESUMO

A atual profusão de informações, numa crescente exponencial de dados sem precedentes, faz com que gerenciar um projeto seja algo bastante complexo. Para além das tecnologias gerativas, a abordagem comunicacional na produção de artefatos requer técnica, planejamento e organização. Este trabalho propõe abordar como o design da informação pode ser terra profícua nesse processo informacional, e sua técnica somar substancialmente numa comunicação efetiva, com eficácia e efetividade. O problema de pesquisa a ser superado é o de investigar a contribuição do design da informação para a produção de artefatos visuais como ferramentas de apoio gerencial à tomada de decisão, por meio de um estudo de caso no Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura (EGP) da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag). Tais artefatos, apresentações digitais de slides (ADS), são produzidas e utilizadas pelos gestores governamentais – especialmente planejamento, orçamento e gestão, atuantes no EGP. Nesse aspecto, a maneira como dados e informações são apresentados possui um importante papel em processos decisórios. Na busca da resposta ao problema proposto, o desenvolvimento da pesquisa divide-se em duas partes: a primeira, conceituando-se gerenciamento de projeto e contextualizando-o na esfera pública, incluindo valor público e tomada de decisão, e a segunda, abordando os conceitos do design da informação nas apresentações visuais do EGP. Por meio dos resultados e análises da pesquisa, a partir da aplicação de um formulário semiestruturado, identificou-se que há reconhecimento por parte dos respondentes acerca dos benefícios da utilização de métodos visuais enquanto ferramenta de apoio gerencial à tomada de decisão, e que a maneira como dados e informações são comunicados influencia no processo decisório. Da mesma forma, verificou-se que competências do design da informação, quanto ao planejamento e organização da informação proporcionam melhor eficiência comunicacional. Constatou-se, ainda, que não há liberdade por parte dos gestores governamentais atuantes do EGP de elaboração de suas apresentações visuais, estando atreladas ao padrão / layout oficial de comunicação do governo do estado de Pernambuco. Por fim, este estudo também abarcou a percepção dos gestores do EGP em relação ao material – materiais, equipamentos e tecnologias – oferecido pela Secretaria para a execução de suas atividades laborais, o qual, de maneira geral, possui uma avaliação positiva por parte dos respondentes.

PALAVRAS-CHAVE: design da informação; apresentações visuais; gerenciamento de projetos; gestão pública.

ABSTRACT

The current profusion of information, in an unprecedented exponential growth of data, makes managing a project quite complex. In addition to generative technologies, the communicational approach to producing artifacts requires technique, planning and organization. This work proposes to address how information design can be a fruitful ground in this informational process, and its technique can add substantially to effective communication, with efficiency and effectiveness. The research problem to be overcome is to investigate the contribution of information design to the production of visual artifacts as management support tools for decision-making, through a case study at the Infrastructure Project Management Office (EGP) of the Pernambuco Planning, Management and Regional Development Secretariat (Seplag). These artifacts, digital slide presentations (ADS), are produced and used by government managers - especially planning, budget and management managers, who work in the EGP. In this respect, the way in which data and information are presented plays an important role in decision-making processes. In the search for an answer to the proposed problem, the development of the research is divided into two parts: the first, conceptualizing project management and contextualizing it in the public sphere, including public value and decision-making, and the second, addressing the concepts of information design in the visual presentations of the EGP. Through the results and analysis of the survey, based on the application of a semi-structured form, it was identified that respondents recognize the benefits of using visual methods as a management support tool for decision-making, and that the way data and information are communicated influences the decision-making process. Similarly, it was found that information design skills in terms of planning and organizing information provide better communication efficiency. It was also found that there is no freedom on the part of government managers working in the EGP to design their visual presentations, which are tied to the official communication standard/layout of the Pernambuco state government. Finally, this study also looked at the perception of EGP managers in relation to the material - materials, equipment and technologies - offered by the Secretariat for carrying out their work activities, which, in general, was positively evaluated by the respondents.

KEYWORDS: information design; visual presentations; project management; public management.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Estrutura organizacional da Seplag | 26 |
| Figura 2 – Plano de fundo apresentação | 45 |
| Figura 3 – Slide A (configuração i) | 47 |
| Figura 4 – Slide B (configuração i) | 48 |
| Figura 5 – Slide SJDH | 49 |
| Figura 6 – Slide A (entrevistado 1) | 49 |
| Figura 7 – Slide B (entrevistado 1) | 49 |
| Figura 8 – Slide A (entrevistada 2) | 50 |
| Figura 9 – Slide B (entrevistada 2) | 50 |
| Figura 10 – Slide A (entrevistada 3) | 50 |
| Figura 11 – Slide B (entrevistada 3) | 50 |
| Figura 12 – Slide A (entrevistado 4) | 50 |
| Figura 13 – Slide B (entrevistado 4) | 50 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Perfil geral do <i>corpus</i> da pesquisa | 40 |
| Quadro 2 – Síntese metodológica | 40 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-----------|---|
| ADS | Apresentações Digitais de Slides |
| EGP | Escritório de Gerenciamento de Projetos |
| GeP | Revista de Gestão e Projetos |
| LDO | Lei de Diretrizes Orçamentárias |
| LOA | Lei Orçamentária Anual |
| MBA | Master Business Administration |
| PMI | Project Management Institute |
| PMO | Project Management Office |
| PPA | Plano Plurianual |
| PE | Pernambuco |
| SEGES | Secretaria Executiva de Gestão Estratégica |
| Seplag | Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco |
| PPGDesign | Programa de Pós-Graduação em Design |
| PMBOK | Project Management Body of Knowledge |
| Me. | Mestre |
| Prof. | Professor |
| Profa. | Professora |
| RAG | Relatório de Ação de Governo |
| RGS | Relatório de Gestão Social |
| SBDI | Sociedade Brasileira de Design da Informação |
| Secoge | Secretaria Executiva de Coordenação Geral |
| SEDRC | Secretaria Executiva de Desenvolvimento Regional e Captação |
| SEGM | Secretaria Executiva de Gestão Metropolitana e Parcerias Estratégicas |
| SJDH | Secretaria de Justiça e Direitos Humanos de Pernambuco |
| SEPAE | Secretaria Executiva de Parcerias Estratégicas |
| SEGPR | Secretaria Executiva de Gestão Por Resultados |
| SEPO | Secretaria Executiva de Planejamento e Orçamento |
| UPE | Universidade de Pernambuco |
| UFPE | Universidade Federal de Pernambuco |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 Objetivos | 19 |
| 1.1.1 Objetivo geral | 19 |
| 1.1.2 Objetivos específicos | 19 |
| 1.2 Justificativa | 19 |
| 1.3 Descrição do trabalho | 20 |
| 2 GESTÃO DE PROJETOS | 20 |
| 2.1 Escritório de gerenciamento de projetos (EGP) | 22 |
| 2.1.1 O escritório de gerenciamento de projetos de infraestrutura da Seplag | 23 |
| 3 TOMADA DE DECISÃO | 28 |
| 4 DESIGN DA INFORMAÇÃO | 30 |
| 5 PERCURSO METODOLÓGICO | 33 |
| 5.1 Delineamento da pesquisa | 35 |
| 5.1.1 Seleção dos sujeitos da pesquisa | 36 |
| 5.1.2 Coleta de dados | 37 |
| 5.1.3 Perfil dos sujeitos da pesquisa | 39 |
| 5.1.4 Síntese metodológica | 40 |
| 5.2 Limitações do estudo | 41 |
| 6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS | 42 |
| 6.1 Liberdade de produção das apresentações visuais | 44 |
| 6.2 Competências do design da informação enquanto diferencial estratégico | 46 |
| 6.3 Suporte material oferecido pela Seplag | 51 |
| 7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 53 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 55 |
| REFERÊNCIAS | 57 |
| ANEXO A – ENTREVISTA 1 | 61 |
| ANEXO B – ENTREVISTA 2 | 77 |
| ANEXO C – ENTREVISTA 3 | 92 |
| ANEXO D – ENTREVISTA 4 | 103 |
| ANEXO E – MAPA DA ESTRATÉGIA DO GOVERNO (2024-2027) | 112 |
| APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO À ORGANIZAÇÃO | 113 |
| APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO AOS PARTICIPANTES | 114 |
| APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 115 |
| APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS | 116 |
| APÊNDICE E – FICHA DE INFORMAÇÃO DEMOGRÁFICA E FUNCIONAL | 121 |

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, diante do Estado contemporâneo onde vivemos, com o aumento contumaz das demandas sociais por ações governamentais capazes de gerar resultados que atendam aos diversos anseios da sociedade, ao setor público é imposto novos desafios de gestão pautados numa filosofia administrativa desenvolvida ao longo das últimas décadas, a qual busca dotar a administração pública de maior eficiência, eficácia e efetividade. Dotá-la de maior eficiência diz respeito ao empenho, segundo Matias-Pereira (2020), no que se refere ao emprego e à otimização de recursos, comparando-os com os resultados obtidos. Quanto mais adequados são os recursos disponíveis ou mobilizados por uma organização – a fim de que sejam utilizados para alcançar seus objetivos –, mais eficiente ela será.

Essa adequação se refere aos recursos financeiros, aos meios, métodos e procedimentos utilizados pela organização para realizar seus objetivos. Esse princípio de redução dos custos da administração pública se deve aos requisitos de natureza ética, que preconizam uma nova conduta dos administradores em sua relação com o dinheiro público; e à necessidade de o Estado manejar de forma competente os recursos do erário público, na busca de maximizar os resultados na aplicação desses recursos e, dessa forma, eliminar os desperdícios (Matias-Pereira, 2020, p. 259).

Eficácia pode ser aceita como os esforços das ações governamentais para ofertar adequadamente os bens e serviços esperados. “Nesse sentido, o que importa nesses esforços é conseguir que os efeitos de uma ação correspondam ao desejado” (Matias-Pereira, 2020, p. 259).

Ainda de acordo com Matias-Pereira (2020), efetividade é a soma da eficiência e da eficácia. Logo, a efetividade ocorre quando bens e serviços resultantes de determinada ação alcançam os resultados mais benéficos para a sociedade. Dessa forma, observa-se que os conceitos de eficiência, eficácia e efetividade representam um aperfeiçoamento na capacidade de auto-organização do Estado, tendo como referência o atendimento com qualidade das demandas da sociedade por parte da administração pública.

Entende-se por administração pública, em sentido estrito, as pessoas jurídicas, órgãos e agentes públicos que exercem a função administrativa. Quanto a serviço público, de acordo com Pietro (2008), toda a atividade que o Estado exerce a fim de satisfazer as necessidades da coletividade.

Nesse cenário de rápidas mudanças e surgimento de soluções inovadoras¹, interativas e iterativas, torna-se imperativo para a administração pública não apenas fomentar, mas implementar novas práticas de gestão que agreguem valor público – especialmente quando da entrega e administração de serviços, produtos, bens e/ou equipamentos à coletividade, contribuindo, nesse viés, para uma efetiva legitimidade das atividades estatais nos ditames de um estado democrático de direito, haja vista que, conforme pondera Cruz *et al* (2014), tudo o que é legítimo é, por definição, socialmente aceito.

A legitimação da administração pública contemporânea passa pela ampliação da transparência pública. Por meio da divulgação das ações governamentais, de forma clara e acessível, é que se efetivará a cidadania e o fortalecimento da democracia no Brasil (Matias-Pereira, 2020, p. 105).

O conceito de valor público foi desenvolvido ao longo de um processo de reforma do Estado, que surgiu como resposta à grande crise econômica que abateu o mundo no terço final dos anos setenta, em que tomou força um movimento reformista que pregava a redução do papel do Estado na sociedade, de modo a reduzir o endividamento público e estimular o crescimento econômico

Mais tarde esse movimento ficou conhecido como neoliberal, ao resgatar os conceitos liberais da teoria econômica clássica, os haviam orientado a política econômica da maioria das nações após a crise de 1929, em oposição à teoria keynesiana, a qual defende que o Estado deve intervir na economia sempre que for necessário.

Embora tenha se provado um remédio efetivo para sanar os efeitos mais agudos da crise econômica, o proclamado Estado mínimo nunca pôde ser realmente implantado, pois o projeto carecia de legitimidade política, haja vista que os anseios e desejos dos cidadãos pareciam se orientar no sentido contrário, exigindo maior apoio do Estado.

Nesse viés, Moore (2002), ao desenvolver os conceitos que norteiam a teoria do valor público, afirma ter objetivado responder à pergunta sobre como os gerentes públicos devem pensar e agir para criar valor público, explorando as circunstâncias nas quais se encontram.

¹ De acordo com a Lei nº 10.973, de 02 de dezembro de 2004, inovação: introdução de novidade ou aperfeiçoamento no ambiente produtivo e social que resulte em novos produtos, serviços ou processos ou que compreenda a agregação de novas funcionalidades ou características a produto, serviço ou processo já existente que possa resultar em melhorias e em efetivo ganho de qualidade ou desempenho. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/****_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.973.htm. Acesso em 30 ago. 2024.

De acordo com Coelho; Holtz (2020, p. 11): “O conceito de inovação vai muito além dos fenômenos ligados ao avanço da tecnologia. Está relacionado a novas formas de pensar e agir, que alteram modelos organizacionais, criam novos produtos, serviços e negócios, e criam valores de novas maneiras para toda a sociedade e os diferentes setores da economia”.

O conceito de valor público é importante porque proporciona um critério efetivo para medir e ajustar o desempenho de políticas públicas², decidir como serão alocados os recursos disponíveis e selecionar as melhores formas de entrega à sociedade.

Dessa forma, valor público³ pode ser definido como o valor criado pelo governo por meio dos diversos serviços oferecidos à população, financiados por recursos públicos, cujo objetivo é a maximização do investimento público – economicidade da máquina estatal. Aquilo que o diferencia das outras teorias é que o conceito de valor público traz o cidadão para o centro do processo de criação de valor, enfatizando não apenas os produtos, mas, sobretudo, os resultados e seus impactos – não apenas no cidadão beneficiário, mas na sociedade como um todo.

Sob o enfoque do conceito de valor público desenvolvido nas duas últimas décadas, os gestores públicos são orientados a desenvolverem estratégias de gerenciamento que possibilitem produzir resultados de valor social. Quanto à relevância do gestor público na administração pública:

A concretização do processo para reduzir as enormes desigualdades socioeconômicas e ambientais no Brasil exige uma administração pública competente. Assim, fica cada vez mais evidenciada nos processos simultâneos de globalização e descentralização a necessidade de fortalecer o papel do gestor público, estimulando, além da participação popular, que busquem novos modelos e formas de organização administrativo-institucional da ação do Estado. Nesse sentido, a administração pública do Brasil necessita absorver a concepção de que a sua função é responder às demandas da sociedade por bens e serviços públicos de qualidade, e de forma transparente, evitando submeter-se às pressões espúrias ou a privilegiar os interesses dos grupos detentores do poder político e econômico (Matias-Pereira, 2020, p. 29).

Bresser-Pereira (2004, p. 12) afirma que “o gestor público nas democracias modernas não é um mero aplicador das leis e políticas públicas definidas pelos políticos eleitos, mas alguém que toma decisões com autonomia”.

² De acordo com Matias-Pereira (2020), não há um consenso acerca da denominação de “política pública”; ela é utilizada, num sentido amplo, para indicar a atividade ou o conjunto delas, tendo como referência o Estado, responsável pela deflagração das referidas ações. Ainda segundo o autor, elas se apresentam como disposições, medidas e procedimentos que espelham a orientação política do Estado e regulam as atividades governamentais naquilo que diz respeito às tarefas de interesse público.

³ Por valor público, para efeito do disposto no Decreto nº 9.203, de 22 de novembro de 2017, considera-se: produtos e serviços gerados, preservados ou entregues pelas atividades de uma organização que representem respostas efetivas e úteis às necessidades ou às demandas de interesse público e modifiquem aspectos do conjunto da sociedade ou de alguns grupos específicos reconhecidos como destinatários legítimos de bens e serviços públicos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9203.htm. Acesso em: 20 fev. 2024.

O desafio dos gestores públicos é implementar políticas públicas por meio de suas organizações, demonstrando que os resultados alcançados valerem o investimento dos recursos públicos empregados e que desta forma produziram valor público.

Para isso, Moore (2002) afirma que os gestores devem atentar para seis pontos fundamentais:

Primeiro, o valor se baseia nos desejos e percepções dos indivíduos. **Segundo**, o valor da empresa reflete sua capacidade em atender as expectativas dos cidadãos por justiça e equidade, bem como por eficiência e eficácia. **Terceiro**, os gestores precisam prestar contas dos seus resultados, buscando autorização contínua (legitimidade) dos cidadãos e seus representantes. **Quarto**, a produção e a distribuição dos produtos da organização devem ser tanto justos quanto eficientes. **Quinto**, as políticas que orientam as atividades de uma organização precisam refletir os interesses e as preocupações particulares dos cidadãos e de seus representantes. **Sexto**, as organizações públicas precisam ser flexíveis a novos objetivos, inovadoras e criativas (Moore, 2002, p. 87-91, grifo nosso).

Logo, faz-se premente pela administração pública práticas gerenciais focadas na geração de valor⁴ dos produtos e serviços entregues à sociedade, a partir de uma gestão eficaz e eficiente, em consonância com o ecossistema de inovação. Nesse contexto, a gestão de projetos é um importante instrumento para uma gestão organizacional estratégica, com resultados que agreguem valor ao cidadão, alinhados com as necessidades e prioridades da população, e comprometidas em produzir melhorias de forma sistemática e estruturada.

No âmbito governamental, como enfatiza Maximiano (2009), o gerenciamento de projetos já é lugar comum nos níveis operacionais e táticos, alinhado ao planejamento estratégico das organizações, o qual estabelece a missão, os produtos e os serviços a serem ofertados.

Apesar de existirem várias definições para projetos disponíveis na literatura, esse conceito vem sendo aprimorado e refinado nas últimas décadas, visando estabelecer um entendimento comum entre todos aqueles que fazem parte da comunidade de gestão de projetos e também as organizações – pública e/ou privadas – que operam internamente com esse tipo de empreendimento.

Imperioso ponderar que a ótica deste trabalho, em relação à denominação de “projeto”, é alinhada à área da engenharia de produção e áreas afins. O enfoque é dado consoante o Project Management Institute (PMI), ou Instituto de Gerenciamento de Projetos – instituição global sem fins lucrativos, que funciona como associação profissional dos gestores

⁴ O conceito de valor, de acordo com PMI (2021), diz respeito ao benefício, importância ou utilidade de algo, em que as diferentes partes interessadas o percebem de maneiras diferentes: clientes podem definir valor como a capacidade de usar recursos de um produto. Organizações podem se concentrar no valor do negócio. Valor social pode incluir a contribuição para grupos de pessoas, comunidades ou meio ambiente, por exemplo.

de projetos, responsável por consolidar e disseminar os conhecimentos e boas práticas acerca da gestão de projetos –, no qual projeto é “um esforço temporário empreendido para criar um produto, serviço ou resultado único” (PMI, 2021, p. 04).

O entendimento de “projeto” em design difere do entendimento em outras disciplinas projetuais "por nele haver um procedimento e uma postura transdisciplinar que implica apropriação compreensiva do problema a ser enfrentado" (Coelho, 2008 p. 272). Há noções diferentes em diversos âmbitos⁵ e incluem várias áreas de conhecimentos.

Um projeto na área de design de interiores difere, por exemplo, de um projeto em design gráfico pela natureza de suas questões específicas. Diferentes áreas do design e diferentes áreas de conhecimento – como engenharia de produção e arquitetura – exigem processualísticas diversas quanto ao seu projeto.

É comum ocorrer na administração pública atrasos em obras, descumprimento de prazos, orçamentos que necessitam de suplementação e redefinições constantes do escopo dos projetos, além de inconsistências na prestação de contas. A gestão de um governo precisa ser capaz de gerir os projetos públicos para que eles possam trazer benefícios à sociedade, buscando minimizar os imprevistos, adversidades e inações.

Considera-se que existam vantagens para utilização do gerenciamento de projetos tais como: cumprimento de cronogramas, melhor monitoramento de lucratividade, diminuição de riscos, maior controle nos projetos executados, eficiência na tomada de decisões, maior sinergia entre a equipe e maior satisfação do cliente. Para o setor privado, a gestão de projetos dá maior ênfase no aumento dos lucros e vantagens competitivas, porém no setor público o objetivo está ligado à melhoria dos serviços à sociedade.

Dito isso, monitorar o andamento de um projeto faz-se imperioso. Por monitoramento do projeto, entende-se o ato de acompanhar todo o seu ciclo de vida, com o intuito de garantir que o projeto esteja no caminho certo. O ciclo de vida de um projeto compreende as fases pelas quais ele passa, desde o início até seu término. A saber:

- iniciação – a fase de iniciação descreve as etapas e processos que devem ser aprovados antes do início de qualquer planejamento;

⁵ Para Coelho (2008), a noção de projeto se delinea e se intensifica a partir da dissociação entre pensamento e realização, com o advento dos primeiros momentos da Revolução Industrial e intensificada durante o século XVIII. Até então, fazer e pensar sobre o fazer tendiam a constituir uma única atividade. O gesto do mestre-artesão de um ofício ou mesmo o gesto de seu aprendiz, por exemplo, continha, a um só tempo, a suposição da realização do seu objeto, a sua possibilidade de realização e, por fim, a sua concretização propriamente dita.

- planejamento – a fase de planejamento determina o escopo do projeto e detalha os processos da fase de execução;
- execução – a fase de execução envolve a realização das atividades definidas na fase de planejamento;
- monitoramento ou manutenção – a fase de monitoramento e controle envolve a garantia de que o projeto está no caminho certo e a incorporação de todas as mudanças necessárias. Isso acontece paralelamente às fases de planejamento e execução; e
- encerramento – a fase de encerramento finaliza o projeto e sua conclusão é comunicada a todas as partes interessadas.

O monitoramento de projetos é feito por meio da comparação entre o desempenho real e as metas definidas, ou seja, mede os detalhes relacionados aos projetos – orçamentos, cronogramas, escopo etc. – em relação às suas metas.

A avaliação de projetos é o ato de analisar as informações coletadas a partir do monitoramento. Por isso o monitoramento é importante, e é nesta frente que o design da informação pode contribuir, auxiliando na configuração da informação para facilitar tomadas de decisão mais efetivas.

Haja vista a rápida profusão de dados e informações, gerenciar projetos requer cada vez mais abordagens ágeis – práticas eficazes de gestão que têm o intuito de tornar a entrega de bens e/ou serviços mais rápida, alinhando as necessidades do projeto com as do cliente – sociedade – e da organização – instituições públicas.

Os métodos ágeis enfatizam o desenvolvimento e a entrega de produtos em detrimento de documentação e planejamentos exaustivos, o que deve ser evitado por ser considerado um desperdício a ser combatido (Maximiano; Veroneze, 2022).

Inicialmente, esses métodos foram desenvolvidos para superarem as dificuldades dos métodos preditivos – tradicionais –, lidando com projetos de desenvolvimento de softwares – manifesto ágil⁶. Métodos ágeis requerem feedbacks contínuos a fim de atender à satisfação do cliente.

Nessa perspectiva, visando facilitar o acompanhamento de projetos, surgem os métodos visuais enquanto ferramentas estratégicas de apoio ao monitoramento e controle,

⁶ Disponível em: <https://agilemanifesto.org/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

numa tríade entre gestão de projetos, decisões governamentais estratégicas e informação legível e confiável, sendo este seu eixo central.

Diante disso, este estudo objetiva compreender a produção de artefatos visuais utilizados na gestão pública sob a perspectiva do design da informação, no contexto de gerenciamento de projetos, enquanto ferramenta de apoio à toma de decisão, uma vez que, de modo determinante, o design da informação deveria estar presente no planejamento e (re)organização de ideias, a fim de tornar essa compreensão mais efetiva para seus destinatários.

Trata-se de um estudo sobre o design da informação no contexto de gerenciamento de projetos no setor público, buscando enquadrar a configuração da informação como parte estratégica do gerenciamento de projetos. Pretende demonstrar que apresentações estruturadas com princípios do design da informação têm aderência ao campo das boas práticas em gestão de projetos e na prestação de um serviço público mais eficiente.

Evidenciando a importância da gestão de projetos, seja em uma organização pública ou privada, um Escritório de Gerenciamento de Projetos (EGP) apresenta-se como uma ferramenta que vem para auxiliar as organizações a gerenciar de forma mais eficiente os seus projetos. De acordo com Vargas (2005, p. 125), “o escritório de projetos é um local central para conduzir, planejar, organizar e finalizar atividades dos projetos”.

Logo, o problema de pesquisa a ser investigado, nesta realidade específica, levando-se em consideração os construtos já apresentados, é a contribuição do design da informação para a produção de artefatos visuais como ferramentas gerenciais de apoio à tomada de decisão, por meio de um estudo de caso do Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura (EGP) da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag), *locus* da presente pesquisa. Tais artefatos – apresentações digitais de slides (ADS) – são produtos elaborados e utilizados pelos gestores públicos atuantes nesse EGP.

As visualizações podem compor relatórios, dashboards, infográficos e apresentações. De acordo com Carnevalli (2020), o elemento mais relevante na visualização de dados é o foco visual para guiar a apresentação e destacar a atenção do destinatário.

Importante destacar que interpretar dados e a capacidade de extrair conhecimento útil e relevante a partir deles deveriam ser considerados importantes ativos estratégicos para qualquer organização – privada ou pública. Explorar e gerenciar dados produz vantagem competitiva (Provost; Fawcett, 2016).

Destarte, a relevância dessa pesquisa está no fato de que ela se constitui em uma ferramenta gerencial importante, uma vez que traz à luz o debate acerca de estudos referentes à temática de apresentações visuais – sob os conceitos do design da informação –, enquanto instrumentos gerenciais de apoio à tomada de decisão no contexto de gerenciamento de projetos.

1.1 Objetivos

Esta subseção apresentará os objetivos, geral e específicos.

1.1.1 Objetivo geral

Avaliar a percepção dos gestores governamentais atuantes no Escritório de Gerenciamento e Projetos de Infraestrutura (EGP) da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag) quanto à contribuição do design da informação nas apresentações comparadas para tomadas de decisão mais eficientes.

1.1.2 Objetivos específicos

1. Avaliar a percepção dos gestores governamentais atuantes no EGP quanto à liberdade em fazer suas apresentações visuais enquanto ferramental de apoio à tomada de decisão.

2. Esclarecer como competências do design da informação podem ser estratégicas aos gestores públicos.

3. Analisar o suporte material (materiais, equipamentos e tecnologias) oferecido pela Seplag para o desenvolvimento do trabalho dos gestores governamentais atuantes no EGP.

1.2 Justificativa

O interesse acerca do design da informação se iniciou, ainda que de modo seminal, antes do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign) da UFPE, quando ainda cursava um MBA em Gerenciamento de Projetos pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA.

Foi durante a disciplina Metodologia do Estudo e Didática do Ensino Superior que a

curiosidade acerca do assunto foi despertada, notadamente quando encontrei um artigo intitulado “Visualização da Informação e Métodos Visuais como Ferramentas Estratégicas para o Gerenciamento de Projetos”⁷, publicado pela revista eletrônica Revista de Gestão e Projetos (GeP), resultando na elaboração de um pré-projeto de pesquisa sob tema Design da Informação: uma proposta integrativa entre análise de dados e gerenciamento de projetos⁸.

A partir daí, foi crescendo, de modo substancial, a vontade de aprofundar os estudos correlacionando design da informação, apresentações visuais como ferramentas de gestão e gerenciamento de projetos no setor público, numa tríade de pesquisa cujo eixo central é o design da informação, alinhando minhas atividades laborais às de pesquisa, uma vez ser a pesquisadora funcionária pública efetiva no cargo de Gestora Governamental – especialidade planejamento, orçamento e gestão do Governo do Estado de Pernambuco, lotada na Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag), desempenhando suas atividades no Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura (EGP), vinculado à Secretaria Executiva de Gestão Estratégica (SEGES) da Seplag.

Embora seja um tema relevante, verifica-se uma lacuna no que diz respeito ao estudo de ferramentas de gestão visual sob conceitos do design da informação na Seplag, evidenciando a necessidade de se explorar o tema nessa área, destacando a especificidade de suas características.

Entende-se, portanto, que esta pesquisa, além de ser fonte importante para suscitar e subsidiar debates relacionados a ferramentas estratégicas em gestão de projetos no serviço público, para além do EGP da Seplag, fornecerá importantes insumos para tomadas de decisão, quanto às atividades de monitoramento e controle, servindo de base para outros órgãos e/ou cases.

1.3 Descrição do trabalho

Essa dissertação compreende sete capítulos, cujos conteúdos resumem-se em:

No **capítulo 2** – gestão de projetos –, trataremos acerca de gerenciamento de projetos sob os conceitos do Project Management Institute (PMI), abordando a necessidade e as características do Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura (EGP) da

⁷ Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/gep/article/view/9685>. Acesso em: 20 fev. 2024.

⁸ A atividade foi ministrada pelo professor Me. Gustavo Leite de Oliveira, durante o curso de pós-graduação *lato sensu* MBA em Gerenciamento de Projetos, com 360 horas-aula, realizado no período de 04/11/2021 até 09/06/2022.

Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag), órgão da administração direta do Governo do Estado.

A seguir, no **capítulo 3** – tomada de decisão –, objetivou-se discorrer acerca da necessidade de ferramental gerencial de apoio à tomada de decisão em gerenciamento de projetos por meio de apresentações visuais – apresentações digitais de slides (ADS).

No **capítulo 4** – design da informação –, apresenta o enfoque do presente estudo, qual seja: a visualização de dados e informações sob os conceitos do design da informação no contexto de gerenciamento de projetos na esfera pública.

No **capítulo 5** – percurso metodológico –, apresentação dos procedimentos aplicados na investigação do problema proposto neste estudo, em que será possível evidenciar o caminho percorrido, como a pesquisa será realizada, e como serão desenvolvidas a coleta de dados e a análise dos resultados. Assim, o capítulo será segmentado nas seguintes seções: (i) delineamento da pesquisa; (ii) seleção dos sujeitos de pesquisa; (iii) coleta dos dados; (iv) perfil dos sujeitos da pesquisa; (v) síntese metodológica; e (vi) limitações do estudo.

Já no **capítulo 6** – apresentação e análise dos resultados –, serão apresentados os resultados da análise dos dados, seguindo a mesma sequência dos objetivos específicos desta dissertação. O capítulo será dividido nas seguintes seções: (i) liberdade de produção das apresentações visuais; (ii) competências do design da informação enquanto diferencial estratégico, e (iii) suporte material oferecido pela Seplag.

No **capítulo 7** – discussão dos resultados – a partir da apresentação e análise dos resultados, serão comentados os resultados obtidos na sequência dos objetivos específicos definidos nesta pesquisa.

Por fim, no **capítulo 8** temos as considerações finais.

2 GESTÃO DE PROJETOS

De acordo com o Project Management Institute (PMI)⁹, projeto¹⁰ “é um esforço **temporário** empreendido para criar um produto, serviço ou resultado **único**” (PMI, 2021, p. 04, grifo nosso). A natureza temporária dos projetos indica um início e um fim para o trabalho do projeto ou para uma de suas fases.

Projeto é um empreendimento não repetitivo, caracterizado por uma sequência clara e lógica de eventos, com início, meio e fim que se destina a atingir um objetivo claro e definido, sendo conduzido por pessoas dentro de parâmetros predefinidos de tempo, custo, recursos envolvidos e qualidade (Vargas, 2016, p. 07).

Para Vargas (2002), as principais características de um projeto são a sua temporalidade, a individualidade do produto ou serviço a ser desenvolvido pelo projeto, a complexidade e a sua incerteza.

Projetos podem ser independentes ou fazer parte de um programa ou portfólio. Programa é um grupo relacionado de projetos, subprogramas e atividades de programa, gerenciados de forma coordenada para a obtenção de benefícios. Portfólio são projetos, programas, subportfólios e operações gerenciadas em grupos para alcançar objetivos estratégicos.

Em um contexto institucional, os projetos sempre estão a serviço da estratégia, pois é da estratégia que deriva o portfólio, o qual elenca programas e projetos que, em última análise, culminam na criação de um fluxo contínuo de geração e entrega de valor.

Projetos criam entregas exclusivas. Visam obter de modo efetivo um resultado esperado por meio de um esforço contínuo, também denominado processos de gerenciamento, em que é empregado um conjunto de conhecimentos, habilidades, ferramentas e técnicas. Projeto é orientado para realizar uma tarefa específica, não rotineira, caracterizadas como atividades continuadas, sem prazo para terminar. Projetos são feitos para alcançar resultados, e para isso necessitam de gestão – seja ela preditiva, ágil ou híbrida. Uma gestão híbrida é aquela que combina várias abordagens de gerenciamento em uma única metodologia.

Cada projeto é único, mesmo que seja parecido ou uma cópia de outro já feito antes. Por isso, o novo produto ou serviço que é criado tem suas próprias características especiais que o tornam diferente de qualquer outro. Além disso, há outros fatores que contribuem para

⁹ Disponível em: <https://www.pmi.org>. Acesso em: 10 jul. 2024.

¹⁰ A conceituação de projeto, neste trabalho, seguirá o entendimento do Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos (Guia PMBOK). 7 ed. PMI, 2021.

essa característica única de todos os projetos, como o lugar em que foram criados, os recursos disponíveis e a situação em que foram desenvolvidos.

Todo projeto tem um começo e um fim definidos, mesmo que o que foi criado dure por muito tempo depois disso. Ou seja, quando o projeto é entregue, ele é considerado encerrado. Isso é muito importante, porque é a principal característica que o diferencia dos processos operacionais de uma organização. Para ser considerado um projeto, ele deve ter um objetivo específico a ser alcançado.

De maneira simples, a gestão de projetos pode ser entendida como a transformação de ideias em resultados no plano concreto, por meio de um plano executável mediante boas práticas de elaboração e condução.

Gestão de projetos “é o processo de tomar e implementar decisões para escolher, **planejar, executar, controlar e encerrar** o projeto” (Maximiano; Veroneze, 2022, p. 02, grifo nosso). Conforme o PMI (2021), gestão de projetos é um planejamento em que há um método sistemático de gerir um trabalho ou uma atividade para entregar resultados planejados. Por definição, gestão de projetos é

a aplicação de conhecimentos, habilidades, ferramentas e técnicas às atividades do projeto para cumprir os requisitos definidos. O gerenciamento de projetos refere-se a orientar o trabalho do projeto para entregar os resultados pretendidos (PMI, 2021, p. 04).

Nenhum projeto é uma construção hermética, encapsulada. Sua natureza é inerentemente mutável, adaptativa. Há de se personalizar esforços para atingir as necessidades do projeto e, como cada projeto é único, deve-se escolher a melhor metodologia – processos e abordagens – para a sua consecução. Dito isso, as boas práticas em gerenciamento de projetos contribuem para o seu sucesso, com entregas efetivas de resultados e valor agregado¹¹.

As boas práticas em gerenciamento de projetos são preconizadas e disseminadas pelo guia PMBOK, publicado pelo Project Management Institute (PMI)¹², quais sejam:

- definir objetivos claros;
- planejar detalhadamente;
- alocar recursos adequadamente;
- estabelecer uma comunicação eficaz;
- gerenciar os riscos, monitorar e controlar; e

¹¹ Por “valor agregado” entende-se o benefício, a importância ou a utilidade de algo. Para cada stakeholder – parte envolvida – haverá valor diferente associado, conforme PMI (2021).

¹² Disponível em: <https://pmipe.org.br/pagina/63/?7a-edicao-do-guia-pmbok.html>. Acesso em: 20 jan. 2024.

- adotar metodologias.

Na administração pública, uma das relações que caracteriza a gestão de projetos é a sua conexão com a execução orçamentária estatal – o orçamento público. É no orçamento público, caracterizado por ser um instrumento de planejamento, onde se encontram contemplados os recursos a serem utilizados pelo governo; recursos, estes, provenientes de impostos e taxas, os quais são convertidos, por sua vez, em obras / equipamentos, bens e/ou serviços que beneficiem a coletividade.

O orçamento público, peça de planejamento governamental, compreende a elaboração e execução de três Leis: o Plano Plurianual (PPA); a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) e o Orçamento Anual (LOA) que, em conjunto, materializam o planejamento e a execução das políticas públicas.

Em assim sendo, com a elaboração da proposta orçamentária – estabelecimento dos planos e objetivos que se pretendem alcançar, por meio do PPA, norteado pelas diretrizes da LDO, as quais definem a forma de como o Plano será implementado, seguindo a proposta orçamentária anual que, após discussão e votação e aprovação serão, então, executadas – se configura o chamado ciclo orçamentário, processo este dinâmico, cíclico, mutável e contínuo.

Para além dessa relação, projetos do setor público possuem muitas especificidades, em detrimento da iniciativa privada, como influência de prazos / interesses políticos, atendimento a questões legais em termos de licitação / contratação e uso de recursos financeiros públicos.

2.1 Escritório de gerenciamento de projetos (EGP)

Atualmente, várias organizações estão adotando estruturas de Escritórios de Gerenciamento de Projetos – os EGPs – ou Project Management Office (PMO), em suas atividades de gerenciamento de projetos.

Um Escritório de Gerenciamento de Projetos (EGP)¹³ possui como principal função estruturar a metodologia dos projetos, adaptando-os sem que percam a sua estrutura inicial. “O escritório de projetos é um local central para conduzir, planejar, organizar e finalizar

¹³ No contexto do guia PMBOK, em sua sétima edição, “o escritório de gerenciamento de projetos (EGP) representa uma estrutura de gerenciamento que padroniza os processos de governança relacionados ao projeto e facilita o compartilhamento de recursos, ferramentas, metodologias e técnicas” (PMI, 2021, p. 211).

atividades dos projetos. É um local central para conduzir, planejar, organizar, controlar e finalizar as atividades do projeto” (Vargas, 2005, p. 125).

A função do Escritório em uma organização pode variar de uma assessoria, limitada à recomendação de políticas e procedimentos para projetos individuais, até uma estrutura gerencial completa, que, além de administrar os projetos específicos, irá estabelecer as políticas aplicáveis a projetos e à gestão estratégica desses empreendimentos. Trabalha-se o ciclo de vida do projeto, qual seja: iniciação, planejamento, monitoramento e controle e encerramento.

De acordo com o PMI (2021), EGPs eficazes contribuem com três itens-chave que apoiam a entrega de valor: primeiro, promovem a entrega e as capacidades orientadas a resultados, vez que se concentram em processos de governança de dimensionamento correto, baseado em características exclusivas de cada projeto a fim de produzir resultados de alta qualidade com eficiência, tempestividade e eficácia.

Segundo, mantém a perspectiva da visão geral do projeto. O desvio do escopo e novas prioridades não alinhadas às metas estratégicas ou de negócios podem permitir que os projetos saiam do curso e nisso EGPs robustos avaliam o desempenho dos projetos com vistas ao aprimoramento contínuo, avaliando o trabalho no contexto do sucesso geral da organização, em vez de maximizar os resultados de um projeto específico, fornecendo às equipes de projeto, à alta administração e aos líderes de negócios informações e orientações que os auxiliem na compreensão das circunstâncias atuais e as opções de apoio à tomada de decisão.

Por último, aprimoramento contínuo, transferência de conhecimento e gerenciamento de mudanças.

EGPs robustos compartilham regularmente os resultados do projeto com toda a organização para transferir o valioso conhecimento obtido em cada projeto. As atividades de aprendizagem e compartilhamento informam os objetivos estratégicos e de negócios, ao mesmo tempo em que aprimoram as atividades que fortalecem a entrega de projetos futuros. O gerenciamento eficaz de mudanças organizacionais constrói e sustenta o alinhamento com atualizações de processos, aprimoramentos da capacidade e novas habilidades que oferecem suporte ao gerenciamento de projetos (PMI, 2021, p. 213).

2.1.1 O escritório de gerenciamento de projetos de infraestrutura da Seplag

O *locus* de pesquisa desta pesquisa é o Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura (EGP) da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag). Vinculado à Secretaria Executiva de Gestão Estratégica (SEGES), o

Escritório, ou PMO de controle, aporta metodologia própria de gerenciamento de projetos adequada à realidade organizacional do Estado, baseada nas melhores práticas em gerenciamento de projetos preconizadas pelo guia de gerenciamento padrão de projetos, o guia PMBOK, fornecendo suporte às Secretarias finalísticas do Estado, quando do gerenciamento de projetos prioritários. Seus principais serviços são:

- aportar metodologia de gerenciamento de projetos;
- realizar integração entre secretarias e órgãos e seus departamentos;
- reportar o desempenho dos projetos à alta gestão do Estado;
- levantar os pontos críticos e auxiliar nas suas resoluções;
- atualizar periodicamente as informações dos projetos e disponibilizá-las em tempo real às partes interessadas;
- realizar reuniões com a alta gestão e equipe técnica;
- subsidiar a alta administração de informações para a tomada de decisão.

O EGP da Seplag foi criado em maio de 2009, trazendo desde seu berço a marca de grandes projetos que, por sua vez, resultam em grandes entregas à população. Possui como missão aportar metodologia de gerenciamento de projetos no Estado de Pernambuco, auxiliando suas secretarias e órgãos executores na condução dos projetos prioritários do Governo do Estado, contribuindo para o alcance dos objetivos estratégicos e para a consecução das entregas à sociedade.

Como visão, consolidar-se como referência em gerenciamento de projetos públicos no cenário nacional. Para tanto, tem como objetivos difundir o ecossistema de gerenciamento de projetos nas entidades do Governo do Estado e aprimorar a metodologia por meio da ciência de dados.

Seu escopo integra uma carteira de projetos prioritários do Estado de Pernambuco que possuem valor de investimento acima de R\$ 10 milhões e tempo de execução a partir de 06 meses, além de projetos que fogem a esse preceito geral por demanda direta do chefe do Poder Executivo do Estado.

Aborda uma metodologia preditiva – tradicional –, porém vem aperfeiçoando seus métodos ao longo de sua existência com, por exemplo, aplicação de planejamento por ondas sucessivas, formulação de metodologia de gerenciamento de projetos baseada em métodos

ágeis – Scrum e Kanban¹⁴–, assim como na gestão do trabalho, realizando reuniões semanais.

Devido ao ambiente cada vez mais complexo dos projetos no âmbito público, a necessidade de apoio especializado no controle dos empreendimentos contribui significativamente para o sucesso dos trabalhos. Dito isso, se faz premente a necessidade estratégica de mecanismos de suporte à análise e tomada de decisão, como é o caso proposto nesta pesquisa, acerca da importância das apresentações produzidas e utilizadas pelos gestores públicos.

Quanto à Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag), trata-se do órgão responsável pelo desenvolvimento e disseminação de práticas preconizadas pelo Modelo Integrado de Gestão do Poder Executivo do Estado de Pernambuco¹⁵ o qual, conforme a Lei Complementar nº 141, de 03 de setembro de 2009, em seu artigo 3º, diz respeito à organização sistêmica das funções relacionadas com os instrumentos formais de planejamento e ferramentas de gestão adotadas pela administração pública estadual.

Criada em 2007, em substituição à Secretaria de Administração e Reforma do Estado, órgão da administração direta do poder executivo estadual, a Seplag integra, desde então, o Núcleo Estratégico da Administração do Estado. Atualmente, sua denominação e competência estão dispostas na Lei Estadual nº 18.139, de 18 de janeiro de 2023¹⁶.

A estrutura organizacional da Seplag é composta pelas seguintes Secretarias Executivas:

- Secretaria Executiva de Coordenação Geral (Secoge);
- Secretaria Executiva de Planejamento e Orçamento (SEPO);
- Secretaria Executiva de Gestão Estratégica (SEGES);
- Secretaria Executiva de Gestão para Resultados (SEGPR);
- Secretaria Executiva de Desenvolvimento Regional e Captação (SEDRRC);

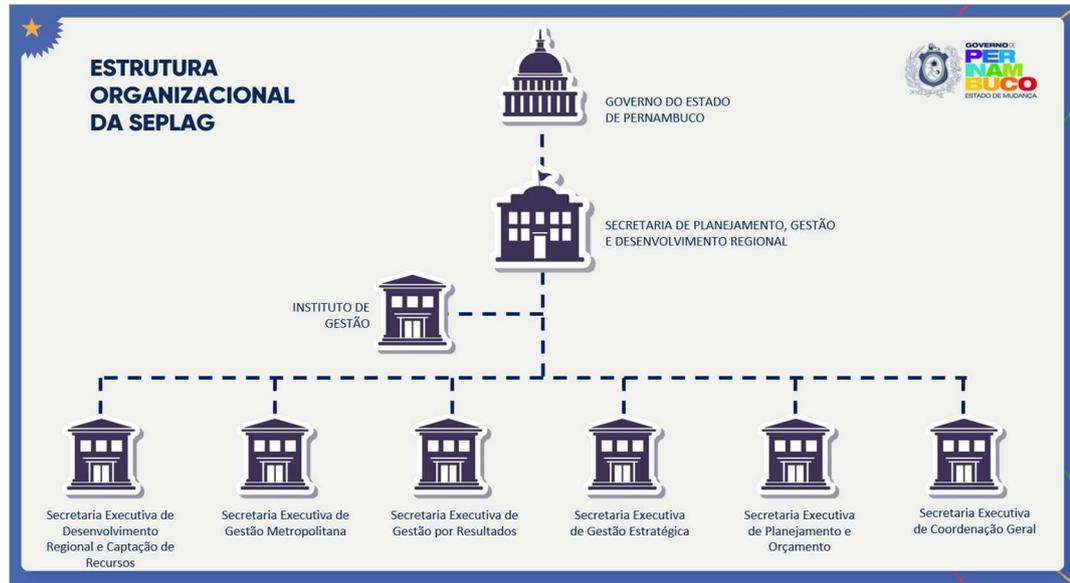
¹⁴ Kanban é uma estrutura ágil de gestão de projetos que depende de tarefas visuais para gerenciar fluxos de trabalho; trata-se de uma ferramenta de planejamento visual de gestão de tarefas, com três colunas principais. Cada coluna representa uma etapa diferente de seu fluxo de trabalho ou projeto – “to do” (para fazer, em livre tradução) –, “doing” (em andamento, em livre tradução) – e “done” (finalizado, em livre tradução). Já o Scrum é uma estrutura ágil de gestão de projetos que ajuda as equipes a estruturar e gerenciar o trabalho por meio de um conjunto de valores, princípios e práticas, auxiliando as equipes a organizar o trabalho em ciclos curtos de desenvolvimento – chamados de sprints (PMI, 2021).

¹⁵ Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=2456&tipo=TEXTTOORIGINAL>. Acesso em 23 jan. 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=1&numero=18139&complemento=0&ano=2023&tipo=&url=>. Acesso em: 23 jan. 2023.

- Secretaria Executiva de Gestão Metropolitana e Parcerias Estratégicas (SEGM).

Figura 1 – Estrutura organizacional da Seplag



Fonte: Seplag (2024)

A Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag) possui como atribuições institucionais:

- planejar, desenvolver e acompanhar ações que visem ao desenvolvimento territorial, econômico e social do Estado de Pernambuco, bem como coordenar a gestão metropolitana, com vistas a promover a melhoria das grandes cidades, regiões metropolitanas e aglomerações urbanas;
- coordenar o processo de planejamento governamental, inclusive o plano plurianual; coordenar a descentralização das ações governamentais;
- normatizar os procedimentos relativos ao processo de elaboração, execução e acompanhamento da legislação orçamentária do Estado;
- coordenar o processo de elaboração das diretrizes orçamentárias e os orçamentos estaduais; coordenar a gestão estratégica do Governo do Estado, propor o desenvolvimento e aperfeiçoamento do modelo de gestão;
- sistematizar o gerenciamento dos projetos estratégicos do Governo do Estado;

- coordenar, conjuntamente com a Secretaria da Fazenda, o processo de captação e aplicação de recursos, promovendo o relacionamento do Governo do Estado com organizações nacionais e internacionais de financiamento;
- coordenar a atuação de todas as Secretarias e órgãos vinculados à Governadoria, quanto às relações do Estado com os Municípios;
- planejar, elaborar, executar e contratar projetos para a execução de obras, serviços ou quaisquer outros objetos de convênios, contratos, acordos, ajustes ou instrumentos congêneres;
- promover parcerias com os Municípios, apoiando-os tecnicamente na elaboração de projetos e ações que contribuam com o desenvolvimento das cidades, oferecendo suporte técnico aos entes municipais para identificação de oportunidades de financiamento;
- promover o debate das políticas estaduais para cada região e da integração das economias regionais;
- coordenar as atividades do Poder Executivo Estadual em nível regional, bem como com entidades não-governamentais, concernentes aos aspectos administrativos, políticos e de representação voltados para ampliar e fortalecer o desenvolvimento social e econômico de Pernambuco;
- coordenar a criação e o funcionamento dos comitês e conselhos de articulação regional;
- promover a participação dos municípios, por meio dos comitês e conselhos, na instância especial do Poder Executivo Estadual de consulta à sociedade e no processo de elaboração do planejamento e acompanhamento das políticas públicas;
- acompanhar a execução das emendas parlamentares ao orçamento estadual destinadas a obras e serviços municipais, inclusive auxiliando os Municípios na elaboração e execução de projetos;
- realizar, nos Municípios, obras de interesse da população local e regional, bem como organizar a prestação direta de serviços estaduais nessas hipóteses;
- acompanhar e auxiliar o planejamento e a execução de serviços de interesse comum pelas regiões metropolitanas.

3 TOMADA DE DECISÃO

Haja vista o presente estudo objetivar investigar a contribuição do design da informação para a produção de artefatos visuais enquanto ferramental gerencial de apoio à tomada de decisão, se faz necessário conceituar o que é tomada de decisão. Tomemos como base o abordado por Cruz *et al* (2014), em que tomada de decisão consiste na escolha do melhor caminho para alcançar um objetivo. Trata-se de um processo cognitivo que envolve a avaliação e a escolha entre diversas alternativas ou opções possíveis.

Tomar decisão é algo inerente à vida; a todo tempo decidimos por algo, tanto como indivíduos e/ou como administradores / gestores. Em gerenciamento de projetos, com a quantidade de dados e informações que se apresentam e transmutam, torna-se imperativo o uso de ferramentas, instrumentos e mecanismos que sirvam ao apoio à tomada de decisão e, evidentemente, a seus tomadores.

A alternativa que é finalmente selecionada nunca permite a realização completa ou perfeita dos objetivos, **mas é apenas a melhor solução disponível nas circunstâncias**. A situação ambiental inevitavelmente limita as alternativas disponíveis e, portanto, estabelece um nível máximo possível de alcance do objetivo (SIMON, 1997, p. 05, grifo nosso).¹⁷

Escolher, decidir, é a seleção de uma dentre inúmeras alternativas comportamentais possíveis, para ser levada a cabo. Todo comportamento envolve uma seleção deste tipo, consciente ou inconsciente. Uma decisão é o processo através do qual esta seleção é efetuada. A racionalidade é um critério utilizado na decisão e é justificado na teoria com base no pressuposto de que os agentes possuem a intenção de racionalidade.

A racionalidade é definida como uma relação de adequação, eficácia, entre fins pré-estabelecidos e meios para atingi-los. Para Simon (1997), a definição destes fins é uma questão de valor e, portanto, foge ao escopo da ciência, já a adequação entre meios e fins é uma questão de fato. A avaliação factual dedutiva desta adequação envolve, em teoria, três etapas, a saber:

- a listagem de todos os comportamentos alternativos possíveis;

¹⁷ The alternative that is finally selected never permits a complete or perfect achievement of objectives, **but is merely the best solution that is available under the circumstances**. The environmental situation inevitably limits the alternatives that are available, and hence sets a maximum to the level of attainment of purpose that is possible (SIMON, 1997, p. 05, grifo nosso).

- a determinação de todas as consequências que se seguirão, no futuro, à adoção de cada uma dessas alternativas – de maneira determinista ou sob a forma de distribuição de probabilidades –;
- a comparação das alternativas, que devem ser avaliadas pelos conjuntos de consequências que se seguem a cada uma delas, de acordo com os fins pré-estabelecidos.

Uma decisão eficaz é aquela que produz o resultado necessário. Ela não necessariamente produz o efeito ideal, no entanto seus resultados são minimamente satisfatórios. Já uma decisão eficiente, por sua vez, está mais relacionada aos meios utilizados para chegar a um objetivo. Nesse sentido, ela se preocupa com a economia dos meios, com o menor consumo possível dos recursos. Por fim, temos a efetividade que, no contexto da administração pública, representa a medida em que os resultados de determinada ação podem trazer benefícios à população. Sendo assim, uma decisão efetiva é aquela que provoca um impacto em determinado meio.

Contudo, faz-se importante mencionar que a natureza da decisão não é apenas um atributo da espécie humana; decisões ditas “racionais” constituem um conceito complexo, e nem sempre tomamos decisões meramente racionais. Fatores não racionais existem na maioria das decisões humanas, mesmo que o agente decisor esteja totalmente comprometido em tomar uma decisão puramente racional. As decisões podem ser enviesadas por vários motivos.

A programação biológica, o instinto, ainda está - e continuará a estar - atuante nas decisões e nas ações humanas. **Os atributos ligados à emoção, à efetividade e à intuição também não são exclusivamente humanos e estão presentes nas nossas ações e decisões.** Ainda que possamos hoje confiar nos conceitos da racionalidade, a aplicação do conceito adequado na análise de uma dada ação humana pode exigir de nós certos ajustes e ponderações. Separar - em uma dada ação humana - a quantidade de seres instintivos, afetivos, compulsivos e racionais é praticamente impossível (Cruz *et al*, 2014, p. 47, grifo nosso).

O design e seu grau de envolvimento no processo de transformação de dados primários em informação e da informação em conhecimento se faz relevante, uma vez que o design pode facilitar a maneira como os dados e informações são apresentados, facilitando sua recepção e interpretação, contribuindo para tomadas de decisão mais eficientes (Bonsiepe, 2011).

4 DESIGN DA INFORMAÇÃO

Design da informação diz respeito a preparar a informação para que ela possa ser utilizada com efetividade. Visa a desenvolver documentos que sejam compreensíveis e facilmente recuperáveis. De acordo com Horn (1999), o design da informação é definido como a arte e a ciência de preparar a informação para que possa ser utilizada pelos seres humanos com eficiência e eficácia. Visa a ampliar novas lentes estéticas, principalmente a cognição dos indivíduos.

Na presente investigação, observou-se aspectos de legibilidade e leiturabilidade das apresentações visuais produzidas pelo EGP da Seplag, a fim de facilitar a tomada de decisão sob a perspectiva do design da informação, indo ao encontro do que afirmam Wildbur; Burke (1998), quanto ao objeto do design da informação, a saber: a seleção, organização e apresentação da informação para uma dada audiência. O uso de técnicas do design da informação serve para melhorar o processo comunicacional em apresentações visuais e, conseqüentemente, o processo de tomada de decisão.

Conforme a Sociedade Brasileira de Design da Informação (SBDI)¹⁸:

Design da Informação é uma área do Design cujo propósito é a definição, planejamento e configuração do conteúdo de uma mensagem e dos ambientes em que ela é apresentada, com a intenção de satisfazer as necessidades informacionais dos destinatários pretendidos e de promover a eficiência comunicativa.

Embora comumente relacionado ao design gráfico e ao processo de desenvolver mapas, infográficos e demais grafismos correlatos, fundamentados pela linguagem visual, o design da informação também é considerado um processo estrutural da informação em um sentido mais amplo. O design de informação prepara a informação de modo que seja facilmente assimilada pelos destinatários.

Definido como a ciência de preparar a informação para que ela possa ser usada pelas pessoas com eficiência e eficácia, o design da informação visa desenvolver documentos que sejam compreensíveis e rapidamente recuperáveis (Horn, 1999).

Design da informação estuda, no âmbito teórico e experimental, as práticas de negociação de sentidos dados aos artefatos de informação, da relação entre as pessoas e os sistemas simbólicos de forma que a construção dos significados se dê mais próxima ao desejado, buscando tornar o processo fácil, eficiente e satisfatório.

¹⁸ SOCIEDADE BRASILEIRA DE DESIGN DA INFORMAÇÃO (SBDI). Brasil, 2020. Disponível em: <http://sbdi.org.br/definicoes>. Acesso em: 01 abr. 2023.

Com a profusão de dados disponíveis, não só as empresas – iniciativa privada –, mas também o setor público tem o interesse de explorá-los, a fim de obter vantagem competitiva – no serviço público, práticas alinhadas à governança e geração de valor social / público. Como dispõe Provost; Fawcett (2016), dados e a capacidade de extrair conhecimento útil a partir deles devem ser considerados importantes ativos estratégicos.

Destarte, a perspectiva deste estudo é a visualização de dados e informações sob os conceitos do design da informação. Projetar informações, segundo Bonsiepe (1999), significa ordenar uma massa de partículas informáticas, ajudando os usuários, no caso, os gestores governamentais do Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura (EGP) da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag), a se mover no espaço informático, reduzindo sua carga cognitiva.

Ainda segundo Bonsiepe (2011), a maneira como os dados e informações são apresentados tem um papel importante, e o design pode facilitar a recepção e interpretação, permitindo uma ação mais eficiente. Tratam-se de visualizações cujo intuito é a compreensão e a rápida recuperação de seu conteúdo. O design de informação é mais que uma tradução para a linguagem visual, uma vez que o trabalho do designer de informação se inicia com a estruturação dos conjuntos de dados (Bonsiepe, 1999).

Horn (1999) aborda que são necessários meios mais apurados e eficientes para gerenciar a grande quantidade de informações produzidas na sociedade atualmente; contudo, apenas armazenar grandes quantidades de informações e recuperá-las não atende às necessidades informacionais das pessoas.

Como menciona Pettersson (2002), para satisfazer as necessidades informacionais dos indivíduos que irão interagir com a informação, a atividade de design da informação compreende análise, planejamento, apresentação e o entendimento de uma mensagem levando em conta seu conteúdo, linguagem e forma que é apresentada.

Sua contribuição consiste em reduzir carga cognitiva e produzir clareza, a fim de contribuir para uma melhor compreensão. Dessa forma, deságua em eficiência comunicacional a partir de uma aplicação equilibrada de recursos audiovisuais (Bonsiepe, 2011).

A organização de dados e informações é um processo que visa reconhecer o sentido do conteúdo a fim de refinar e reduzir uma abundância de dados em informação significativa e passível de utilização (Souza; Jorente, 2021). Uma visualização eficiente deve potencializar a clara compreensão da informação, além de aumentar a quantidade de informações compreendidas e apreendidas (Barbosa *et al*, 2018).

Segundo Jorente (2020), o design da informação organiza dados significativos tornando informações acessíveis a comunidade de interesse, facilitando tomadas de decisão. Trata-se de uma comunicação intencional e estratégica, objetivando entregar uma mensagem prática e específica ao destinatário por meio de elementos visuais, tornando-os instrumentos gerenciais de apoio à tomada de decisão. É o design da informação como *práxis* da comunicação, daquilo voltado para as relações sociais e as reflexões políticas, econômicas e éticas. Difere, pois, da comunicação casual ou meramente estética, a qual deixa aberto o espaço contemplativo e aceita amplitudes de interpretações.

A discussão, segundo Simon (1997), é que administrar e tomar decisões não diz respeito apenas ao “fazer”, mas produzir valor agregado – o que lhe garante relevância na esfera pública, vez que o objetivo é o valor público que toda e qualquer decisão deve trazer para a sociedade.

Logo, a intenção deste estudo, com a aplicação dos conceitos do design da informação, é a de dotar as apresentações de melhor organização informacional, tornando-as esteticamente mais agradáveis, numa tentativa de melhorar sua performance, tempo de leitura e compreensão do conteúdo.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, será descrito o percurso metodológico deste estudo. Inicialmente, serão apresentados o tipo e a abordagem escolhidos, seguindo pelo delineamento da pesquisa; seleção dos sujeitos; coleta de dados; perfil dos sujeitos e síntese metodológica. Em seguida, abordagem quanto às limitações do estudo.

Por fim, os resultados da presente investigação serão detalhados no capítulo 6 – apresentação e análise de dados –, seguindo a mesma sequência dos objetivos específicos desta dissertação, por meio do formulário aplicado, observando-se o modo de simbolização – compreendendo os gráficos e tudo o que não for decididamente verbal ou pictórico – presente nas apresentações contidas no formulário de pesquisa. Para análise das apresentações, o percurso se iniciou na investigação do estado da arte dos estudos sobre powerpoints – também chamados de slideshows¹⁹ –, sendo a base analítica adotada neste trabalho baseada nos preceitos do design da informação, de acordo com Horn (1999), quanto à preparação da informação a ser comunicada, a facilidade de leitura e seu uso para guiar ações.

Para que uma investigação seja relevante, é necessário que ela propicie contribuições não só para a ciência, mas também para a realidade pesquisada. No intuito de evidenciar a relevância do tema, tanto para o meio acadêmico quanto para a gestão pública, algumas questões são imperiosamente expostas, com o fim de entender os fundamentos teóricos-acadêmicos e as perspectivas de gestão de projetos no setor público, na ótica da atividade estatal focada na transparência, na economicidade e na eficiência e eficácia – efetividade – na gestão dos recursos socioeconômicos.

A presente pesquisa se caracteriza como do tipo descritiva, de caráter qualitativo, tendo o estudo de caso como o método escolhido, sendo entrevistados quatro gestores governamentais – especialidade planejamento, orçamento e gestão, selecionados por meio de amostra por conveniência, via roteiro semiestruturado, além da técnica de observação participativa. A pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno (Gil, 2005).

A abordagem escolhida foi a qualitativa, a qual visa qualificar os resultados obtidos por meio de um estudo de caso único como temática de pesquisa. Para Creswell (2009, p.15), a pesquisa qualitativa pode ser definida como

¹⁹ Doravante tratados por sua nomenclatura técnica, apresentações digitais de slides (ADS).

um processo de investigação e entendimento baseado em tradições de investigação metodológicas que exploram o problema humano e social. O pesquisador constrói um quadro complexo e holístico, analisa palavras, reporta detalhadamente as visões de informantes e conduz o estudo em um campo natural (Creswell, 2009, p.15).

Esta pesquisa utilizou o estudo de caso como método, uma vez que o trabalho foi realizado no Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura (EGP), da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag). A escolha do órgão está ligada ao critério conveniência, haja vista a pesquisadora fazer parte do quadro de servidores públicos da Seplag, enquanto gestora governamental – especialidade planejamento, orçamento e gestão.

Collis; Hussey (2005) observam que é por meio dos estudos de caso que a teoria existente é utilizada para entender e explicar o que está acontecendo; relatam que uma unidade de análise é o tipo de caso na qual estão interligadas as variáveis ou fenômenos que estão sendo pesquisados e o problema de pesquisa, bem como os dados a serem coletados e analisados. Uma abordagem de estudo de caso implica em uma única unidade de análise, que pode vir a ser uma empresa ou um grupo de trabalhadores, um acontecimento, um processo ou até mesmo um só indivíduo.

O EGP da Seplag é composto por um gerente geral, uma gerente e quatro gestores, incluindo a pesquisadora deste estudo, todos servidores efetivos de carreira, integrantes do quadro de gestores governamentais – especialidade planejamento, orçamento e gestão do Governo do Estado de Pernambuco; três residentes em gestão pública, selecionados por meio de um convênio entre a Seplag e a Universidade de Pernambuco (UPE), e um estagiário de nível médio. A coleta de dados limitou-se, por conveniência, aos gestores governamentais. Desse modo, os sujeitos que constituem a unidade de observação pesquisada foram: o gerente geral, a gerente, e três gestores governamentais.

Segundo Yin (2001), existem basicamente seis tipos de técnicas de coleta de dados em estudo de caso. Nesta pesquisa, foram utilizadas duas delas: entrevistas individuais em profundidade e observação participante. A escolha dessas técnicas de coleta de dados está diretamente relacionada ao tipo de pesquisa que se pretende realizar, sendo o objetivo perceber a compreensão dos gestores públicos acerca da forma como são comunicadas as informações e os elementos visuais presentes nas apresentações produzidas e utilizadas pelo o EGP da Seplag. Gil (2002) considera a entrevista uma técnica de coleta de dados a qual envolve duas pessoas numa situação face a face, em que uma delas formula questões e a outra responde. Para melhor direcionamento das entrevistas, foi utilizado um roteiro semiestruturado.

Por meio da observação participante, segundo Collis; Hussey (2005), o pesquisador fica completamente envolvido com os participantes e com os fenômenos que estão sendo investigados. Marconi; Lakatos (2000) esclarecem que a observação participante não utiliza instrumentos como questionários. Com essa técnica, o pesquisador tem a capacidade de analisar, em detalhes, os eventos, descrever o que e de que forma aconteceu, justamente porque os conhece e está imerso neles.

Neste trabalho, a pesquisadora é também gestora governamental – especialidade planejamento, orçamento e gestão, o que permitiu interpretar os dados coletados com maior precisão, traduzindo as opiniões qualitativas dos entrevistados à luz da realidade da Secretaria.

5.1 Delineamento da pesquisa

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa – a qual visa qualificar os resultados obtidos por meio de um estudo de caso único como técnica de pesquisa – uma vez que se propõe a estudar um fenômeno específico por meio de elementos situacionais dentro de seu contexto real. Para Gil (2021), o estudo de caso é uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto e no momento em que a pesquisa é realizada.

Quanto aos fins, o estudo se caracteriza como descritivo, o qual, segundo Gil (2002), tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Neste trabalho, optou-se pelo desenvolvimento de um estudo de caso único, de corte transversal, com a finalidade de propiciar um entendimento mais aprofundado a respeito de como o design da informação – aplicado nas apresentações visuais produzidas e utilizadas pelos gestores governamentais do Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura (EGP) da Seplag –, afeta a eficiência comunicativa desses artefatos, enquanto ferramental de gestão de suporte à tomada de decisão.

As ADS analisadas dizem respeito a algumas das metas prioritárias²⁰ da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Prevenção a Violência do Estado de Pernambuco (SJDH), acompanhadas pelo o EGP da Seplag no ano de 2022.

²⁰ Por meta prioritária entende-se o disposto na Lei Complementar nº 141, de 3 de setembro de 2009, a qual dispõe sobre o Modelo Integrado de Gestão do Poder Executivo do Estado de Pernambuco, em seu artigo 19. Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=2&numero=141&complemento=0&ano=2009&tipo=&url=>. Acesso em: 13 fev. 2024.

O presente estudo obedeceu a um protocolo de pesquisa, o qual contemplou as seguintes etapas:

1. Observação do melhor momento para a coleta de dados, devendo a pesquisadora providenciar um ambiente silencioso e apropriado para a entrevista, a qual será gravada;
2. Leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – após sua leitura pela pesquisadora, deverá ser assinado, em duas vias, pela pesquisadora e entrevistado, ficando cada um com uma via. No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, constarão o tema e objetivos (geral e específicos) da pesquisa;
3. Aplicação de formulário – Ficha de Informação Demográfica e Funcional;
4. Início da entrevista – com auxílio de um roteiro;
5. Gravação da entrevista;
6. Transcrição da entrevista.

De acordo com Yin (2015), o protocolo de pesquisa é mais do que um questionário ou instrumento, mas sim “uma maneira importante de aumentar a confiabilidade da pesquisa de estudo de caso e se destina a orientar o pesquisador na realização da coleta de dados de um caso único” (Yin, 2015, p. 88).

5.1.1 Seleção dos sujeitos da pesquisa

Partindo do pressuposto de que a pesquisa qualitativa não possui como objetivo principal a generalização e de que o estudo de caso se propõe a estudar de forma profunda um objeto inserido em um contexto real específico, a seleção intencional foi adotada neste trabalho. Dito isso, é importante destacar critérios específicos para a escolha dos sujeitos que, naturalmente, possuam vínculo com a problemática de pesquisa e garantam a relevância dos atores aos propósitos de estudo, consoante com o que propõe Merriam (2009).

Tomando por base os objetivos dessa investigação, os entrevistados serão selecionados tendo como parâmetros: atuar no Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura (EGP), o qual é vinculado à Secretaria Executiva de Gestão Estratégica

(SEGES) da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag), e ser gestor governamental – especialidade planejamento, orçamento e gestão.

Após escolhidos os critérios de seleção dos sujeitos, surge, instintivamente, o questionamento acerca da quantidade de atores a constituir o *corpus* de pesquisa. Isso ocorre porque a quantidade de sujeitos sempre depende das questões que estão sendo respondidas e perguntadas, dos insights que surgem, da quantidade e qualidade de dados que estão sendo coletados, de modo que os indivíduos são selecionados de acordo com o nível esperado de atendimento aos propósitos da pesquisa (Merriam, 2009). Caracteriza-se, assim, um processo cíclico – coleta, análise, coleta.

Pelas características apresentadas, não há como se estabelecer, previamente, a quantidade de participantes da pesquisa. Faz-se, então, necessário estabelecer um critério para conclusão do processo de coleta de dados, o que implicará no processo de saturação o qual Merriam (2009) conceitua como o estágio do processo de coleta no qual começa a haver redundâncias de informação.

Nesse sentido, mais importante do que o número de entrevistas são os procedimentos de seleção e a qualidade das informações. O argumento é corroborado por Gaskell (2002), o qual afirma que a maior quantidade de entrevistas não melhora, necessariamente, a qualidade ou leva a uma compreensão mais detalhada do fenômeno.

5.1.2 Coleta de dados

As técnicas utilizadas na coleta de dados de uma investigação são resultantes da perspectiva teórica adotada pelo pesquisador, do problema, do objetivo da pesquisa e da seleção dos sujeitos. Para a finalidade deste estudo, os dados serão coletados de modo a atender aos objetivos da pesquisa qualitativa. Não se deseja, portanto, estabelecer generalizações estatísticas pautadas em amostras probabilísticas.

Entende-se por dados aqueles fragmentos de informações encontrados no ambiente. Em se tratando de dados de caráter qualitativo, acredita-se que eles consistam na própria fala das pessoas sobre suas experiências, sentimentos, opiniões e conhecimentos. Para Merriam (2009), essas informações podem ser coletadas por meio de entrevistas, observação e análise de documentos.

Os dados qualitativos são refletidos, essencialmente, por citações, observações e excertos de documentos. Porém, não se pode afirmar, *a priori*, qual dessas fontes, isoladamente, é a mais importante. Nesse sentido, Yin (2005) ressalta que um dos princípios

para a coleta de dados em estudos de caso é se utilizar de várias fontes de evidência.

Sendo a combinação das fontes de coleta de dados reconhecida como um meio de aproximar o máximo possível o pesquisador da realidade investigada, esta pesquisa pretende utilizar três técnicas para a coleta de dados.

A coleta de dados ocorreu, primordialmente, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas, implicando na existência de um roteiro, no qual constou uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com a problemática central. O uso desse tipo de entrevista permite um pacote de questões relativamente estruturadas, possibilitando ao entrevistador ultrapassar os limites dos itens previamente incorporados ao roteiro para buscar novas informações que surjam ao longo das entrevistas (Merriam, 2009).

Foi realizado o pré-teste, após a qualificação do projeto de dissertação, com o objetivo de realizar os ajustes necessários no roteiro de entrevista. O pré-teste foi realizado com dois servidores públicos de órgãos distintos e foi fundamental para identificar e corrigir lacunas do roteiro inicial.

O roteiro de entrevista foi elaborado com base na literatura relacionada ao tema de pesquisa, sendo guiado pelas categorias de análise identificadas no referencial teórico. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

No formulário voltado à análise dos slides (APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS), a partir de um slideshow original – referente à configuração i –, foram elaboradas outras três configurações com sucessivas alterações para a mesma informação – configurações ii; iii; iv –, dividido em duas categorias: a primeira, Slide A, diz respeito a apresentações com mais elementos visuais / esquemáticos – gráficos de pizza e de barras, uso de linhas e setas, tags, caixas –, e menos texto. A segunda, Slide B, com mais elementos verbais / textuais.

Tais alternâncias de configurações entre as ADS foram importantes para a avaliação de atributos relativos à harmonia visual e/ou legibilidade; o uso de cores / paletas; escolha do melhor tipo de gráfico; quantidade de informações presentes nas apresentações, a partir de um escalonamento de 1 até 5 – sendo 1 indicando total ausência e 5 indicando um excesso; planejamento e configuração de dados e informações.

Consequentemente, acarretou em análises quanto a competências do design da informação relativas ao planejamento prévio de como dados e informações podem ser apresentados de maneira mais simples e objetiva, proporcionando uma melhor eficiência comunicacional, e garantido o atingimento de objetivos estratégicos da Secretaria, com economicidade e eficiência da máquina pública, uma vez, dessa forma, auxiliam tomadas de

decisão mais rápidas e assertivas, sem dubialidade no entendimento do que está sendo analisado pelo destinatário / público-alvo.

Outra técnica empregada foi a análise de documentos da própria organização em estudo, como recomendado por Merriam (1999), que afirma que os documentos são importantes fontes de coleta de dados nas pesquisas qualitativas, e compreendem materiais físicos, visuais e escritos sobre o estudo.

Importante ainda ressaltar a relevância da coleta de dados por meio de documentos como um complemento do entendimento decorrente das entrevistas e da observação, corroborando ou ampliando as evidências levantadas por essas fontes (Yin, 2005).

Por fim, a realização da observação participante do pesquisador, uma vez que a pesquisadora integra o quadro de gestores governamentais – especialidade planejamento, orçamento e gestão da Seplag, atuando no EGP estudado. Ou seja, participa de forma ativa do contexto investigado.

De acordo com Richardson (1999), nesse método o observador faz parte dos sujeitos do *corpus* de pesquisa, o que proporciona horizontes favoráveis para que a pesquisadora possua a sensibilidade de perceber características da vida diária da realidade estudada.

5.1.3 Perfil dos sujeitos da pesquisa

Como forma de caracterização dos participantes da pesquisa, das quatro entrevistas realizadas, duas foram com representantes do sexo masculino e duas do sexo feminino. Em relação à formação acadêmica, todos possuem pós-graduação completa. Quanto ao tempo de serviço, os entrevistados distribuem-se entre membros novatos, com até um mês de atuação no EGP (dois entrevistados), e membros experientes, com cerca de dez anos de atuação.

Apenas o gerente geral e a gerente possuem função gratificada, exercendo cargo de chefia e todos os entrevistados já tiveram alguma experiência de atuação na iniciativa privada. Nenhum deles exerce alguma atividade formal de estudo ou trabalho além do vínculo estatutário que possuem como servidores da Seplag. Todos os participantes possuem pelo menos nove anos de atuação na gestão pública e no máximo quinze anos.

O Quadro 1 a seguir apresenta o perfil geral do *corpus*.

Quadro 1 – Perfil geral do *corpus* da pesquisa

| NOME | TEMPO DE ATUAÇÃO NA SEPLAG | TEMPO DE ATUAÇÃO NO EGP | FORMAÇÃO |
|----------------|----------------------------|-------------------------|---|
| Entrevistado 1 | 15 anos | 06 meses | Graduação: engenharia mecânica Pós-graduação (<i>lato sensu</i>): contabilidade pública |
| Entrevistado 2 | 09 anos | 01 mês | Graduação: contabilidade Pós-graduação (<i>lato sensu</i>): administração pública e gerenciamento de cidades; Pós-graduação (<i>lato sensu</i>): liderança transformadora |
| Entrevistado 3 | 09 anos | 09 anos | Graduação: administração de empresas Pós-graduação (<i>lato sensu</i>): gestão pública |
| Entrevistado 4 | 15 anos | 01 mês | Graduação: engenharia mecânica Pós-graduação (<i>stricto sensu</i>): desenvolvimento local sustentável |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

5.1.4 Síntese metodológica

O Quadro 2 a seguir sintetiza as técnicas de coleta e análise de dados a partir dos objetivos específicos do trabalho, detalhando o delineamento metodológico da pesquisa.

Quadro 2 – Síntese metodológica

| OBJETIVOS ESPECÍFICOS | TÉCNICA DE COLETA DE DADOS | TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS |
|---|--|-------------------------------|
| Avaliar a percepção dos gestores governamentais atuantes no EGP quanto à liberdade em fazer suas apresentações visuais enquanto ferramental de apoio à tomada de decisão. | Entrevistas semiestruturadas; e Observação participante. | Análise temática de conteúdo. |
| Esclarecer como competências do design da informação podem ser estratégicas aos gestores públicos. | Entrevistas semiestruturadas; e Observação participante. | Análise temática de conteúdo. |
| Analisar o suporte material (materiais, equipamentos e tecnologias) oferecido pela Seplag para o desenvolvimento do trabalho dos gestores governamentais atuantes no EGP. | Entrevistas semiestruturadas; e Observação participante. | Análise temática de conteúdo. |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Na seção seguinte, serão apresentados os fatores que podem ser considerados limitantes da pesquisa desenvolvida.

5.2 Limitações do estudo

Apesar do grande empenho dedicado na elaboração desta dissertação, pautado no respeito às exigências científicas ao longo das etapas de desenvolvimento da pesquisa, é importante reconhecer a existência de limitações de naturezas diversas. Como se sabe, na pesquisa qualitativa o pesquisador é o principal instrumento para coleta e análise de dados (Merriam; Tisdell, 2016), o que faz com que os fatos sejam interpretados pela perspectiva de um indivíduo que possui seus vieses e assume a subjetividade inerente a este tipo de pesquisa, sendo este o primeiro aspecto que pode ser evidenciado como limitador do estudo. Buscando mitigar eventuais problemas no processo de coleta de dados, foi realizada a triangulação de técnicas – entrevistas, observação e análise documental.

Outro aspecto a ser evidenciado é que a exploração teórica dos conceitos pesquisados foi desenvolvida por meio de um estudo de caso, o que limita a generalização dos resultados encontrados diante da diversidade de organizações encontradas no setor público. Embora seja um limitador da pesquisa, o estudo abre possibilidades de novas pesquisas sobre o tema em diferentes realidades.

Por fim, reconhecidas as limitações teóricas e metodológicas, o principal fator que pode ser considerado limitante da investigação consiste na mudança organizacional ao longo da pesquisa. É natural que toda organização sofra ajustes em sua estrutura e composição ao longo do tempo. No setor público especificamente, tais modificações acontecem com maior intensidade em anos eleitorais, o que ocorreu no ano de 2022 – principal período de realização do projeto de dissertação –, com a mudança de governo no estado de Pernambuco.

Embora possa ser citada como fator limitante da pesquisa, tal situação conferiu também ao estudo a oportunidade de observar aspectos importantes de diferenciação condicionados a novos desenhos organizacionais.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O objeto de estudo deste trabalho são as apresentações visuais – produzidas por meio do Software PowerPoint, da Microsoft, pelos gestores governamentais atuantes no EGP da Seplag e por eles utilizadas –, quando do acompanhamento de seus portfólios de metas. Tratam-se de apresentações digitais de slides (ADS), “arquivos digitais utilizados para a disposição de informações em telas sequenciadas e produzidos em programas gráficos para a geração de slides” (Cadena, 2014, p. 16). Possuem natureza digital e podem conter / comportar textos verbais escritos, gráficos, tabelas e imagens (Cadena, 2014).

As ADS são artefatos multimídia – incluem vídeos, música, fotos, textos etc. – e multimodal – contêm informações apreendidas pela visão e pela audição –, o que “define que a apreensão total da informação pela audiência é resultante da junção do que é projetado visualmente com o que é explanado oralmente (Cadena; Coutinho, 2015). Contudo, no presente estudo, não foi avaliada a mensagem oral que acompanha as apresentações investigadas, uma vez que o foco investigativo está no papel de originador das mensagens visuais / informacionais por gestor.

Haja vista tratar-se de uma pesquisa no âmbito do design da informação, buscou-se focar na formatação das apresentações. Observou-se o modo de simbolização²¹ – compreendendo os gráficos e tudo o que não for decididamente verbal ou pictórico – prevaiente; a presença de marcas / logotipos / tags. Quanto ao tipo de plano de fundo escolhido, na presente investigação este aspecto não foi levado em consideração haja vista estar atrelado ao modelo oficial de comunicação do governo do Estado e sua marca; ou seja, o modelo das ADS – seu layout – advém do meio organizacional, sendo imposto seu padrão.

O elemento verbal foi analisado pela quantidade de palavras; pela forma como o texto foi construído (frases completas e/ou palavras-chave) e organizado (parágrafos, tópicos, estruturas não lineares ou frases soltas).

No formulário destinado às análises dos slideshows não houve questionamento relativo à proficiência digital, quando da produção e formatação das ADS, uma vez que foi subentendida a presença dessa competência / habilidade ao gestor atuante no EGP, apesar de

²¹ Michael Twyman divide a linguagem gráfica de acordo com modos de simbolização da informação: o verbal-numérico, o pictórico e o esquemático. O modo pictórico é aquele que se dá por imagens e fotografias; o modo verbal-numérico se expressa nas palavras e números, e o modo esquemático se entende pela negação dos dois primeiros, ou seja, pode ser exemplificado por formas que não são imagens nem palavras, como linhas, setas etc. (Cadena; Coutinho, 2015).

nenhum dos entrevistados possuir formação específica para gerar conteúdo de natureza gráfica.

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da análise dos dados, seguindo a mesma sequência dos objetivos específicos desta dissertação. O capítulo foi dividido nas seguintes seções: (i) avaliar a percepção dos gestores governamentais atuantes no EGP quanto à liberdade em fazer suas apresentações visuais enquanto ferramenta de apoio à tomada de decisão; (ii) esclarecer como competências do design da informação podem ser estratégicas aos gestores públicos; e (iii) analisar o suporte material – materiais, equipamentos e tecnologias – oferecido pela Seplag para o desenvolvimento do trabalho dos gestores governamentais atuantes no EGP.

Para análise das apresentações, o percurso se iniciou na investigação do estado da arte dos estudos sobre apresentações digitais de slides (ADS), sendo a base analítica adotada neste trabalho baseada nos preceitos do design da informação, de acordo com Horn (1999), quanto à preparação da informação a ser comunicada, a facilidade de leitura e seu uso para guiar ações.

Todos os respondentes afirmaram que a maneira como dados e informações são comunicados visualmente influenciam no processo de tomada de decisão. O entrevistado 1, por exemplo, opinou ter plena convicção dessa influência ao afirmar que “eu tenho plena convicção disso”.

Até pelo fato de, nesses instrumentos, fazerem os nossos olhos, chamarem a atenção dos nossos olhos. E essa é uma parte dessas apresentações que fazem com que a gente retenha a informação. **A gente consiga internalizar essa informação e fazer dela o uso que pode ser, sim, de ajudar no processo decisório** (Entrevistado 1, questão 4).

Quanto à percepção acerca da organização da informação e sua relação com o processo decisório, a entrevistada 2 opina que “a forma que a gente a apresenta, de forma que ela atinja o objetivo ao qual ela se propõe”.

Então, a gente tem um tipo de informação que é para uma tomada de decisão, ou tem um tipo de informação que a gente só precisa dar conhecimento. Então, por exemplo, dar conhecimento e tomar uma decisão tem uma equidistância aí para mim. Então, a gente tem que apresentar de formas diferentes, uma ferramenta diferente, para que ela seja mais resolutiva dentro do objetivo ao qual ela se propõe. **Então, acho que vai desde a gente organizar a informação, então, a gente estruturar, organizar, modelar, analisar e apresentar.** Então, acho que passa por esses três processos, organizar, estruturar, modelar, para a gente poder analisar, passar para o processo de análise, **até que ela fique realmente compreensível a quem se destina.** Então, acho que a gente é um pouco do tradutor do dado que a gente pega (Entrevistada 2).

“Eu acho que a leitura rápida da informação é mais palatável para quem está recebendo. Desde a governadora, o secretário, uma equipe técnica” (Entrevistada 2). Nesse mesmo viés, a entrevistada 3 vai mais além e opina:

Acredito que sim, hoje mais ainda. Que a gente tá tão acostumado a ver, não tô dizendo na administração pública não, na vida, né? **Que as coisas hoje são muito rápidas, a informação é muito rápida.** A gente tá muito acostumado a não se aprofundar nas coisas, né? Olhar ali e querer entender ali no primeiro olhar, né? Então, acho que, com certeza, é muito importante (Entrevistada 3).

Ainda de acordo com a entrevistada 3, “tem que ter esse cuidado de apresentar de uma forma que o mais importante fique mais visível, né? Chama mais a atenção”.

Quanto a aspectos de layout / design da informação, para a respondente 2:

[...] **Acho que o layout conta muito, a depender de quem se destina, do público que vai consumir essa informação.** Então, acho que a nossa principal preocupação não é dar só informação bonita, organizada, mas ela pode ser apresentada de uma forma simples e atingir o mesmo resultado [...] (Entrevistada 2).

6.1 Liberdade de produção das apresentações visuais

Para responder ao objetivo específico desta seção – avaliar a percepção dos gestores governamentais atuantes no EGP quanto à liberdade em fazer suas apresentações visuais enquanto ferramenta de apoio à tomada de decisão –, foram analisadas as entrevistas e as observações realizadas pela pesquisadora.

Sob essa perspectiva, de todos os respondentes, o entrevistado 4 opinou categoricamente não haver liberdade / ingerência quanto à produção das apresentações.

Liberdade pra eu fazer? **Não. Tenho, não.** Não enxergo que tenho, não. Aqui, né? A gente faz um ou faz outro, porque a SEGES pediu, ou porque a Tereza (secretária executiva de gestão estratégica da Seplag) quis, ou porque o Secretário (secretário de planejamento, gestão e desenvolvimento regional de Pernambuco) quis, e aí fica aquela lá e vem. **Aí não tenho liberdade pra fazer uma apresentação e passar** (Entrevistado 4, questão 3).

Para o entrevistado 1, há margem para sugestões de mudança, sendo a liberdade de elaboração limitada.

Bom, **as apresentações, normalmente, já vêm com o layout, com o visual já definido e aprovado pelas instâncias superiores.** Então, nesse aspecto, a gente tem pouca liberdade. **Acredito que a gente possa sugerir, não foi o caso até agora, sobre o visual** (Entrevistado 1, questão 3).

A respondente 2 também relata uma liberdade de elaboração limitada.

Veja, liberdade, acho que a gente conquistou muito hoje na Seplag. Mas aí, a gente, enquanto instituição pública, ainda segue algumas limitações por padrões, padrões de comunicação do governo, os padrões que são oficiais do governo. Então, quando você pega um PPT, você tem elementos que precisa trabalhar, cores que você precisa trabalhar. Então, a gente é ainda modelado por essas estruturas de apresentação (Entrevistada 2, questão 3).

Nesse mesmo viés, opina a entrevistada 3 existir liberdade “... Pelo menos de propor apresentações”.

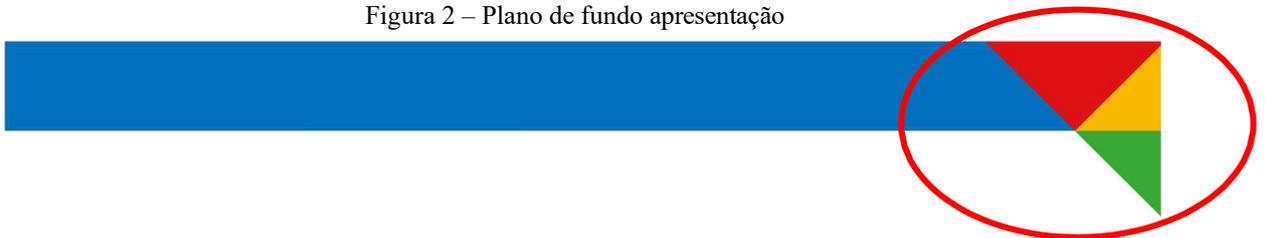
Eu acho que temos hoje liberdade, né? Depois que a gente deixou o painel do controle de lado, que era já pré-formatado, né? A gente foi trabalhando muito com PowerPoint, que tem os seus problemas, mas a gente customizava, digamos assim, né? Então, **acho que a gente tem liberdade, pelo menos de propor apresentações** (Entrevistada 3, questão 3).

Sob a perspectiva do uso do padrão de cores e formato / layout oficial das comunicações do governo, observa o entrevistado 1:

Então, com relação a esse slide, eu vou dizer o que eu gostei mais, sabe? **Esse cantinho aqui que representa as cores de Pernambuco, quando eu olhei a primeira vez me lembrou uma sombrinha de frevo, que é uma característica nossa, é a nossa identidade, enquanto cultura popular,** e ficou muito interessante. Então, isso já chega mexendo com o nosso sentimento de pernambucanidade, e fica agradável de ver. **A combinação de cores também ficou interessante, porque é um tom de azul que não é fechado, não é escuro, e também propicia o contraste das letras, principalmente esses que são um pouco mais escuros** (Entrevistado 1).

Nesse aspecto, observa-se o uso de cores que remete à bandeira de Pernambuco e alusão à sombrinha de frevo (figura 2).

Figura 2 – Plano de fundo apresentação



Mollerup (2011) defende que o preto é uma boa cor para o fundo dos slides porque destaca o conteúdo, sendo fácil de ser combinada com outras cores e disfarça as imperfeições da tela ou parede em que se está projetando. Porém, a cor branca como pano de fundo dá destaque ao que é apresentado. Nessa perspectiva, a entrevistada 2 corrobora que “quando eu ponho uma cor no gráfico, tudo que tem cor no fundo e algo que tem cor no fundo branco, ele chama mais atenção pra mim”.

6.2 Competências do design da informação enquanto diferencial estratégico

Competências do design da informação lidam, primordialmente, com a representação visual da informação, ao transformar dados em informação relevante e simplificada. Isso é estratégico, pois “se vai direto ao ponto!”.

Perpassa, por exemplo, pela análise dos elementos esquemáticos mais adequados ao tipo de público a qual a informação deve ser comunicada – se um gráfico de pizza ou de barras; observância das cores; tipografia e plano de fundo. Tem-se uma categorização, organização e estruturação da informação.

Nesse planejamento há o processo de definir o problema; quem será o público-alvo (partes interessadas envolvidas); definir a hierarquia da informação; o layout – estrutura / variável gráfica, ou seja, esse processo diz respeito ao tratamento da informação, com o intuito de torná-la apta para leitura e assimilação.

É o estruturar da mensagem a ser comunicada, em que, no mínimo, um formato de apresentação não prejudique seu conteúdo (Tufte, 2003).

Para responder ao objetivo específico desta seção – esclarecer como competências do design da informação podem ser estratégicas aos gestores públicos –, as apresentações foram analisadas observando-se o modo de simbolização prevalecente; a presença de marcas / logotipos / tags; os elementos verbal-textuais; e a preparação da informação, a facilidade de leitura e o seu uso para guiar ações (Horn, 1999).

Planejamento da informação, com uso de ADS com uso cuidadoso de textos, distraem menos o destinatário acerca do conteúdo informacional, proporcionando reuniões / tomadas de decisão mais assertivas, ágeis, maximizando tempo, e, conseqüentemente, recursos públicos. Revela melhor performance comunicacional e ajuda a garantir que a visualização de dados seja acessível.

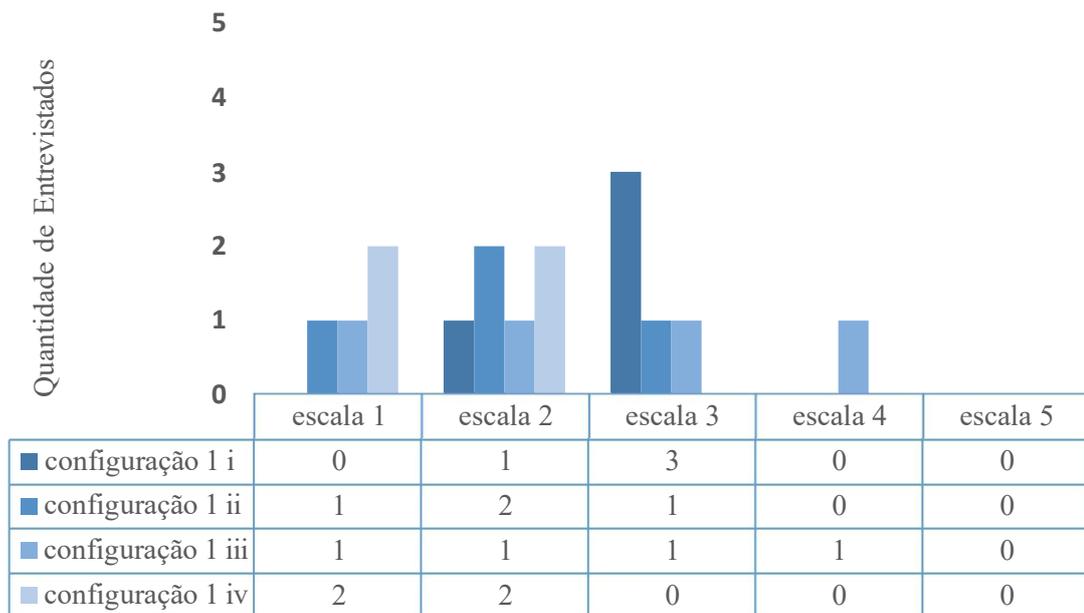
Pouco, mas significativo. O texto tem várias funções na comunicação com dados, como: legendar, apresentar, explicar, reforçar, destacar, recomendar e contar uma história,

contudo não é recomendado o uso de frases completas, extensas, que podem vir a distrair o público (Mollerup, 2011).

Dos quatro entrevistados, dois deles, numa escala de 1 a 5, sendo 1 total ausência, e 5 indicando excesso, atribuíram nota / escala 1, em relação à quantidade de elementos que produzem distração e tiram o foco da informação necessária de ser comunicada, e os outros dois atribuíram nota / escala 1, o que evidencia que há equilíbrio entre os dados – elementos esquemáticos – e as informações comunicadas (figura 3), conforme opina o entrevistado 1.

Eu não vejo nada que te retire o foco, não, pelo contrário, eu acho que está bem focado, porque você tem os quantitativos, você tem o percentual do indicador que vai, deve refletir a evolução do projeto, então eu não diria que não tem nada irrelevante, não, são **todas as informações relevantes mesmo** (Entrevistado 1, questão 5).

Figura 3 – Slide A (configuração i, questão 5)



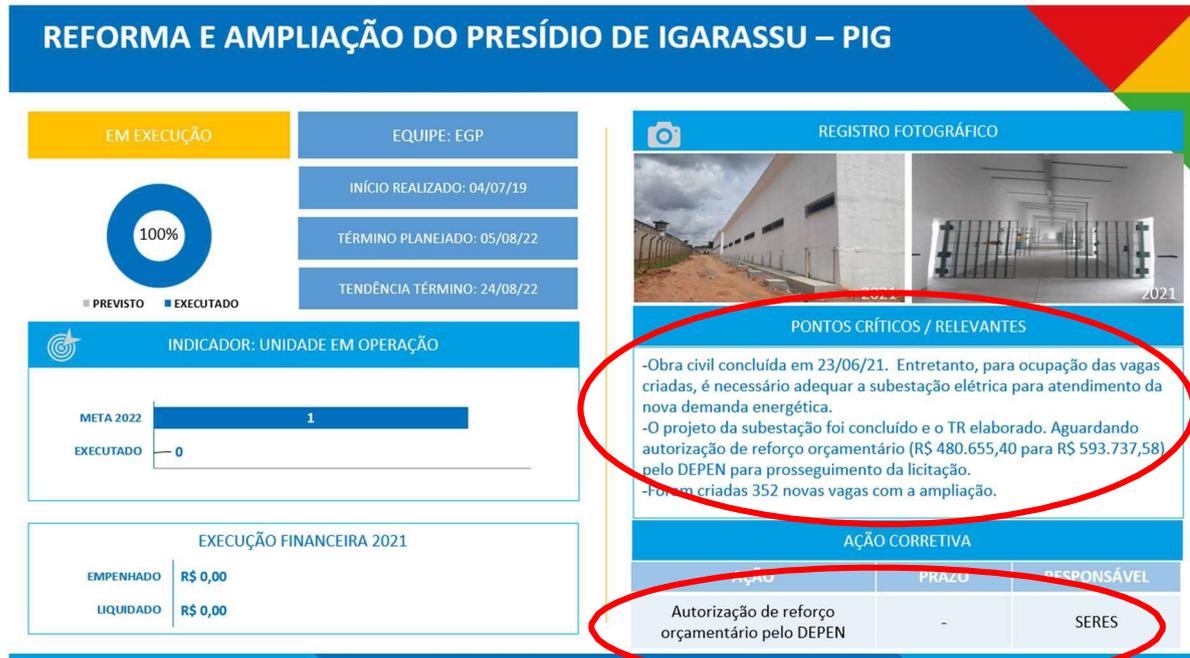
Fonte: elaborado pela autora (2024)

Se a ideia do design da informação é a representação visual, na figura 5, a seguir, observa-se que há mais elementos textuais – com frases completas – do que visuais, o que é corroborado pelo depoimento da entrevistada 2.

Essas carteiras de projetos, a gente organizou de uma maneira que ela tinha muito elemento textual. A gente trazia o descritivo da meta, a gente trazia um fluxo de atividades, um macro-fluxo de planejamento da meta e com resultados. Só que aí,

chegaram para a gente, não, está muito ainda, tipo, está seco, está texto. A gente consegue entender, mas a gente precisa ter uma leitura mais leve dessa informação. Então, a gente passou a colocar tirar o excesso de texto e aquele texto era completamente transformado em uma junção gráfica de poucos textos. Mas, contando que a gente tivesse uma leitura mais rápida e efetiva (Entrevistada 2).

Figura 4 – Slide SERES / SJDH



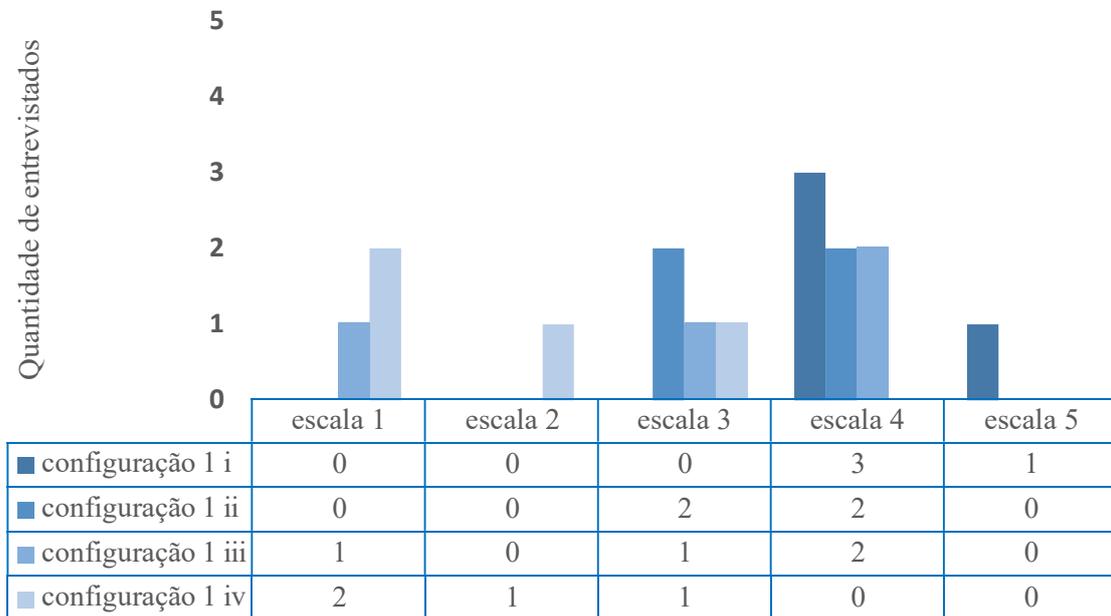
Fonte: EGP (2022)

A partir do escalonamento dos pesos atribuídos às perguntas da questão 5, considerando 1 total ausência, e 5 indicando um excesso, consta-se que quanto mais elementos verbais / textuais presentes nas apresentações mais elas são consideradas exaustivas / cansativas e distraem o destinatário (figura 5).

Do total de entrevistados, três atribuíram nota / escala 4, o que evidencia tendência a um excesso de informação na apresentação.

Conseqüentemente, não irão atender à objetividade pretendente na comunicação e para um melhor embasamento de tomadas de decisão. Infere-se, portanto, não serem uma forma de comunicação eficiente e, conseqüentemente, estratégicas ao objetivo proposto.

Figura 5 – Slide B (configuração i)



Fonte: elaborado pela autora (2024)

O entrevistado 1 considerou haver muita informação na apresentação Slide B (figura 7), atribuindo escala / nota 4. Trata-se de uma apresentação com mais elementos textuais e o respondente opina da seguinte maneira “... está com bastante informações, inclusive informações de execução, ou seja, o prazo que foi concluído, informação sobre o atraso na elaboração do termo de referência, né?”.

Entrevistado 1:

Figura 6 – Slide A (entrevistado 1)

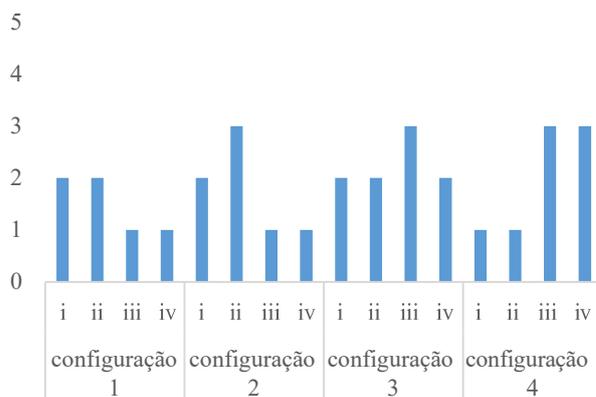
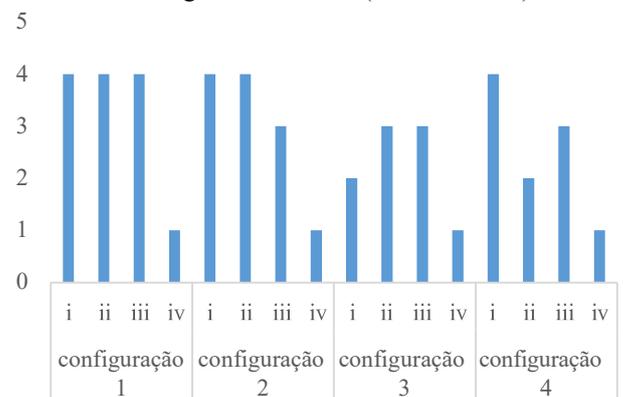
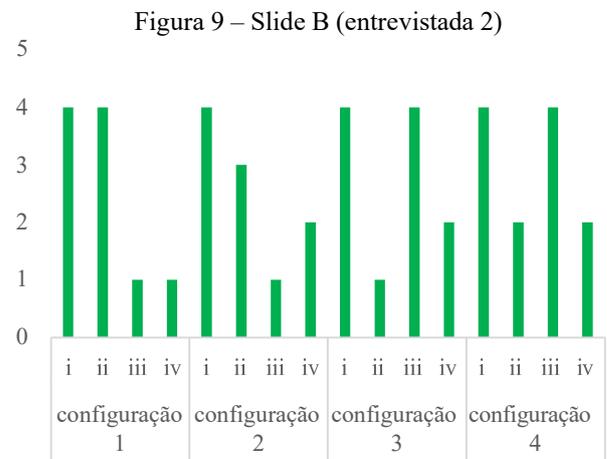
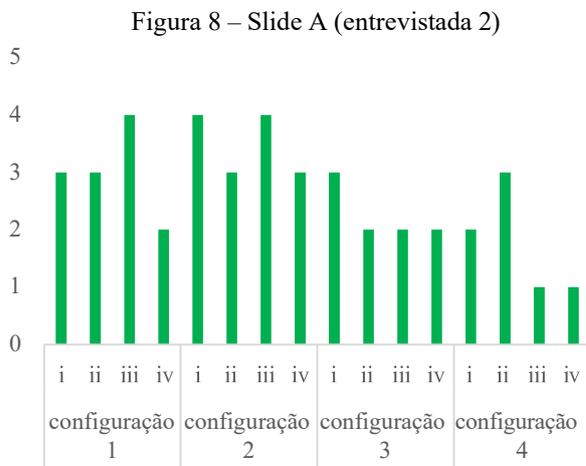


Figura 7 – Slide B (entrevistado 1)



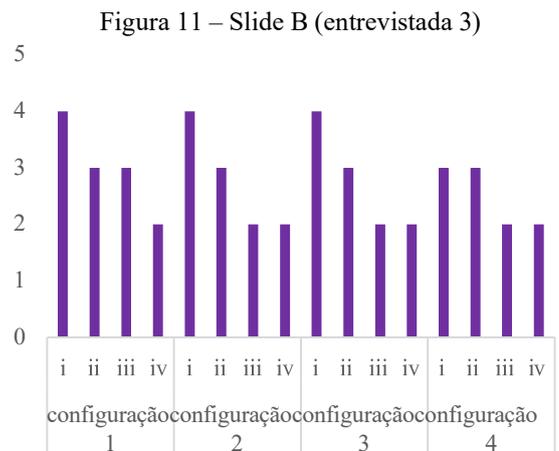
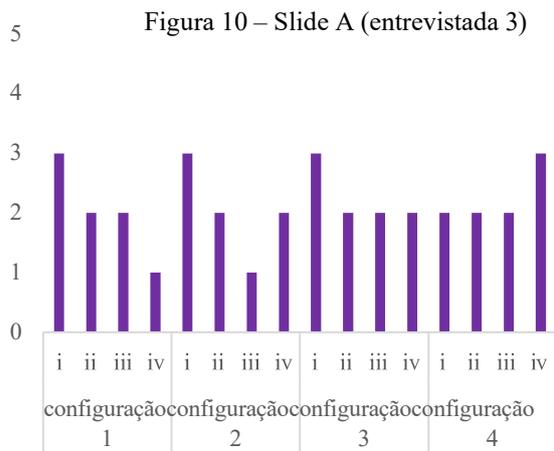
Fonte: elaborado pela autora (2024)

Entrevistada 2:



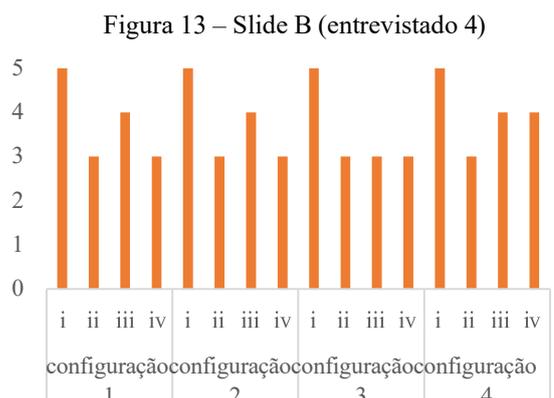
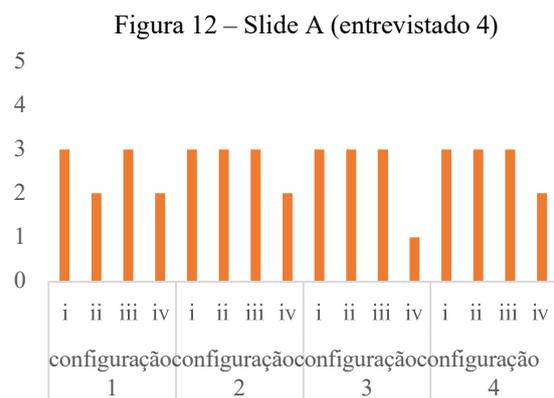
Fonte: elaborado pela autora (2024)

Entrevistada 3:



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Entrevistado 4:



Fonte: elaborado pela autora (2024)

A mesma tendência de considerar muita informação na apresentação Slide B (figuras 9; 11;13) se manteve com os demais respondentes. Para a entrevistada 2. “Eu vou no 4, porque ele tem mais informação do que o outro... Eu tenho gráficos, imagens, textos”.

Observa-se, ainda, que o entrevistado 5 opinou que em todas as configurações da apresentação Slide B (figura 13) há excesso de informação.

6.3 Suporte material oferecido pela Seplag

Para responder ao objetivo específico desta seção – analisar o suporte material (materiais, equipamentos e tecnologias) oferecido pela Seplag para o desenvolvimento do trabalho dos gestores governamentais atuantes no EGP –, foram analisadas as entrevistas e as observações realizadas pela pesquisadora.

Sob a ótica de suporte, enquanto equipamento, dois participantes responderam que o material ofertado atende às demandas / rotinas diárias.

Bom, a princípio eu tive uma certa dificuldade com relação à tecnologia. O meu computador era antigo, não tinha bateria. Era um teclado diferente que eu tive que reaprender a ordem de alguns caracteres, como exclamação. Era um teclado não padrão. **Era muito lento, tinha inicialização muito demorada. De tanto insistir, eu consegui um outro equipamento que hoje atende plenamente para o que eu faço.** Consigo ter agilidade nas pesquisas, consigo mantê-lo ligado por um tempo interessante, um tempo suficiente para os deslocamentos e mesmo para acompanhamento das reuniões que a gente participa (Entrevistado 1, questão 2).

O entrevistado 1 comenta sobre as dificuldades iniciais, mas, ao final, afirma que o suporte atende às suas expectativas: “Eu diria que ele atende para o momento, para a necessidade que eu tenho atual. Com relação a isso, esse equipamento novo me atende”.

Para a entrevista 2, “Bem, tendo em vista o que a gente observa, já que a gente é Secretaria que se relaciona com os outros órgãos, acho que a Seplag nos dá um suporte básico, estruturado, muito bom”. Para ela, o suporte também atende, porém, ela comenta sobre a necessidade do uso de licenças, a saber:

O que a gente falta um pouco, talvez, seja a necessidade de hoje que são licenças de ferramentas mais modernas para a gente trabalhar na gestão da informação. Mas, com o que a gente tem hoje, realmente, a gente consegue fazer melhor do que os outros órgãos fazem, eu acredito (Entrevistada 2, questão 2).

A respondente 3 opinou acerca de suporte enquanto software estar ultrapassado: “Nossas máquinas estão um pouquinho ultrapassadas, né? E software a gente usa o que... Acho que os básicos do mercado, né? O pacote office, o Project”.

Para o entrevistado 4, “A gente tem carência de ferramentas estratégicas aqui, mas o básico a gente tem. [...] O básico é bem fornecido, óbvio”.

Para além da questão do suporte material, as entrevistadas 2 e 3 comentaram acerca de suas percepções quanto à necessidade de melhores práticas de gerenciamento da informação.

Gestão da informação, não só a organização da informação, mas também a forma que a gente a apresenta, de forma que ela atinja o objetivo ao qual ela se propõe. Então, a gente tem um tipo de informação que é para uma tomada de decisão, ou tem um tipo de informação que a gente só precisa dar conhecimento. Então, por exemplo, dar conhecimento e tomar uma decisão tem uma equidistância aí para mim. Então, a gente tem que apresentar de formas diferentes, uma ferramenta diferente, para que ela seja mais resolutiva dentro do objetivo ao qual ela se propõe. Então, acho que vai desde a gente organizar a informação, então, a gente estruturar, organizar, modelar, analisar e apresentar. Então, acho que passa por esses três processos, organizar, estruturar, modelar, para a gente poder analisar, passar para o processo de análise, até que ela fique realmente compreensível a quem se destina. Então, acho que a gente é um pouco do tradutor do dado que a gente pega, do jeito em que você Seplag em qualquer área aqui dentro (Entrevistada 2, questão 2).

Eu acho que hoje a gente está um pouco carente de ferramentas, sabe? Principalmente eu sinto falta de uma ferramenta única hoje. De ficar... Isso a gente faz uma planilha, isso a gente faz um projeto, isso a gente bota no BI, isso a gente... A gente está... **Eu acho que a informação está meio espalhada.** Está difícil de gerenciar. **Eu estou sentindo falta hoje de uma ferramenta única, né?** (Entrevistada 3, questão 2).

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As perguntas do formulário tinham o propósito de compreender a percepção dos gestores governamentais do EGP da Seplag acerca de como os dados e informações comunicados influenciam no processo de tomada de decisão. Além disso, buscou-se averiguar se havia liberdade de preparação / produção das apresentações visuais pelos gestores.

A partir da apresentação e análise dos resultados obtidos, verificou-se que todos os gestores, sem exceção, opinaram que a maneira como dados e informações são comunicados influencia no processo de tomada de decisão.

No que se refere à liberdade de elaboração das apresentações visuais, de maneira geral, todos os respondentes consideram não existir essa liberdade, mesmo que tenha sido considerado pela metade dos respondentes haver a possibilidade de sugerir alguma mudança / alteração no padrão oficial de comunicação do governo do Estado.

Quanto ao aspecto de como competências do design da informação podem ser estratégicas aos gestores públicos, considerando as respostas dos entrevistados, tem-se que o planejamento de como os dados e informações serão comunicados, perpassa desde o tipo de tipografia, a quantidade de informações apresentadas nos slideshows que podem vir a tirar o foco da ideia principal a ser comunicada, as cores, permite aos tomadores de decisão processar um maior volume de dados, transmitindo de maneira perceptível os objetivos da mensagem a ser comunicada (Barbosa *et al*, 2018).

Competência do design da informação quanto à preparação da informação (Horn, 1999), implicando na sua eficiência comunicacional, em que uma boa visualização deva potencializar a clara compreensão da informação. Nessa perspectiva, uma apresentação com excesso de texto dificulta a leitura da mensagem a ser comunicada.

Só que aí, chegaram para a gente, não, está muito ainda, tipo, **está seco, está texto**. A gente consegue entender, mas a gente precisa ter uma leitura mais leve dessa informação. Então, **a gente passou a colocar tirar o excesso de texto e aquele texto era completamente transformado em uma junção gráfica de poucos textos**. Mas, **contando que a gente tivesse uma leitura mais rápida e efetiva** (Entrevistada 2).

Em relação ao suporte material oferecido pela Seplag (materiais, equipamentos e tecnologias), apesar de alguns respondentes terem comentado acerca da necessidade de melhoria de equipamentos – notebooks utilizados pelos gestores – e tecnologia – licenças / softwares –, há, no geral, uma percepção positiva quanto ao suporte material oferecido pela Seplag, sobretudo quando há comparação entre as demais secretarias do Estado, como

constatado na resposta do entrevistado 4, por exemplo: “A gente tem carência de ferramentas estratégicas aqui, mas o básico a gente tem. [...] O básico é bem fornecido, óbvio”.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou avaliar a percepção dos gestores governamentais atuantes no Escritório de Gerenciamento e Projetos de Infraestrutura (EGP) da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag) quanto à contribuição do design da informação nas apresentações comparadas para tomadas de decisão mais eficientes, no contexto de gerenciamento de projetos no setor público.

No presente trabalho, apenas alguns aspectos dentro do amplo universo de possibilidades de estudo de apresentações visuais foram abordados. Longe da pretensão de esgotar o tema, objetivou-se mapear fatores para análise, visando alcançar uma melhor compreensão desse artefato visual enquanto ferramenta de apoio gerencial à tomada de decisão.

A pesquisa, à luz do design da informação no contexto de gerenciamento de projetos no setor público, buscou enquadrar a configuração da informação como parte estratégica do gerenciamento de projetos. Objetivou demonstrar que apresentações estruturadas com princípios do design da informação têm aderência ao campo das boas práticas em gestão de projetos, e na prestação de um serviço público mais eficiente, haja vista proporcionar contribuições à gestão pública identificando que a configuração visual da informação e a linguagem gráfica adotadas nos elementos da comunicação dos projetos são dispositivos importantes no esforço de torná-la mais eficiente.

Por meio dos resultados e análises da pesquisa, identificou-se que há reconhecimento por parte dos respondentes que ADS planejadas levando em consideração o design da informação são mais assertivas, e, conseqüentemente, obtém melhores performances quando da tomada de decisão, uma vez que a forma como dados e informações são comunicados influenciam no processo decisório.

Quanto à liberdade de produção das apresentações, a maioria dos respondentes opinou que não há, ficando claro que há uma obediência ao padrão oficial imposto pelo governo do Estado.

Em relação ao material oferecido pela Seplag, há consenso de que supre as necessidades laborais dos servidores, apesar de haver necessidade de melhoria de licenças / softwares modernos.

Recomenda-se a realização de mais estudos no setor público, nos quais se investigue a relação entre o design da informação e apresentações visuais, no contexto de gerenciamento de projetos na esfera pública, enquanto ferramental de gestão.

Novos estudos também podem ser desenvolvidos com foco na recepção do conteúdo comunicado, a fim de avaliar a mensagem oral que acompanha as apresentações visuais investigadas.

REFERÊNCIAS

- AROUCHA, B. Z. L. **Design da informação**. Curitiba: InterSaber, 2021.
- BARBOSA, F. J. M.; FRANCA, R. S; RODRIGUES, R. F.; PARREIRAS, F. S. Visualização da informação e métodos visuais como ferramentas estratégicas para o gerenciamento de projetos. **Revista de Gestão e Projetos – GeP**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 102-114, jan./abr., 2018.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. Instituições, bom Estado, e reforma da gestão pública. In: BIDERMAN, C. ARVATE, P. (Orgs.). **Economia do setor público no Brasil**. São Paulo: Campus Elsevier, 2004: 3-15.
- BOLESINA, I.; LEMES, J. L. Visual law: um conceito emergente do encontro entre direito e design. **Revista Thesis Juris – RTJ**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 155-171, jan./jun., 2022.
- BONSIEPE, G. **Retórica visual in design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.
- _____. **Desing, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.
- _____. **Del objeto a la interfase: mutaciones del diseño**. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 1999.
- BROWN, T. **Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2010.
- CADENA, R. A. **Aperfeiçoando projeções – Experiências de formações em design de apresentações digitais de slides (ADS) com estudantes de licenciatura de Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em design) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
- CADENA, R.; COUTINHO, S. G. Investigando projeções: critérios para a análise de apresentações digitais de slides. In: **Anais**, 7th Information Design International Conference, n. 2, v. 2, 2015.
- CALÔBA, G.; KLAES, M. **Gerenciamento de projetos com PDCA: conceitos e técnicas para planejamento, monitoramento e avaliação do desempenho de projetos e portfólios**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.
- CAMARGO, M. **Gerenciamento de projetos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.
- CARNEVALLI, S. **Data storytelling: planejando e contando a história dos dados**. Curitiba: CRV, 2020.
- CHEFER, C.; CHEFER, A. A.; OLIVEIRA, A. L. (Re)Construindo as apresentações digitais de slides científicos: concepções de acadêmicos sobre um curso de extensão para a construção de slides shows. **Revista Conexão ComCiência**, Crateús, n. 2, v. 3, p. 1-17, 2023.

COELHO, A. Z.; HAGAN, A. P. U. **Legal Design / Visual Law**: comunicação entre o universo do direito e dos demais setores da sociedade [ebook]. São Paulo: Thomson Reuters, 2020.

COELHO, L. A. L. (org.). **Conceitos-chave em design**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Novas Ideias, 2008.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

CRUZ, E. P.; BARRETO, C. R.; FONTANILLAS, C. N. **O processo decisório nas organizações**. Curitiba: InterSaberes, 2014.

CUNHA, R. L. **Michael Twyman e a análise da linguagem gráfica na análise da infografia jornalística**. Trabalho monográfico (Graduação em desenho industrial) – Escola Superior de Desenho Industrial, Rio de Janeiro, 2009.

DI PIETRO, M. S. Z. **Direito Administrativo**. São Paulo: Atlas, 2008.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREITAS, R. F.; WAECHTER, H. N.; COUTINHO, S. G. Orientações propostas por não- designers para elaboração de materiais educativos impressos na área de saúde: compreensão do cenário. **Revista Brasileira de Design da Informação**, São Paulo, v. 20, n.1, p. 1-15. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 1. ed. Barueri: Atlas, 2021.

HORN, R. Information Design: Emergence of a new profession. In: JACOBSON, R. **Information Design**. Cambridge: MIT Press, 1999.

JORENTE, M. J. V.; NAKANO, N.; PADUA, M. C. **A emergência do design da informação na contemporaneidade da ciência da informação**. 2. Ed. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

JUND, S. **AFO, administração financeira e orçamentária**: teoria e 750 questões. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

KNAFLIC, C. N. **Storytelling com dados**: um guia sobre visualização de dados para profissionais de negócios. Tradução João Tortello. Rio de Janeiro: Alta books, 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Metodologia do trabalho científico**: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de gestão pública contemporânea**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2020.

MAXIMIANO, A. C. A. **Teoria geral da administração**: da revolução urbana à revolução digital. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MAXIMIANO, A. C. A.; VERONEZE, F. **Gestão de projetos**: preditiva, ágil e estratégica. 6. ed. Barueri: Atlas, 2022.

MELO, A. Escritórios de gestão de projetos no setor público à luz do paradigma da nova administração pública. **Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais**, v. 4, n. 1, p. 05-28, jul. 2019.

MELO, T. M.; FUCIDJI, J. R. Racionalidade limitada e a tomada de decisão em sistemas complexos. **Revista de Economia Política**, v. 36, n. 3, p. 622-645, jul./set., 2016.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research**: case study, applications in education. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

MERRIAM, S. B.; TISDELL, E. J. **Qualitative research**: a guide to design and implementation. San Francisco: Jossey-Bass, 2016.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 1 ed. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

MOLLERUP, P. **PowerNotes**: slide presentations reconsidered. E-book. Melbourne: IIID – International Institute for Information Design, 2011.

MOORE, M. H. **Criando valor público**: gestão estratégica no governo. Brasília: ENAP, 2002.

MUNARI, B. **Das coisas nascem coisas**. São Paulo: Fontes, 2022.

NORMAN, D. A. **O design do dia a dia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

OLIVEIRA, J. A. D. B.; JORENTE, M. J. V. Design da informação e sua relevância para a ciência da informação. **Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 24, n. 54, p. 25-37, jan./abr., 2019.

PATER, R. **Políticas do design**: um guia (não tão) global de comunicação. 2022.

PEREIRA, F. C. M.; SILVA, E. F. Criação do conhecimento organizacional baseada nos capacitadores de Von Krogh, Nonaka e Ichijo: estudo de caso. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 20-43, jan./abr., 2018.

PERNAMBUCO. Assembleia Legislativa. **Lei complementar nº. 141**, de 3 de setembro de 2009. Dispõe sobre o modelo integrado de gestão do poder executivo do Estado de Pernambuco. Diário Oficial do Estado de Pernambuco, Recife, PE, 3 set. 2009. Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=2&numero=141&complemento=0&ano=2009&tipo=&url=>. Acesso em: 03 out. 2024.

PETTERSSON, R. **Information design**: na introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 2002.

PMI. **Um guia do conhecimento em gerenciamento de projetos**. Guia PMBOK. EUA: Project Management Institute, 2021.

PROVEST, F.; FAWCETT, T. **Data Science para negócios**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.

QUINTÃO, F. S.; TRISKA, R. Design de informação em interfaces digitais: origens, definições e fundamentos. **Revista Brasileira de Design da Informação**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 105-118, 2013.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

SIMON, H. A. **Administrative behavior**: a study of decision-making processes in administrative organizations. 4th ed. New York: The Free Press, 1997.

SOUZA, G. O.; JORENTE, M. J. V. A importância da folksonomia e do design da informação para a competência em informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. esp. V Seminário de Competências em Informação, p. 01-17, 2021.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO (Seplag). **Coleção cadernos de boas práticas de gestão**. V. II. Monitoramento & Avaliação. Recife, 2014.

_____. **Cartilha de introdução ao escritório de gerenciamento de projetos**. Recife, 2018.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GESTÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL (Seplag). **Relatório de ação de governo**. PERNAMBUCO, 2024. Disponível em: <https://www.seplag.pe.gov.br/relatorio-de-acao-de-governo>. Acesso em: 03 out. 2024.

_____. **A secretaria**. PERNAMBUCO, 2024. Disponível em: <https://www.seplag.pe.gov.br/secretarias>. Acesso em: 03 out. 2024.

TUFTE, E. R. **The cognitive style of PowerPoint**: pitchin Out Corrupts Within. Connecticut: Graphics Press, 2003.

TWYMAN, M. L. A schema for study of graphic language. In: Paul A. Kolers, Merald E. Wrolstad & Herman Bouma (org.). **Processing of visible language**. Nova York & Londres: Plenum Press, v. 1: 117-150, 1979.

_____. Further thoughts on a schema for describing graphic language.

Proceedings oh the 1st international conference on typography and visual communication: 329-350. Thessaloniki, Greece: University of Macedonia Press.

VARGAS, R. V. **Análise de valor agregado em projetos**. Rio de Janeiro: Brasport, 2002.

_____. **Gerenciamento de Projetos**: estabelecendo diferenciais competitivos. 6. ed. Rio de Janeiro: Brasport, 2005.

_____. **Gerenciamento de projetos**: estabelecendo diferenciais competitivos. 8. ed. Rio de Janeiro: Brasport, 2016.

WILBUR, P.; BURKE, M. **Information graphics**: innovative solutions in contemporary design. London: Thames & Hudson, 1998.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

_____. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

_____. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução Cristhian Matheus Herrera. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ANEXO A – ENTREVISTA 1

Nesta seção, transcreve-se a entrevista realizada com o gestor governamental – especialidade Planejamento, Orçamento e Gestão Marcos Vinícius da Silva Filho, com duração de 2 horas e 4 minutos, na data de 26/08/2024, na Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag), em Recife (PE).

PESQUISADORA:

Marcos...

ENTREVISTADO:

- Vinícius da Silva Filho...

PESQUISADORA:

- Faixa etária?

ENTREVISTADO:

- Acima de 50.

PESQUISADORA:

- Estado civil?

ENTREVISTADO:

- Casado.

PESQUISADORA:

- Possui filhos?

ENTREVISTADO:

- Sim, cinco. Três biológicos, dois afetivos.

PESQUISADORA:

- Então é formação de origem, Marcos?

ENTREVISTADO:

- Graduação em engenharia.

PESQUISADORA:

- Engenharia de quê?

ENTREVISTADO:

- Mecânica.

PESQUISADORA:

- Aí tua maior titulação? É pós-graduação?

ENTREVISTADO:

- É pós em contabilidade pública.

PESQUISADORA:

- Então vou botar contabilidade pública.
- Experiência profissional... Você tem tempo de experiência na iniciativa privada?

ENTREVISTADO:

- Tenho, eu tenho... Quatro... Sete... Onze anos na iniciativa privada. Eu tenho oito anos em consultoria organizacional.

PESQUISADORA:

- Oito anos na iniciativa privada. Mais esses oito anos...

ENTREVISTADO:

- Mais oito anos em consultoria organizacional e quase quinze em serviço público.

PESQUISADORA:

- Tá, vou pedir só pra tu repetir. Mais oito anos em consultoria?

ENTREVISTADO:

- Organizacional.

PESQUISADORA:

- Tempo de experiência em serviço público, quinze anos?

ENTREVISTADO:

- Quinze anos.

PESQUISADORA:

- Tempo de serviço na SEPLAG?

ENTREVISTADO:

- Quinze anos. Quinze anos.

PESQUISADORA:

- Tempo de serviço no EGP?

ENTREVISTADO:

- 6 meses.

PESQUISADORA:

- Exerce algum cargo de chefia? Possui alguma opção gratificada?

ENTREVISTADO:

- Não.

PESQUISADORA:

- Exerce alguma outra atividade, trabalho ou estudo fora da SEPLAG?

ENTREVISTADO:

- Não.

PESQUISADORA:

- Marco, só para a gente iniciar, enfim, saltando também um pouco, né, quebrando o gelo, se fosse por causa do nervosismo, que não é o caso, mas enfim...
- Eu gostaria que você falasse um pouco sobre sua trajetória até te chegar aqui no EGP da SEPLAG.

ENTREVISTADO:

- Eu costumo falar sobre isso, que minha vida profissional é dividida em três partes. Uma parte como engenheiro, porque eu sou formado em engenharia mecânica, era unicamp, turma de 83.
- E, nesse período de engenharia, eu trabalhei em empresas multinacionais de grande porte, como Rodia, Philips, Alcoa e Bosch.
- Bosch Campinas é uma fábrica de produtos eletroeletrônicos para automóveis.
- A segunda fase da minha vida começou ainda quando eu estava me despedindo da engenharia, em função de um curso de consultoria organizacional, um curso longo de cinco anos, que foi feito em Valência e Associados.
- Nesse curso, a gente tem uma ênfase muito grande na análise da ação, essa análise da ação baseada em dois grandes mestres, Cris Árgeres e Donald Schon.
- E, após esse curso, mudou radicalmente minha forma de pensar, de agir, de querer buscar novos trabalhos. Então, eu saio da engenharia e entro no ramo de consultoria organizacional, em que eu trabalhei muito com pesquisa qualitativa, com planejamento de todas as formas estratégicas, operacionais, planos de negócio, mas, sobretudo, com captação de recursos para projetos de desenvolvimento institucional para prefeituras, estados ou órgãos públicos. Ao final desse período, eu tinha a clara visão de que não poderia intervir nas organizações do jeito que eu gostaria, e aí fiz a opção por estudar e fazer concurso, até passar no primeiro concurso para o Ministério do Trabalho, depois para a Gestor Governamental do Estado.
- Entrei com a ideia de que poderia intervir mais de dentro da instituição do que apenas por fora. E estou aqui desde 2010 até hoje.

PESQUISADORA:

- E a vinda aqui para o EGP, como é que foi?

ENTREVISTADO:

- Não foi uma coisa pensada, não foi uma coisa desejada.
- Eu atuava na Secretaria da Educação, na área de captação de recursos, e financeiro, na área financeira, por nove anos. E, com a mudança de gestão, outras pessoas foram escolhidas para os locais que eu poderia atuar, como gestor de planejamento.
- Então, retornei em agosto de 2013, e de lá para cá, faz um ano, passei pela...

PESQUISADORA:

- Licença, agosto de 2023.

ENTREVISTADO:

- 2023, perdão.
- E, de lá para cá, eu passei um tempo no planejamento estratégico, na área de monitoramento, até chegar, finalmente, em maio, no Escritório de Gerenciamento de Projetos.

PESQUISADORA:

- Marco, o que é que vem à sua mente quando você ouve falar EGP, Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura?

ENTREVISTADO:

- Eu vejo uma missão muito grande, e uma necessidade de se estruturar uma forma de acompanhamento dessas missões grandes, de grandes projetos, de investimentos de grande vulto.
- Então, a primeira coisa que vem à mente é vamos trabalhar com coisas grandes, significativas, superlativas.
- Essa foi a minha primeira impressão.

PESQUISADORA:

- A gente trabalha com apresentações visuais, são as produções, os gestores. Nessas produções, você tem liberdade em fazer suas apresentações visuais?
- Caso afirmativo, quais são os elementos mais valorizados nessas apresentações?

ENTREVISTADO:

- Bom, as apresentações, normalmente, já vêm com o layout, com o visual já definido e aprovado pelas instâncias superiores.
- Então, nesse aspecto, a gente tem pouca liberdade, acredito que a gente possa sugerir, não foi o caso até agora, sobre o visual. *Mas, a primeira impressão é que os visuais, eles são interessantes, eles são visualmente atraentes.*
- *Informação, não tanto a informação, mas as informações principais nele identificadas. Lógico que algumas coisas podem ser melhoradas, como o tamanho da letra, cores, combinação de cores. Mas, no geral, eu acredito que o visual atenda perfeitamente ao objetivo a que se destina.*

PESQUISADORA:

- Dados e informações são considerados ativos e estratégicos em qualquer organização. Seja ela pública ou privada. Dito isso, você acredita que a forma de comunicá-los visualmente, ou seja, a forma de comunicar esses dados, essas informações, elementos gráficos, enfim... Essa comunicação visual influencia no processo de tomada de decisão?

ENTREVISTADO:

- Eu tenho plena convicção disso.
- Até pelo fato de, nesses instrumentos, fazerem os nossos olhos, chamarem a atenção dos nossos olhos. E essa é uma parte dessas apresentações que fazem com que a gente retenha a informação.
- A gente consiga internalizar essa informação e fazer dela o uso que pode ser, sim, de ajudar no processo decisório. De uma forma geral, a informação ganha uma vida própria quando ela vem apresentada. É como se ela se defendesse por si só a importância do que está sendo dito.

PESQUISADORA:

- Entendi.

ENTREVISTADO:

- Ou expressado nos slides e nos diversos instrumentos, dashboards e coisas do gênero.

PESQUISADORA:

- Eu vou pedir para você comentar um pouquinho sobre o suporte material, materiais, equipamentos e tecnologias oferecidos pela SEPLAG para o desenvolvimento do seu trabalho.

ENTREVISTADO:

- Bom, a princípio eu tive uma certa dificuldade com relação à tecnologia. O meu computador era antigo, não tinha bateria. Era um teclado diferente que eu tive que reaprender a ordem de alguns caracteres, como exclamação. Era um teclado não padrão. Era muito lento, tinha inicialização muito demorada.

- De tanto insistir, eu consegui um outro equipamento que hoje atende plenamente para o que eu faço. Consigo ter agilidade nas pesquisas, consigo mantê-lo ligado por um tempo interessante, um tempo suficiente para os deslocamentos e mesmo para acompanhamento das reuniões que a gente participa.

PESQUISADORA:

- Mas para ir feito, por exemplo, o cronograma, utilizar um project, ou mesmo as suas apresentações, você acha que o seu equipamento lhe suporta? Ou ele poderia ter mais eficiência?

ENTREVISTADO:

- Com essa evolução tecnológica que a gente experimenta, sempre vai ter equipamentos mais aptos, mais rápidos.

- Eu diria que ele atende para o momento, para a necessidade que eu tenho atual. Com relação a isso, esse equipamento novo me atende. Agora, com relação a outros aplicativos, me parece que a instituição, no caso da SEPLAG, deixa muito a nossa decisão de aprendê-los, de dominar essas ferramentas.

- *Não existe, no meu modo de ver, um sequenciamento lógico institucional em que direcione para as diversas ferramentas que a gente pode utilizar nessas tarefas que foram descritas. Também acho que, por termos várias equipes, a gente encontra equipes com diferentes graus de maturidade ou de conhecimento.*

- *A princípio, penso que a gente necessita, em paralelo ao desenvolvimento desses instrumentos, conversar mais, trocar mais experiência, trocar mais conhecimentos em geral.*

- *Cito um exemplo, a gente tem um BI para fornecer, cadastrar informações, para dar uma carga, como a gente chama, e não existe um manual de procedimento. Quer dizer, existia, mas eu não sabia que existia. Então, tive que fazer o meu manual em paralelo ao aprendizado do instrumento.*

- *Nesse aspecto, acho que a gente pode melhorar a partir da comunicação e da padronização desse conhecimento, nivelamento, melhor dizendo, desse conhecimento.*

PESQUISADORA:

- Então, é algo que ainda meio que é de cada gestor, digamos assim, cada gestor com as suas competências. Enfim, se ele quer aprimorar ou não, se ele quer desenvolver essas competências. Então, acho que é algo muito individualizado, digamos assim.

ENTREVISTADO:

- Isso.

PESQUISADORA:

- Seria algo nesse aspecto, não é?

ENTREVISTADO:

- Depende de nós.

- *Se eu quiser me especializar nisso, eu consigo. Mas, já que eu estou nessa área, eu deveria, acho eu, ter pelo menos um padrão mínimo de conhecimentos, de habilidades para exercer essa função.*

PESQUISADORA:

- Pronto, enfim, é do que você for vendo, do que você for observando, tá, aí vamos lá, avalie em uma escala de 1 a 5, sendo 1 indicando total ausência e 5 indicando um excesso, as seguintes questões nos exemplos visuais abaixo, por exemplo, a quantidade de informações apresentadas, nesse slide, as informações apresentadas, então a gente tá levando em consideração a informação textual, gráfica, tá certo, elementos, esses campos aqui dos blocos, entendeu, gestor responsável, enfim, quantidade de informações apresentadas, como é que você escalonaria de 1 a 5?

ENTREVISTADO:

- Pro slide A, configuração 1, eu acho que vai se repetir em todos eles, eu sinto a ausência do responsável direto pela ação, a gente tem o gestor responsável pelas informações que são monitoradas, me falta a princípio a identificação do autor da ação, aquela pessoa a quem se deposita orçamento, recursos financeiros, recursos técnicos para executar a ação a que se propõe, então com relação, eu acho que segue em todos, mas nessa configuração 1, *apesar de não gostarem muito do gráfico de pizza, ele, pra mim, nessa quantidade de variáveis, ele representa bem, eu acho que é mais, pra mim é mais visual do que o da configuração ii, gráfico de barra*, por uma questão pessoal, acredito, mas assim, depois que a gente pega o modelo, a gente consegue replicar isso automaticamente, se for só o modelo 1, eu consigo identificar nos outros slides o que ele está querendo, a informação que está contida, se for um gráfico de barras, principalmente se forem várias, se forem muitas variáveis.

PESQUISADORA:

- Mas aí voltando, no slide A, configuração 1, do que você observa, você daria de 1 a 5, a quantia de informações apresentadas, você acha que existe uma ausência, você acha que existe excesso?

ENTREVISTADO:

- Não, não existe excesso não, eu acho que está mais pra ausência, né, por causa da questão da responsabilidade, como também a questão que a gente comentou da outra vez, do que foi pago, o que foi pago, ele acompanha o projeto, o que foi liquidado, o que aconteceu naquele projeto, naquele ano, até aquele momento do ano, então talvez o pago dê uma representação do que foi a vida do projeto, principalmente se ele tiver mais uma execução maior do que um ano, então eu diria assim, **3 para os dois, configuração 1 e 2**, achando que 3, ele tem alguma carência de...

PESQUISADORA:

- Mas deixa eu te pedir, desculpa se eu não consegui me fazer clara, aí vamos só, esquece isso daqui, pronto, esquece desse, tá só olhando aqui, pronto, quantidade de informações, você considera de 1 a 5?

ENTREVISTADO:

- Certo, bom, então refazendo, se 1 é ausência, 5 é excesso, 3 seria o normal, o aceitável, o ótimo, né...

- Então eu daria **2** em função dessas duas ausências de informação, né, a vida do projeto como um todo, que a gente vai enxergar no que foi pago e o liquidado, ele dá visão até o momento

do ano ocorrente, né, e o empenhado é do todo o projeto também, mas que não significa execução, né, significa só expectativa de execução.

PESQUISADORA:

- Pronto, beleza, agora quanto à quantidade de informações relevantes apresentadas? Também de 1 a 5?

ENTREVISTADO:

- Aí, pronto, a quantidade, **eu daria 2**, ou seja, ele deveria, no meu modo de entender, para facilitar o processo decisório, ter mais algumas informações importantes.

PESQUISADORA:

- Certo, a quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- No 1, não vejo irrelevantes, eu não vejo que nada daí seja irrelevante.

PESQUISADORA:

- Certo, então teria a quantidade de elementos irrelevantes, então você daria o que, 1? Porque você enxerga que não tem ausência.

ENTREVISTADO:

- É, não tem ausência, talvez, refazendo o que eu disse, talvez tem uma redundância, né, porque no bloco metas prioritárias tem 4 e o status da meta também tem 4, mas aqui está indicando evolução, então retiro o que eu disse, ela não tem, *eu acho que não tem nada irrelevante*.

PESQUISADORA:

- Certo, pronto, quantidade de elementos que produzem distração e tiram o foco da informação necessária de ser comunicada?

ENTREVISTADO:

- Eu não vejo nada que te retire o foco, não, pelo contrário, eu acho que está bem focado, porque você tem os quantitativos, você tem o percentual do indicador que vai, deve refletir a evolução do projeto, então eu não diria que não tem nada irrelevante, não, são todas as informações relevantes mesmo.

PESQUISADORA:

- Pronto, aí vamos lá, **configuração 2**, aí eu vou repetir essas perguntas, tá? Quantidade de informações apresentadas nessa configuração?

ENTREVISTADO:

- É, eu sigo muito próximo à configuração 1, por que eu digo isso? Porque, como se trata de poucas variáveis, a gente consegue identificar perfeitamente esse gráfico de barra, sem nenhum problema.

- A informação com relação às metas por equipe é que, no caso dessa meta que se monitora, ficou fácil entender, porque 100% das metas estão sendo monitoradas, mas no caso em que você tivesse mais de um status para esse monitoramento, por exemplo, está em projeto, está em licitação, está em execução, está concluída... Então assim, a meta precisa de algum componente temporal para a gente poder acompanhar a evolução dela, ela está, e só o

indicador do GPE pode ser que não reflita em que ponto que está travando, se no caso de atraso, ou em que ponto ele foi alavancado no caso de adiantamento da execução, entende?

- Então, esse acompanhamento temporal eu acredito que esteja faltando, realmente, e aí seriam em todas, né?

- Mas aqui eu diria que, também, que eu **daria 2** em função da ausência desse acompanhamento temporal, em função do que foi realmente pago e do gestor, do responsável técnico pela execução da meta.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Esse caso é, todas são relevantes, não tem nada que seja dispensável.

PESQUISADORA:

- Então seria o quê? 1? 3? Seria 3?

ENTREVISTADO:

- Ah, irrelevantes, perfeito. Quantidade... Relevante, você acha que todas são relevantes? São todas relevantes, é por isso que não tem acesso nem falta, né? Nem ausência.

- E eu estou andando 3, que é, ou seja, todas são relevantes, né?

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- Também não vejo nada irrelevante, não.

PESQUISADORA:

- Então seria 1?

ENTREVISTADO:

- Porque 1 é ausência, né? Então... Sim, perfeito.

PESQUISADORA:

- Aí a quantidade de elementos que produzem distração e tiram foco da informação?

ENTREVISTADO:

- Também não vejo nada que tire o foco, não, no meu modo de entender.

PESQUISADORA:

- Então também seria ausência, né? 1.

ENTREVISTADO:

- Isso, 1.

PESQUISADORA:

- Beleza. Aí agora aqui, essa é a configuração 3, tá? Mesma forma.

- Informações apresentadas, informações?

ENTREVISTADO:

- **Configuração 3**, eu diria que a quantidade de informações apresentadas **daria 2**, tá certo? Está mais para a ausência de algumas informações, como eu falei antes, do que para excesso, então daria 2.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Aí eu diria que nem tem excesso, nem tem ausência, **daria 3 de novo**.

PESQUISADORA:

- Certo.

ENTREVISTADO:

- A gente não está vendo o símbolo, assim, a simbologia.

PESQUISADORA:

- Tudo, tudo, é tudo, tudo que você identifica. As caixinhas, entendeu?

ENTREVISTADO:

- Isso, isso!

- Então assim, aí para esse ponto eu **daria 2**, ou seja, está mais para a ausência de elementos visuais, que chamem a atenção, ou que padronizam, que ajudam o nosso modelo mental de olhar para o gráfico e já fazer a apreensão.

PESQUISADORA:

- Quantidade, então, de elementos irrelevantes aqui?

ENTREVISTADO:

- Vou botar 3, porque não tem nem excesso, nem ausência. Como eu disse antes, sinto falta de alguns elementos que ajudaram a tomar a decisão. Mas nesse gráfico aqui, se não tem nada irrelevante, então **daria 3**.

PESQUISADORA:

- Elementos que produzem distração e tiram o foco da informação necessária?

ENTREVISTADO:

- Bom, aí é uma opinião muito pessoal minha, *eu não gosto muito de textos*.

PESQUISADORA:

- Sim.

ENTREVISTADO:

- Lógico, os textos são necessários para a gente entender a informação. *Mas quanto mais texto tem, mais... Exige que a gente olhe atento de leitura, entende? Então, esses já têm elementos a menos, né?*

- Então, ele estaria com 2 tendendo para 1, mas ainda tem 2.

PESQUISADORA:

- Aí, para finalizar o slide A, **configuração 4**.
- Você percebe que a gente vai retirando algumas informações, entendeu?

ENTREVISTADO:

- Aqui eu já começo a achar que existem elementos...

PESQUISADORA:

- A quantidade de informações apresentadas?

ENTREVISTADO:

- É insuficiente, tem ausência de informação.

PESQUISADORA:

- Então, ausência de informação, então 1, certo?!
- Informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Eu também botaria, **eu botaria um 2** agora, porque existem informações que estão ausentes, que poderiam estar contidas, tá?

PESQUISADORA:

- Certo.

ENTREVISTADO:

- E **daria 1** se eu for olhar pelo lado dos elementos visuais, né? *Ele está faltando, visualmente ele está muito mais textual do que os antigos, né?*

PESQUISADORA:

- Então, quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- 3. 3, ou seja, não tem ausência nem excesso de relevância, no caso.

PESQUISADORA:

- A quantidade de elementos que produzem distração e tiram foco da informação necessária?

ENTREVISTADO:

- De novo, assim, quando...
- A princípio, nada tira a concentração, ou seja, não produzem distração. **A princípio, 3.** Certo.

PESQUISADORA:

- Aí, pronto. Aí a gente faz **o slide B**, o mesmo esquema. 4 configurações nessas 4 perguntas, tá? Quantidade de informações apresentadas, relevantes e irrelevantes e o que pode distrair.
- Aí nessa **configuração 1**, a quantidade de informações aqui, informação apresentada, textual, pictórica, que são os elementos gráficos, enfim, imagem.

ENTREVISTADO:

- Pronto.

- Porque a gente está conversando sobre ausência de relevância e excesso, né?

PESQUISADORA:

- Não, aqui é a quantidade de informação apresentada.

ENTREVISTADO:

- Então, o ótimo seria 3, né? Ou seja, ele não tem excesso. **Mas estaria mais para um 4, diria.**

- Porque ele não está no meio, ele está com bastante informações, inclusive informações de execução, ou seja, o prazo que foi concluído, informação sobre o atraso na elaboração do termo de referência, né? Embora essa informação aqui nos leve a uma segunda pergunta, não foi concluído, mas para quando está prevista a conclusão? Mas é muito pontual, né?

- E também tem indicadores de resultado, ou seja, foram criados 352 novas vagas. Então, isso não são só pontos críticos, mas sim observações sobre o processo todo. Porque você tem prazos, você tem atrasos e você tem o benefício ou a quantidade de vagas criadas.

PESQUISADORA:

- Certo. Então, informações relevantes aí. 1 de ausência, total ausência, e 5 de excesso?

ENTREVISTADO:

- **Eu botaria um 4.**

PESQUISADORA:

- Elementos irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- Eu não sei se essa ação corretiva, pelo exemplo dado, não consigo inferir muita coisa. Porque a autorização de reforço orçamentário pode acontecer de uma hora para a outra. E ele não tem prazo para acontecer.

- Então, eu achei que essa informação não veio completa. Ou seja, isso é mais um ponto crítico do que uma ação corretiva. Ou seja, aquele ponto que a gente tem que se debruçar porque, enquanto não for vencido, o processo não segue.

PESQUISADORA:

- Então, você acha que essa informação aqui é meio que irrelevante?

ENTREVISTADO:

- Eu acho que sim.

PESQUISADORA:

- Então, a quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- Entre 3 e 4.

PESQUISADORA:

- Mas aí você daria quanto?

ENTREVISTADO:

- **Quatro.**

PESQUISADORA:

- E elementos que produzam distração?

ENTREVISTADO:

- Então, eu acho que... No acompanhamento do indicador, ele ficou muito restrito a zero ou um. Ou seja, zero eu executei, um eu executei tudo. Então, é possível que, com o andar do projeto, se encontre que ele avançou um percentual entre zero e um.

- E isso dá a dimensão da execução. Mas também sinto a ausência de como isso está projetado.

- Ou seja, o que se espera dessa ação, dessa iniciativa? Se espera que ela termine quando? A gente tem prazos aqui. *Então, nesse elemento visual aqui da parte em cima do lado esquerdo, mas que está pouco saliente. Ele não me chamou a atenção de imediato de novo. Então, talvez essas datas precisem ser... A forma como ela é mostrada precisa de uma coisa que chame a atenção, uma coisa que atraia o olhar.*

- E, de novo, é muito pouco para se decidir somente com essas três variáveis. A gente precisa, ao longo do tempo, quais são os prazos para cada mudança de fase desse projeto. Se é projeto, se está em licitação, se está em execução, se teve alguma parada, se teve algum recomeço.

- Então, essa expressão temporal do andamento do projeto eu acho que poderia ser um pouco melhor apresentada.

PESQUISADORA:

- Então, aí, para a gente colocar um escalo, um número, é a última quantidade de elementos que produzem distração?

ENTREVISTADO:

- É. Eu não diria distração, mas não responde às perguntas que possam vir à mente.

- Ele não distrai, não distrai assim. Exceto pelo que eu já falei sobre a ação corretiva, que talvez eu fique imaginando, tá, mas qual é o prazo? E por que isso é corretiva? Já que isso faz parte do processo normal. Toda a nossa execução da despesa precisa de orçamento.

- E aí isso significa que ele está com déficit orçamentário. Isso significa que só é apenas pedir a programação financeira que isso estará resolvido. Ou isso significa que eu vou ter que tirar o orçamento de alguma outra ação que esteja atrasada ou que não seja mais prioritária e para jogar, para reforçar essa dotação.

- Então, assim, não distrai, mas não explica. Então, talvez, tem um pouco de ausência de informações que sirvam para a gente ter plena identificação do que está acontecendo.

PESQUISADORA:

- Então, você acha que tem elementos que distraem!

- De um a cinco?

ENTREVISTADO:

- Dois.

PESQUISADORA:

- A **configuração dois**. Aí é o mesmo esquema. Se você olhar, tem muita informação ou não tem? Dessas informações... É relevante? Isso aqui é irrelevante? Isso aqui está me distraindo. Resumindo é isso.

ENTREVISTADO:

- *Eu gosto mais dessa configuração para a execução percentual do que esse radarzinho aqui.*

PESQUISADORA:

- É um gráfico de rosca.

ENTREVISTADO:

Então, esse aqui, você bate o olho e vê. O elemento visual com relação às datas de início e término fica mais visualmente mais agradável do que a configuração um.

- E com relação aos outros, eu diria que são avaliações bastante parecidas.

PESQUISADORA:

- Mas aí a quantidade de informações apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Quantidade de informações? Ela atende.

PESQUISADORA:

- Você acha que é excesso?

ENTREVISTADO:

- Tem um excessozinho por causa da ação corretiva. Então, **daria um quatro**.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes?

ENTREVISTADO:

- Também **quatro** por causa da forma como foi distribuído.

- Os pontos críticos e corretivos são pontos críticos e corretivos irrelevantes. Então, retiro o que eu disse e deixo só com relação à ação corretiva. Nesse caso específico, é um redundante.

PESQUISADORA:

- Então, informação relevante, aí seria um três, um quatro?

ENTREVISTADO:

- **Quatro**.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos irrelevantes? Aí elementos, entenda, caixinha, simbolozinho, iconezinho.

ENTREVISTADO:

- *Eu acho que dessa forma, para mim, foi o que mais me agradou. Então, daria um três.* Ou seja, ele não tem ausência nem excesso.

- Daria um melhor dimensionado do que o anterior.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos que produzem distração?

ENTREVISTADO:

- Também eu daria um **três**, que para mim seria a nota máxima.

- *Porque eu daria três, porque realmente ele combina informações visuais de fotos que dão a realidade da obra física. E ficou visualmente mais agradável para olhar essa questão das datas. Não sei se jogar uma tinta preta no texto.*

PESQUISADORA:

- Você entendia que por conta do fundo, porque a caixinha antes tem um fundo azul. Agora, ela tem um fundo branco. Então, ela tem um fundo branco com a tipografia que está em uma cor azul escuro.
- Você acha que deu um destaque, seria isso? Facilitou a identificação da leitura, a legibilidade.

ENTREVISTADO:

- Isso, isso, isso. **Seria um três.**

PESQUISADORA:

- Falta a configuração três e quatro.
- O mesmo esquema.

ENTREVISTADO:

- Quantidade de informações apresentadas eu daria uma certa ausência, como foi dito, em relação à temporalidade. *Me parece que o gestor responsável por essa obra é importante quando o governador ou os gestores entendam que aquela obra vai ser cobrada de uma determinada pessoa.*

PESQUISADORA:

- Esse gestor, não teria respeito ao gestor do EGP.

ENTREVISTADO:

- Não. O gestor da execução. O gestor EGP faz parte do time.
- Eu estou falando do técnico, do presidente do clube. Ou seja, é ele do técnico. O presidente do time é outra figura.

PESQUISADORA:

- Então, a quantidade de informações apresentadas de um a cinco seria quanto?

ENTREVISTADO:

- **Dois**, porque faltam algumas coisas.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADO:

- **Três.**

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- Vou ficar no meio, **três**, porque não vejo nada irrelevante.

PESQUISADORA:

- E a quantidade de elementos que produzam distração e tiram foco?

ENTREVISTADO:

- Também, eu diria **três**, porque realmente ele combina marcos da execução do projeto, que são as datas, início e término, fotográficos com as informações pertinentes. Embora, sinta ainda a falta de como essas etapas dessa ação vão acontecer ao longo do tempo.

PESQUISADORA:

- Então, para você, há elementos que produzem distração, aí você categorizaria com **dois**.
- Aí, para finalizar, houve só uma mudançazinha.

ENTREVISTADO:

- Eu tenderia a preferir o **três** ao dois, porque ele tem uns elementos que delimitam o olhar, ou seja, eu vou ver tempo dentro daquele elemento quadrado.

PESQUISADORA:

- Você acha mais interessante a configuração três do que essa quatro?

ENTREVISTADO:

- Ela atende melhor. Aqui eu vejo que ela tem uma falta, ausência de alguns elementos.

PESQUISADORA:

- Então, a quantidade de informações apresentadas estaria muito ou pouco? Enfim. Só para a gente também escalar.

ENTREVISTADO:

- A quantidade eu só tiraria essa... Veja, a ação corretiva é importante.
- Quando eu me prendo a o que foi descrito na ação é que não é uma ação corretiva no meu bom entender.
- Mas aqui em cima ele fala aguardando autorização de reforço orçamentário. Isso é um processo normal de execução de despesa. Então, essa ação corretiva me parece que tudo depende desse reforço.
- E esse reforço tem que ser visto na hora da TR. Na hora de elaborar a TR que você vai sabendo de quanto você vai precisar disponibilizar para aquela ação. Então, é mais um ponto relevante que já foi dito aqui em cima.
- Então, esse aqui teria realmente um excesso de informação.

PESQUISADORA:

- Pronto. Então, a quantidade seria entre quatro, cinco?

ENTREVISTADO:

- Não, quatro.
- **Quatro.**

PESQUISADORA:

- Informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Informação. Bota três.

- Se eu botei dois em cima, seria dois aqui embaixo também. **Então, dois.**

PESQUISADORA:

- Elementos irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- **Três.**

- Eu não vejo elementos irrelevantes.

PESQUISADORA:

- E elementos que produzam distração?

ENTREVISTADO:

- Também três.

- Não vejo nada que seja irrelevante. Acho que o que produza me desvio do foco.

PESQUISADORA:

- Então, na verdade, seria 1.

ENTREVISTADO:

- Aí não é ausência?

PESQUISADORA:

- Então, assim, não é ausência. Já que você vê total ausência...

ENTREVISTADO:

- **Isso, isso. Então, traduza para todos eles.**

- Eu não vejo nada que tire o foco. Então, seria três. Eu estava entendendo.

- **Aí seria 1.**

ENTREVISTADO:

- Isso, em todos os outros.

- Se eu disse três, porque para mim três seria ótimo, mas nesse caso específico, como é uma característica não desejável a distração, então **não** seria três.

Seria um, porque ela não produz esse elemento. Essa distração.

PESQUISADORA:

- Então, está bom, Marco.

- Te agradeço. Muito

ANEXO B – ENTREVISTA 2

Nesta seção, transcreve-se a entrevista realizada com a gestora governamental – especialidade Planejamento, Orçamento e Gestão Anna Carollyna Arruda dos Santos Moraes, com duração de 39 minutos e 41 segundos, na data de 27/08/2024, na Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag), em Recife (PE).

PESQUISADORA:

- Pronto. Informação demográfica... Tá, vamos lá!
- Tá. Carol, teu nome é?

ENTREVISTADA:

- Ana, com dois N's.
- Carolina, com dois L's e Y... Arruda dos Santos Moraes.

PESQUISADORA:

- Sexo, Feminino.
- Ah, e tua faixa etária, Carol?

ENTREVISTADA:

- 41 a 50.

PESQUISADORA:

- Teu estado civil?

ENTREVISTADA:

- Casada.

PESQUISADORA:

- Possui filhos?

ENTREVISTADA:

- Sim.

PESQUISADORA:

- Dois, né?

ENTREVISTADA:

- Isso.

PESQUISADORA:

- Formação de origem?

ENTREVISTADA:

- Ciências contábeis.

PESQUISADORA:

- A maior titulação é?

ENTREVISTADA:

- Tem um bocadinho. Tem em gestão pública... Tem em liderança de alta performance. A mais recente é de liderança em alta performance.

PESQUISADORA:

- Experiência profissional. Tu tem experiência na iniciativa privada?

ENTREVISTADA:

- Tenho.

PESQUISADORA:

- Quanto tempo?

ENTREVISTADA:

- Foi de 2017 aos 20 e pouco. Há uns 10 anos na iniciativa privada. E agora vai fazer 10 anos na iniciativa pública.

PESQUISADORA:

- Qual área na iniciativa privada?

ENTREVISTADA:

- 10 anos como contadora.

PESQUISADORA:

- 10 anos como contadora. Aí tem experiência em serviço público, 10 anos, né?

ENTREVISTADA:

- 9 anos e meio, né? Que a gente vai fazer 10 anos em janeiro.

PESQUISADORA:

- Certo.

- Aí tempo de serviço na SEPLAG, no caso, vai ser desses 10 anos, né?

- Tempo de serviço no EGP, quanto tempo, Carol? Tu tá sabendo quanto tempo?

ENTREVISTADA:

- No EGP?

PESQUISADORA:

- Sim.

ENTREVISTADA:

- Menos de 1 mês!

PESQUISADORA:

- Exerce algum cargo de chefia?

ENTREVISTADA:

- No momento, não.

PESQUISADORA:

- Possui alguma opção gratificada?

ENTREVISTADA:

- Não.

PESQUISADORA:

- Exerce alguma outra atividade, trabalho ou estudo fora da SEPLAG?

ENTREVISTADA:

- Trabalhos voluntários. Mas remunerativa, não.

PESQUISADORA:

- Fala um pouquinho sobre a tua trajetória até chegar aqui no EGP.

ENTREVISTADA:

- Eu iniciei aqui, basicamente, passei por... Agora essa é a terceira área, né? Trabalhava no Instituto de Gestão, no Programa de Formação Continuada.

- Depois passei a trabalhar com Planejamento Estratégico. E quando se criou a Gerência para Planejamento Estratégico, e se fez uma reorganização na SEPLAG, eu fui para a Gerência de Planejamento. Eu acho que é o período em que eu mais tive tempo aqui, foi com o Planejamento, que foi desde 2019, 19 para cá, 18, 19 para cá.

PESQUISADORA:

- Tu era gerente geral?

ENTREVISTADA:

- Não, sempre fui gestora. Aí eu fui tendo uma posição gratificada, depois virei supervisora, coordenadora, até chegar ao cargo de gerente. Que foi esse último.

- E agora, depois do tempo que a gerência veio para SEGES mesmo, agora, esse ano, eu estou no Escritório de Gerencia de Projetos. Estou saindo do Planejamento para vir para outra parte, outra parte do processo, que é o acompanhamento agora.

PESQUISADORA:

- Se a gente for falando assim, EGP, o que é que vem à tua mente quando tu ouve falar sobre o EGP em que você atua?

ENTREVISTADA:

- O EGP, para mim, sempre foi uma área especializada dentro da Secretaria Executiva de Gestão Estratégica. Quando todo mundo monitorava um pouco de tudo, o EGP ia monitorar um nicho específico com um critério específico. Então, ele tem realmente uma metodologia que tem que ser diferenciada, né?

PESQUISADORA:

- Aí eu vou pedir para tu comentar um pouquinho sobre o suporte material aqui da SEPLAG. O que a SEPLAG oferece de equipamento, tecnologia para o desenvolvimento do seu trabalho, enfim, do trabalho.

ENTREVISTADA:

- Bem, tendo em vista o que a gente observa, já que a gente é Secretaria que se relaciona com os outros órgãos, acho que a Seplag nos dá um suporte básico, estruturado, muito bom.
- Se a gente for comparar, né? O que a gente falta um pouco, talvez, seja a necessidade de hoje que são licenças de ferramentas mais modernas para a gente trabalhar na gestão da informação. Mas, com o que a gente tem hoje, realmente, a gente consegue fazer melhor do que os outros órgãos fazem, eu acredito.

PESQUISADORA:

- O que tu entende como gestão da informação?

ENTREVISTADA:

- Gestão da informação, não só a organização da informação, mas também a forma que a gente a apresenta, de forma que ela atinja o objetivo ao qual ela se propõe.
- *Então, a gente tem um tipo de informação que é para uma tomada de decisão, ou tem um tipo de informação que a gente só precisa dar conhecimento. Então, por exemplo, dar conhecimento e tomar uma decisão tem uma equidistância aí para mim. Então, a gente tem que apresentar de formas diferentes, uma ferramenta diferente, para que ela seja mais resolutiva dentro do objetivo ao qual ela se propõe.*
- *Então, acho que vai desde a gente organizar a informação, então, a gente estruturar, organizar, modelar, analisar e apresentar. Então, acho que passa por esses três processos, organizar, estruturar, modelar, para a gente poder analisar, passar para o processo de análise, até que ela fique realmente compreensível a quem se destina.*
- *Então, acho que a gente é um pouco do tradutor do dado que a gente pega, do jeito em que você SEPLAG em qualquer área aqui dentro.*

PESQUISADORA:

- Essa informação, você entende como, informação também como elementos visuais, seriam textuais, o que é que você pode englobar de informação a ser comunicada?

ENTREVISTADA:

- *Eu acho que sempre olho muito na perspectiva de quem recebe, qual o objetivo. A gente, às vezes, quer, por exemplo, ofertar um BI, trabalhar com conhecimento, vamos dar um BI para você monitorar. E a gente quer a priori uma ferramenta rápida, uma ferramenta que você tem como analisar informações que estão ali organizadas, mas, às vezes, aquela secretaria não tem um corpo técnico adequado para receber aquela informação, para atualizar aquela informação, para trabalhar o *back dela*, que é a gestão, a estruturação, para poder fazer uma análise mais adequada.*
- *Então, acho que o layout conta muito, a depender de quem se destina, do público que vai consumir essa informação. Então, acho que a nossa principal preocupação não é dar só informação bonita, organizada, mas ela pode ser apresentada de uma forma simples e atingir o mesmo resultado se a gente desse em uma ferramenta muito mais moderna.*

PESQUISADORA:

- Você tem liberdade em fazer suas apresentações visuais? Caso afirmativo, quais são os elementos mais valorizados nas apresentações?

ENTREVISTADA:

- Veja, liberdade, acho que a gente conquistou muito hoje na Seplag. *Mas aí, a gente, enquanto instituição pública, ainda segue algumas limitações por padrões, padrões de*

comunicação do governo, os padrões que são oficiais do governo. Então, quando você pega um PPT, você tem elementos que precisa trabalhar, cores que você precisa trabalhar.

- Então, a gente é ainda modelado por essas estruturas de apresentação. Mas o que a gente coloca ali, a gente já tem. Então, as últimas que eu tenho que trabalhar, eu trabalho com o layout de comunicação do governo.

- Mas a gente tem como trazer muitos elementos gráficos. Eu acho que a leitura rápida da informação é mais palatável para quem está recebendo. Desde a governadora, o secretário, uma equipe técnica.

- E a gente passou muito por esse processo, em que a gente colocava muito texto, mas não, a gente não tem tempo para ler. A gente coloca muita informação visual, muita imagem, e aquilo não me diz muita coisa. Eu preciso mesclar as duas coisas.

- Então, eu sou a favor do nem tanto, nem tão pouco. Da gente mesclar, sempre olhando o tipo de público que a gente está trabalhando.

PESQUISADORA:

- Porém, mesmo tendo o padrão, o padrão da comunicação, enquanto órgão público, você considera quais elementos mais valorizados nas apresentações, você acha que tem que ter?

ENTREVISTADA:

- Hoje, para o público que a gente vem trabalhando muito, a gente até, você enquanto EGP, porque o mesmo público que a SEGES inteira trabalha. Mas eu acredito que a gente tem mesclado muito informações sucintas e objetivas. Então, elementos gráficos são muito importantes.

- Eu acho que, no momento que a gente está, por exemplo, ferramentas de análise ainda não chegaram. Para a gente utilizar um BI para apresentação, a gente está trilhando isso para chegar. A gente está trabalhando muito com o PPT ainda.

E no PPT, a gente ainda precisa trazê-lo de uma forma mais gráfica e interativa. Menos texto, mais elementos gráficos. E, como eu disse sempre, misturar essas informações, de modo que eu possa ler, tipo, botar uma estrada lá e botar uma extensão.

- Então, eu sei que aquela extensão, aquela obra tem uma extensão de X e eu boto um valor lá de custo. Então, ela vai ter uma noção de quanto está custando aquele valor de estrada. E aí, ela consegue comparar, por exemplo, com outras que tem uma extensão diferente que tem um investimento maior ou menor.

- Então, com três elementos eu consigo comunicar. Então, eu acho que elementos gráficos hoje, a gente tem percebido muito no público que demanda a gente, que eles preferem. Então, a gente trabalha aqui no EGP com carteira de projetos.

- Essas carteiras de projetos, a gente organizou de uma maneira que ela tinha muito elemento textual. A gente trazia o descritivo da meta, a gente trazia um fluxo de atividades, um macro-fluxo de planejamento da meta e com resultados. Só que aí, chegaram para a gente, não, está muito ainda, tipo, está seco, está texto.

- A gente consegue entender, mas a gente precisa ter uma leitura mais leve dessa informação. Então, a gente passou a colocar tirar o excesso de texto e aquele texto era completamente transformado em uma junção gráfica de poucos textos. Mas, contando que a gente tivesse uma leitura mais rápida e efetiva.

PESQUISADORA:

- Dados e informações são considerados ativos estratégicos em qualquer organização, seja ela pública ou privada. Dito isso, você acredita que a forma de comunicá-los visualmente influencia no processo de tomar a decisão?

ENTREVISTADA:

- Com certeza.
- Acredito muito. Por exemplo, se a gente coloca um rol de estradas lá, uma lista no Excel de estradas e diz para a governadora quais as estradas que você vai priorizar. Ela vai ter que olhar a informação, buscar.
- Está ranqueado? Não está? *Mas, no momento em que eu já sugiro para ela, olha, essa aqui eu destaco em alto relevo, o grande volume de orçamento. Destaco, digamos, o volume de municípios. Essa daqui é uma informação adicional.*
- *Essa aqui interfere em 30 municípios. Essa aqui interfere em 5 municípios. Então, eu consigo ver, com poucas informações, que ela pode decidir mais rápido.*
- *Não induzir, mas a gente pode orientar, que é o nosso papel, acredito, naquilo que possa ser mais estratégico pela forma de apresentação.* Aí, veja, eu tenho a lista de estradas, com o orçamento que ela me pede e com a extensão da estrada, os municípios que atendem. Eu tenho o que ela me pediu ali.
- *Mas, no momento em que eu trago uma forma gráfica, que eu dou destaque àquilo que eu estou dizendo que é prioritário, eu estou trazendo a minha análise para a forma de apresentação. Isso pode induzir o processo de decisão. Pelo que eu percebo, até das reuniões em que a gente participava.*

PESQUISADORA:

- Ótimo. Vamos lá, eu vou mostrar aqui algumas apresentações, tá certo. São as apresentações visuais, os PowerPoints, os PPTs, o ADS, as apresentações digitais. Também tem essa nomenclatura.
- Aí, eu vou pedir que você, seguinte, em uma escala de 1 a 5, sendo 1 indicando total ausência e 5 indicando o excesso, as seguintes questões, nos exemplos visuais abaixo. Por exemplo, começando aqui, com a configuração 1. De 1 a 5. Aí, para cada 1, a gente vai colocando a quantidade de informações apresentadas.
- Nessa quantidade de informações, dessa forma aqui, de 1 a 5. 1 sem total ausência e 5 indicando o excesso. Como é que você avaliaria a quantidade de informações apresentadas aqui?

ENTREVISTADA:

- 1 é ausência e o 5 é o excesso?

PESQUISADORA:

- Isso.

ENTREVISTADA:

- Então, eu vou no equilíbrio, **eu vou no 3.**
- Porque eu estou vendo aqui poucas informações, informações gráficas, que eu acho bom. E, talvez, essas informações sejam as mais prioritárias de apresentação. Eu tenho aqui a execução, eu tenho a quantidade de metas e tenho um indicador de GPE aqui.
- Eu tenho um indicador, mas seria, digamos assim, eu estou vendo só o quê? *Dados gráficos e numéricos. A priori é isso. Eu estou supondo que isso daqui foi o que foi pedido.*
- Supondo do que foi o que foi pedido, eu acho que seria a **nota 3.**
- Está equilibrado.
- *Mas se forem mais informações, aí eu teria que saber, o público e o momento que essa apresentação seria usada.* Para saber se isso daqui realmente estaria dentro.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?
- Também aqui, **nesse slide A, configuração 1.**

ENTREVISTADA:

- *Pronto, quantidade total, é isso que eu poderia dizer. Eu poderia ser injusta e dizer, tem muita informação, eu posso ser injusta e dizer, tem muita informação, se eu não conhecesse o momento que essa apresentação vai ser utilizada.*
- Porque, dependendo exatamente desse momento, eu tenho o público envolvido, isso norteia muito a organização e a quantidade de informação, ao meu ver, na minha humilde de opinião. Então, assim, por exemplo, eu sei que tem KPIs relevantes aqui, a gente que acompanha a meta sabe. Eu preciso saber uma quantitativa, eu preciso saber um percentual, eu trago uma linha gráfica de execução.
- Isso me dá uma leitura rápida da meta. Então, eu acho isso bastante suficiente. Talvez, por exemplo, você pegou aqui, gestor responsável, foi quem fez o acompanhamento.
- Seria interessante isso e ela está com uma informação maior. Chama a atenção, e o mais importante não é quem fez a elaboração, porque você não sei se está respondendo por isso aqui. Se você está respondendo, é a finalidade.
- Mas se não está respondendo, talvez não fosse nem necessário. Depende do conteúdo, do que motive essa reunião. Mas analisando esses aspectos, eu tenho aqui, exatamente, informações da meta em si, que eu olho a secretaria, e tenho informações da nossa equipe interna.
- Então, eu tenho **dois teores** de informação divergentes no mesmo tipo de apresentação. Aí, o que eu digo? *Depende do momento que for utilizado.* Se for, está ok.
- Se não, talvez você repensar só colocar a informação da meta, ou de você sempre trazer talvez mais alguma informação que possa ser relevante, algum comparativo, se for útil. Não, eu só estou olhando para uma meta, não precisa. *Então, depende sempre do que a gente está explorando na apresentação.*
- *Mas, em termos de elementos, eu acho que elementos trabalhando com KPI, que eu acho que é uma coisa muito importante ter, que são esses grandes números que a gente traz, esses indicadores maiores. Elementos gráficos, que aí a gente trabalha com isso. Eles proporcionam uma leitura rápida.*
- *Então, eu explico isso aqui, eu explico no discurso. A pessoa olha aqui, bate e entende. E execução financeira.*
- Então, eu tenho a execução da meta em si, execução financeira, **tenho dois dados relevantes.**
- Então, eu acho que é o quantitativo. Se for só leitura de meta, ok, talvez acrescentar alguma coisa só da própria meta.
- A que a meta se refere. Eu estou só vendo um panorama geral das metas que eu acompanho enquanto EGP. Aí, veja, é para reunião interna, é só para eu dar um panorama de tudo que eu estou acompanhando enquanto gestora aqui para dentro.
- Então, ela tem esse aqui, minha última. Se fosse só para a secretaria para fora, aí talvez ela não precisa de informações de acompanhamento, por exemplo, da EGP, que seria esse gráfico aqui. Então, a disposição de informações, elas estão assim, são informações complementares, *mas eu bato sempre na tecla e depende do momento que a gente vai utilizar a informação.*

PESQUISADORA:

- Mas, assim, nessa escala de 1 a 5?

ENTREVISTADA:

- De 1 a 5, **eu iria no 3** também.
- Eu não estou dando por falta, porque também não sei, mas também não estou vendo nenhum excesso de informação. Acho que está bem distribuído.

PESQUISADORA:

- A quantidade de elementos irrelevantes do que você considera, de tudo que você falou?
- Então, também na escala de 1 a 5, a quantidade de elementos irrelevantes.
- Para 1, ausência ou 5, indicando o excesso.

ENTREVISTADA:

- Acho que se fosse assim, para ser bem cartesiana, a gente tinha num percentual mesmo. Tem 1 elemento, 2, 3, 4, 5, 6 elementos.
- Desses 6 elementos, 2 é que eu estou supondo que você está apresentando isso para a Secretária.
- Nessa situação específica, eu tiraria essas duas informações. Então, quem disser de tirar 2, dá o quê? Um terço dela, né? Então, um terço dela, a maior parte ainda da sua apresentação ainda é de elementos que são úteis.
- Então, a gente vai para uma nota aí próximo de 4. 3, 4, por aí.

PESQUISADORA:

- Aí também, nessa escala de 1 a 5, a quantidade de elementos que produzem distração e tiram o foco da informação necessária de ser comunicada?

ENTREVISTADA:

- Quantidade de elementos? Isso. 2 de 6. Eu ia nessa mesma quantitativa. 2 de 6. **2** elementos de 6.

PESQUISADORA:

- Aí eu vou agora, nessa *segunda configuração*.
- Seria esse slide. Então, as perguntas elas vão se repetirem. Também numa escala de 1 a 5, sendo 1 total ausência e 5 indicando o excesso.
- Dessa forma aqui, como está configurado, como tá informações apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Qual que é a diferença?

PESQUISADORA:

- Aqui tinha um gráfico de pizza. Aí aqui ele foi transformado para...

ENTREVISTADA:

- Todas monitoradas pelo EGP.

PESQUISADORA:

- Por exemplo, metas por status.
- Esse tamanho de pizza foi transformado num gráfico de barra vertical. Entendeu?

ENTREVISTADA:

- Veja, eu acho muito questão de gosto mesmo, né? Tipo, você vê uma execução de pizza, por exemplo, eu acho uma leitura melhor pra mim do que uma... do que uma de barra. Mas aqui eu estou vendo outra categoria.
- Ah não, estou vendo projetos de licitação também. Aqui eu estou vendo percentual, aqui eu estou vendo quantitativo. Então esse aqui atende melhor.
- Quando eu falo de quantidade, o de barra atende melhor do que o de pizza, que trabalha melhor com percentual, né? E aqui você colocou todas monitoradas pelo EGP. Veja, aqui era 100%, eu estou vendo um gráfico com 100%.
- *Aí eu já prefiro essa, porque se é 100%, o teu texto deu destaque.* Então assim, a quantidade de informações apresentadas, pra mim ela está adequada também. Eu ia na mesma nota do de cima, **nota 3**. Porque são só mudanças de elementos, mas me comunicam as mesmas coisas.
- Eu sempre vou... Atendeu a minha comunicação, eu compreendi. Então está adequado.

PESQUISADORA:

- Aqui, *slide A, configuração 2*.
- Aí eu vou de novo. Quantidade de informações, então, apresentadas dessa forma.
- Vamos... categorizar, né? De 1 a 5. Informações relevantes, assim. Aí que nota você daria?

ENTREVISTADA:

- Essa aqui eu **daria pra 4**. Eu acho que essa forma, eu consigo ler melhor assim.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas? Essas informações que você considera como relevantes e apresentadas. Porque às vezes assim, pode ter muita informação.

ENTREVISTADA:

- Mas não está útil, né?

PESQUISADORA:

- Mas tem informação útil, tem informação que distrai, elementos visuais que distraem, elementos irrelevantes, enfim, tudo o que você considera, tá?

ENTREVISTADA:

- Então, a gente tem aí que 60% pra mim da apresentação, ela está com informações relevantes. Então, você não tem um excesso.
- Você está mais pro meio de equilíbrio. **Uma nota 3**.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos irrelevantes que você considera aqui, nessa configuração 2?

ENTREVISTADA:

- Dois elementos.

PESQUISADORA:

- Então, você daria uma escala de 1 a 5 seria nota 2?

ENTREVISTADA:

- Não, dois elementos que eu considero irrelevantes. Aí a gente vai pra uma nota 3 ou 4. Eu tenho que escolher uma, né? Então, a gente vai, como a maior parte das informações são úteis, **nota 4.**

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos que produzem distração e tiram foco da informação necessária a ser comunicada? Também aqui nessa configuração 2.

ENTREVISTADA:

- Pronto, eu ia **pra nota 3**, porque eu tenho só dois elementos que tiram meu foco.
- Então, nota 3 não está um excesso. Não é uma escassez. Aí, aqui também já é uma outra forma de apresentação.

PESQUISADORA:

- Aí, algumas coisas que tinham destaque, que foram retiradas, enfim. Aí, dessa forma aqui, essa **configuração 3**. Quantidade de informações apresentadas? De 1 a 5.

ENTREVISTADA:

- **Eu vou na 3** também, porque eu tô achando bem... até a distribuição melhor.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Relevantes apresentadas...
- Eu ia pra um... Eu tenho uma, duas, três, quatro informações relevantes apresentadas. Eu ia pra uma nota... Não é escasso, né? Mas eu acho que eu daria **um 2**, porque talvez se a gente pudesse colocar mais coisas aqui. Entendeu? Agora que você limpou mais a apresentação, aí a gente tá com muito espaço, a gente poderia trazer mais informação.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADA:

- Irrelevantes... Eu vou na mesma linha do... eu tenho dois elementos.
- Veja, aí são dois elementos que eu acho irrelevantes. Que são esses dois aqui. São os mesmos elementos, mas a maneira como você apresentou, você tirou o destaque deles.
- Então, eles já ganham um pouquinho. A irrelevância que eu tô vendo neles não é tanta, porque eles não estão se destacando tanto na apresentação. Entendeu? Então, assim, agora talvez esse peso diminua um pouco.
- Então, eu iria o quê? Notar um excesso de elementos irrelevantes. Eu tenho um equilíbrio aí, então eu puxo **mais pro 2.**

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos que produzem distração e tiram o foco da informação necessária a ser comunicada?

ENTREVISTADA:

- **Vamos no 2**, porque também eu tô achando que ele tá mais pra escassez mesmo. Agora, com essa nova forma visual ele perde um pouquinho o peso.

PESQUISADORA:

- Aí, *slide A, configuração 4*. Do slide A, essa é a última, tá?
- Quantidade de informações apresentadas dessa forma aqui, de 1 a 5?

ENTREVISTADA:

- Aí, eu acho que eu **vou no 2**.
- Eu acho que apresentaria mais coisa.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Relevantes, eu acho que **tá no 3**, tá no equilíbrio. Relevantes, eu tenho quatro elementos que são importantes pra eu colocar aí.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADA:

- Relevantes, agora eu só tenho um.
- Então, eu tenho uma escassez de elementos irrelevantes, **eu vou pra 1**.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos que produzem distração e tiram o foco da informação necessária a ser comunicada?

ENTREVISTADA:

- Aí eu vou **pra 1**, porque isso aqui não tá tirando meu foco. O único elemento que eu tô vendo aqui ele tá em destaque menor, ele não tá tirando meu foco.

PESQUISADORA:

- Reforma e criação aqui foi uma outra meta do presídio de Igarapu. Aqui era uma outra forma também de a gente dar as informações dessa meta. Tava em execução, equipe EGP, tem os registros fotográficos.
- Então, assim, era dessa forma que ia pra Secretaria. Que a gente utilizava.
- Então, *slide B, configuração 1*.
- Quantidade de informações apresentadas, de 1 a 5?

ENTREVISTADA:

- Eu vou **no 4**, porque ele tem mais informação do que o outro, mas também eu não tô achando necessário, porque eu tô achando que a distribuição gráfica são de elementos diferentes.
- Eu tenho gráficos, imagens, textos. Como eu tô misturando a tipificação dos elementos, ela não fica muito, mas eu tenho mais informação que o outro.
- **Então, eu vou no 4**.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Relevantes, eu vou no 4 também.
- **Não, eu vou no 3**, porque eu tô achando equilibrado, assim, de relevância, né?
- Tô avaliando só relevância, né?

PESQUISADORA:

- Sim, relevância.

ENTREVISTADA:

- Relevância, a gente **vai no 4**, porque tem algumas ainda que eu tiraria.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADA:

- Irrelevantes. Eu acho que a gente **vai no 1**, que eu tô vendo só 1 que eu tiraria.

PESQUISADORA:

- Tiraria o quê?

ENTREVISTADA:

- Equipe EGP.
- Porque eu tô pressupondo que quem tá fazendo a apresentação somos nós. Eu já faço isso numa apresentação verbal.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos que produzem distração e tiram foco da informação necessária de ser comunicada?

ENTREVISTADA:

- **1.**
- Tô vendo muita distração nele, não!

PESQUISADORA:

- Aí, configuração 2. Quantidade de informações apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Quantidade, eu vou na mesma nota. **Vai no 4.**
- Porque, quantitativamente, são informações, são mais informações. Aqui eu tô vendo só uma diferença de lealte, não. A gente tá trabalhando, na verdade, coloração.
- O vazio dos espaços, enfim.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Relevantes... **Vamos no 3**, tá equilibrado.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADA:

- Elementos irrelevantes, **1**.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos que produzem distração e tiram foco da informação?

ENTREVISTADA:

- Aí eu já **tenho dois elementos**, porque como você tirou a cor, então eu vou naquilo que chama mais atenção com cor. Eu olho a foto. Eu olho a foto e tiro a atenção do teu informativo, dos gráficos, por exemplo.

- Quando eu ponho um cor no gráfico, tudo que tem cor no fundo e algo que tem cor no fundo branco, ele chama mais atenção pra mim. Então, veja, os títulos, eles estão transparentes. Então, eu não tô sabendo o que é isso aqui.

- Eu tô fazendo a leitura da foto. Mas o que é a foto? Quando eu olho pra cá, eu vejo um registro fotográfico. Não é pra dizer um ponto crítico.

- Então, eu bato o olho primeiro na tipificação da informação pra poder ir na informação. Quando eu tiro a cor, eu vou direto na informação, que é o que tá destacando mais.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Aí aqui também eu vou no 4, que tem mais informações, mas aí é... Não tá no excesso, não. Desculpa, a gente vai no 3, porque tem informações importantes, né? Não, eu tô só analisando a quantidade, me perdoe. Quantidade, a gente vai **no 4**. Acho que tem muita.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Relevantes... Ah, eu acho que tá um pouco mais escasso das relevantes. São as mesmas informações, mas veja, é isso que eu tô batendo o olho. Na forma de apresentação, eu tô analisando se é relevante ou não.

- Então, quando eu olho pra ela, eu vejo que tem pouca coisa relevante. Eu tô olhando que destaque o 100, eu tô olhando que destaque as duas fotos. Então, tem uma escassez de informação relevante.

- Eu vou mais **pro 1**.

PESQUISADORA:

- A quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADA:

- Irrelevantes, aí eu já tenho um... Parece-me um excesso. Só olhando o layout.

- Irrelevantes, se eu não consigo bater o olho e decifrar o que é, eu tenho mais. **Eu vou no 4**. Por causa do fundo.

PESQUISADORA:

- E elementos que produzem distração e tiram foco da informação?

ENTREVISTADA:

- Eu tenho dois elementos aí, então eu tenho... Eu tenho um excesso de elementos que... É difícil responder.
- Deixa eu só racionalizar essa.
- É porque a gente fala invertida. A gente tem que... Tu testou minha mente agora.

PESQUISADORA:

- Um, total ausência e cinco excessos. Então, um é...
- A quantidade de elementos que produzem distração. Sei lá, o que você considera que lhe distrai?

ENTREVISTADA:

- Eu tenho dois elementos aqui que estão me distraindo, são as duas fotos.
- Porque todo o outro fundo está branco, eu não estou retendo informação textual e gráfica. Só que aí, por exemplo, eu tenho poucos elementos. Então, eu iria praticar, **seja um dois**.
- Então, elementos que me distraem são... Eu vou pra **linha de dois**. Está escasso. Mas, em compensação, eles são tão marcantes que o peso deles seria muito maior pra mim.
- Pela organização das demais informações. Então, eu não estou só olhando. Quando você me pergunta esses dois, eu não tenho como analisar só esses dois, porque eles realmente estão retendo muita atenção.
- Eles têm uma quantidade inferior, mas eles têm um peso grande na minha atenção visual.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Aí, eu já acho muito pra um quadro. Na leitura, né? Sim, vou no **quatro**.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Relevantes... Eu estou olhando pra cá, estou vendo duas. Estou vendo a escassez, **dois**.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADA:

- Na leitura rápida, aí eu já estou vendo os **quatro**.
- Você está tirando elementos, está tirando caixa de texto, cada vez que você tira, eu tenho mais que eu estou vendo menos. Entendeu?

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos que produzem distração e tiram o foco da informação necessária de seu comunicado?

ENTREVISTADA:

- A mesma linha, **dois**. Aí, eu tenho uma escassez. Minha mesma reflexão. Eu tenho uma escassez de elementos. Eu vou pra dois. Só tenho dois elementos.
- Mas, em compensação, eles estão concentrando muito a minha atenção. Porque você tirou o foco demais das outras informações. Enquanto você tem, nos outros slides, uma cor de fundo em cada coisa, esse aqui, a foto está me distraindo.
- Aí, você tirou outra cor. Aí, a foto está me concentrando mais. Estou me distraindo mais das outras informações.

PESQUISADORA:

- Entendi.

ENTREVISTADA:

- Então, cada destaque de cor, de coloração que eu boto em um elemento, eu retenho muita atenção para aquele elemento. E estou tirando a atenção dos demais.
- Aí, assim, tudo... Veja, conteúdo, toda informação de conteúdo é importante. Mas, quando você bota uma grade, você está me dizendo de olhar pra cá. Quando você me bota uma seta, você está dizendo que ela é importante.
- Quando você me bota uma imagem... É uma estrada. Estou dizendo aqui que é uma estrada. Isso aqui vai ser uma que a gente fez uma vez, que foram casas de... casas-lares e casas- abrigo.
- Aí, a casa-lar era pra criança. A abrigo era o maior. A gente botava a casa com a criança.
- A casa com o adulto. Então, eu sabia que era abrigo de faixas etárias diferentes. Então, eu já faço uma leitura rápida daquilo.
- E eu botar a cor. Fundo branco com elemento gráfico bem colorido. Aí, eu olhava e botava um gráfico do lado.
- Pronto. Eu bati o olho. Eu já fazia uma leitura com dois elementos gráficos.
- Porque eu botei cor. A cor realmente... Aí, tem que trabalhar um pouco da coloração, saturação, pra também você não... se exagerar demais, você também não entende. Mas, no padrão, você tá trabalhando com todo o padrão de cor do governo.
- Com a orientação da comunicação do governo. Tá tudo certinho. Mas, aí, quando você tira um elemento simples, uma linha, um traço, uma caixa de texto, eu tiro o foco na informação.
- Veja que você deixou, mesmo assim, o mesmo tamanho, mas você tirou o fundo. Se você tivesse, como você botou no outro, uma caixa de texto azul com ele branco, isso é muito importante pra mim. Eu já vou bater o olho nela.
- Mas, se tu tirou e deixou a foto, eu vou botar a foto.

PESQUISADORA:

- Entendi. Então, é isso, Carol. A gente encerra aqui. Muito obrigada.

ENTREVISTADA:

- De nada.

ANEXO C – ENTREVISTA 3

Nesta seção, transcreve-se a entrevista realizada com a gestora governamental – especialidade Planejamento, Orçamento e Gestão Luisa Silvana de Oliveira Souza, gerente do EGP, com duração de 29 minutos e 13 segundos, na data de 29/08/2024, na Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag), em Recife (PE).

PESQUISADORA:

- Seu nome?

ENTREVISTADA:

- Luísa Silvana de Oliveira Souza.

PESQUISADORA:

- Aí faixa etária?

ENTREVISTADA:

- Trinta e seis a quarenta.

PESQUISADORA:

Estado civil, né?

ENTREVISTADA:

- Imagino que separado, né?

PESQUISADORA:

- Possui filho?

ENTREVISTADA:

- Sim, dois.

PESQUISADORA:

- Formação de origem, graduação?

ENTREVISTADA:

- Administração.

PESQUISADORA:

- Maior titulação. Maior titulação, pós!

- Depois da graduação. Depois da graduação. Lato sensu, né?

ENTREVISTADA:

- Lato sensu.

PESQUISADORA:

- Lato sensu. Foi em que lu? Foi... Tem uma em gestão de pessoas e uma em aquela que a gente fez na unidade... Gestão pública e gerenciamento de cidades.

- Pronto. Em gestão de pessoas. Em gerenciamento de cidades e gestão... É, gestão pública e gerenciamento de cidades, é. Ou, né?

ENTREVISTADA:

- Isso.

PESQUISADORA:

- A área é... Gestão pública seria isso, né?

ENTREVISTADA:

- Gestão pública, é.

PESQUISADORA:

- Tempo de experiência na iniciativa privada?

ENTREVISTADA:

- É, no banco eu trabalhei... Por quanto tempo? Sete anos.

- Aí, tempo de experiência no serviço público. Nove anos, temos nove anos, né? São esses nove anos, né? Aí, tempo de serviço na SEPLAG.

PESQUISADORA:

- Tu exerce algum cargo de chefia?

ENTREVISTADA:

- Sim. Hoje é gerente, né? Gerente do escritório de gerenciamento de projetos.

- Era gestora, mandou pra gerente. Gerente do EGP. Da SEPLAG.

PESQUISADORA:

- Possui alguma função gratificada?

ENTREVISTADA:

- Sim. Qual é, tipo... A sigla é? Pode ser a sigla. É... FDA ...2. Se eu não me engano.

- Era o 3 antes? É, 2. Que é equivalente a gerente, né?

PESQUISADORA:

- Certo. Exerce alguma outra atividade? Trabalho, estudo fora da SEPLAG?

ENTREVISTADA:

- Não.

PESQUISADORA:

- Ai, Lu, fala um pouquinho sobre a tua trajetória até chegar aqui no EGP.

ENTREVISTADA:

- Enfim. Essa parte de concurso. Como é que foi.

- Chegando no EGP. Enfim. Enfim. Me formei lá pelos idos de 2008. Na administração. E já na faculdade eu tinha essa intenção de fazer concurso.

- Só não tinha muita disciplina pra estudar. Nunca tive muito, pra ser sincera. Aí eu estagiava lá no banco.

- Surgiu o concurso. Disse, vou fazer. Um me deu uma apostila, outro me deu outra, não sei o que.

- Estudei, fiz, passei no concurso do banco. Trabalhei uns cinco anos, eu acho, no centro, no CSO. No suporte operacional.

- Mais com essa parte de demanda judicial. De fornecer subsídios para os advogados do banco, né? Procurar no sistema, coisas que ajudasse o banco na defesa. Depois que foi a gestão de pessoas lá do banco.
- Aqui é GESPE, lá era GEPES. GEPES, é.. Aí a gente foi convocada pro concurso daqui. Também meio que parei de estudar. Quando a gente passou aqui, que teve aquela reestruturação. Aí eu disse, vou ver qual é. Não vou ficar estudando não.
- Não tenho muita disciplina psicológica pra passar anos estudando não. Enfim, aí vim, assumi aqui. Já no EGP, a gente teve aquelas entrevistas, né? Já tinham manifestado meu interesse pelo EGP.
- Gostei do que apresentaram. Como metodologia, né? Parecia uma coisa já mais estruturada. E o que tinha realmente é uma metodologia, né? Achei uma coisa mais objetiva.
- Mas é isso que a gente faz, sabe? É isso. E aí, assumi, né? Como gestora aqui. Passei um tempo acompanhando as obras da Compesa.
- Eu acho que eu fiquei muito na área da Compesa. De recursos hídricos, um tempo barragens. Aí passei um tempo acompanhando as coisas da SDS.
- Pronto. E aí, lá pra... Depois que eu voltei da minha licença maternidade, ali. Lá pra 2020.
- A pandemia foi em 2020, né? Pronto. Mas, mais ou menos em 2020. Aí, eu substituí Livinha.
- Na época era coordenação, né? Ela saiu de licença. Aí, eu fiquei substituindo ela e logo depois. Foi quando ela voltou.
- Aí, ela já assumiu outra função. Que era de assessora. Aí, eu assumi a função dela de coordenadora, né? E depois, essa função de coordenadora virou uma função de gerência.
- Isso foi o quê? 2020, né? Então, de 2020 pra cá, eu tô aí, coordenação. Caramba, agora que eu tô vendo, faz quatro anos. Quatro anos.
- Tempo voa, né? Tempo voa. Muito tempo.

PESQUISADORA:

- O que vem à tua mente, quando eu falar aqui do EGP da SEPLAG?

ENTREVISTADA:

- Do da SEPLAG, o que vem à minha mente, eu acho que é *informação*.
- A gente tem essa questão da metodologia, de tentar aplicar a metodologia do PMI e tal. Mas, eu acho que o que a gente mais trabalha mesmo é com informação.

PESQUISADORA:

- Isso. Aí, pra você, o que é informação? O que seria informação?

ENTREVISTADA:

- O que é informação é... Como é que eu posso explicar? *São os dados trabalhados de uma forma que ajudem na tomada de decisão.*
- *Entendimento da situação e na tomada de decisão.*

PESQUISADORA:

- Tá. Aí, já que tá falando em tomada de decisão, vou inverter um pouquinho a ordem aqui das perguntas.
- Nesse aspecto, né? Que a gente sabe, pronto, dados são importantes. São ativos estratégicos, né? Dados, informações, qualquer organização, pública ou privada.
- Aí, dito isso, tu acredita que comunicá-los de uma forma, visualmente, a forma como se comunica, como eles são comunicados visualmente, influencia na tomada de decisão?

ENTREVISTADA:

- Sim.
- Acredito que sim, hoje mais ainda. Que a gente tá tão acostumado a ver, não tô dizendo na administração pública não, na vida, né? Que as coisas hoje são muito rápidas, a informação é muito rápida. A gente tá muito acostumado a não se aprofundar nas coisas, né?
- Olhar ali e querer entender ali no primeiro olhar, né? Então, acho que, com certeza, é muito importante.

PESQUISADORA:

- Certo.

ENTREVISTADA:

- A gente direciona, você até direciona um pouco a... A atenção da pessoa pra...

PESQUISADORA:

- Entendo. Certo.

ENTREVISTADA:

- Tem que ter esse cuidado de apresentar de uma forma que o mais importante fique mais visível, né? Chama mais a atenção.

PESQUISADORA:

- Você tem liberdade em fazer essas apresentações? Caso afirmativo, se houver, quais são os elementos mais valorizados nas apresentações que você acha?

ENTREVISTADA:

- Eu acho que temos hoje liberdade, né? Depois que a gente deixou o painel do controle de lado, que era já pré-formatado, né? *A gente foi trabalhando muito com PowerPoint, que tem os seus problemas, mas a gente customizava, digamos assim, né? Então, acho que a gente tem liberdade, pelo menos de propor apresentações.*

PESQUISADORA:

- Elementos mais valorizados?
- Desde a cor, o layout que vem, que a gente sabe que vem, já é estabelecido pela comunicação do governo, né? O básico, né? Exatamente. As informações, valores, orçamento, enfim. Percentuais, metas.

ENTREVISTADA:

- *Eu acho que... Eu acho que valores. E, assim, o principal problema, ponto crítico, né? Entrave, enfim. E eu acho que o que precisa de decisão, né? Melhor deixar claro o que ali precisa de alguma tomada de decisão.*

PESQUISADORA:

- Comenta um pouquinho sobre o suporte material aqui da SEPLAG para o desenvolvimento do trabalho da gente. As ferramentas que a gente... Aí materiais, equipamentos, tecnologias, licenças, enfim.

ENTREVISTADA:

- Eu acho que... Assim, de hardware, digamos assim?

PESQUISADORA:

- Pode ser de hardware, de software.

ENTREVISTADA:

- A gente está um pouquinho ultrapassado.

- Nossas máquinas estão um pouquinho ultrapassadas, né? E software a gente usa o que... Acho que os básicos do mercado, né? O pacote office, o project. E hoje a gente está tentando estruturar esse BI, né? O BI. Eu acho que hoje a gente está um pouco carente de ferramentas, sabe? Principalmente eu sinto falta de uma ferramenta única hoje.

- De ficar... Isso a gente faz uma planilha, isso a gente faz um projeto, isso a gente bota no BI, isso a gente... A gente está... *Eu acho que a informação está meio espalhada. Está difícil de gerenciar.* Eu estou sentindo falta hoje de uma ferramenta única, né?

- É isso.

PESQUISADORA:

- Tá. Pergunta seguinte:

- Eu vou te mostrar uns slides, tá certo? Configurados, o mesmo slide configurado quatro vezes. Aí são dois slides. Slide A, configuração um.

- Slide A, configuração dois, certo? Até slide A, configuração quatro. Depois, slide B, também configurado quatro vezes. A informação, digamos assim, está sendo a mesma.

- Mas as configurações estão sendo diferentes para você avaliar, tá certo? De acordo com a escala. Seria o seguinte. Eu vou pedir para você avaliar na escala de um a cinco, sendo um, total ausência, a menor quantidade, e cinco, a maior quantidade.

- Em quatro perguntas. Vai chegar um momento que você vai, de repente, que você vai ter a sensação que as perguntas estão se repetindo, que você está dizendo que está se repetindo, mas é meio que natural, assim. Mas tem toda uma questão por trás, tá certo? Então, se quiser comentar algo além daquilo que você está vendo aqui, fique à vontade.

- E quando eu vou perguntar sobre informações, elementos, você pode considerar tag, caixa, enfim, a parte textual, essas caixinhas aqui desses quadradinhos, tá certo?

- Enfim, tag, os gráficos, informação textual, tá certo? Então, elementos e informação, você pode considerar de uma forma mais genérica, mais ampla, tá bom?

- Vamos lá!

- Começando aqui no *slide A, a configuração 1*, tá? Para você, a quantidade de informações apresentadas, que você entende como informação, pode ser, enfim, tá? Nessa escala de 1 a 5, 1 sendo total ausência, ou 5 indicando o excesso? Que peso, que nota você daria?

ENTREVISTADA:

- A quantidade de informações aqui, né?

PESQUISADORA:

- A quantidade de informações aqui!

ENTREVISTADA:

- Status, execução financeira, eu daria... 5 é bom ou é ruim, nesse caso? Então, 5 é o excesso, tem muita informação... 3.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Eu acho que aqui, duas.
- *Para a gente, interessa, né? Para quem acompanha esse indicador, se a meta é prioritária, mas para a secretaria, enfim, para quem vai tomar a decisão, acho que saber o status da obra e como é que ela está sendo executada financeiramente é mais relevante.*
- Pronto, então, aí de 1 a 5, então **seria 2.**

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos irrelevantes? Aí, nesse elemento, você engloba dados, tags, cor, enfim... Sombreado, caixa...

ENTREVISTADA:

- Irrelevante na primeira, eu acho... Acho que irrelevante mesmo, 1. Ah, de 1 a 5 eu dou, né?
- Se for 1, é porque tem pouco elemento irrelevante, né?

PESQUISADORA:

- Isso, exatamente!

ENTREVISTADA:

- **2.**

PESQUISADORA:

- A quantidade de elementos que produzem distração e tiram foco da informação necessária de ser comunicada?
- Você enxerga que tem algum elemento aí que tiraria a atenção?

ENTREVISTADA:

- Eu acho que não.

PESQUISADORA:

- Tá. Então, como é uma escala de 1 a 5, e 1 sendo total ausência, **então seria nota 1?**

ENTREVISTADA:

- **É.**

PESQUISADORA:

- Aí, vamos lá. **Configuração 2.** As informações... As mesmas perguntas.
- Quantidade de informações apresentadas?

ENTREVISTADA:

- **Igual, 3.**

PESQUISADORA:

- Informações relevantes?

ENTREVISTADA:

- Informações relevantes... Eu dei 2, não foi? Eu acho que aqui também, **2.**

PESQUISADORA:

- Certo. Elementos irrelevantes?

ENTREVISTADA:

- **Eu dei 1**, que tem poucos elementos irrelevantes, né?

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos que produzem distração e tiram foco?

ENTREVISTADA:

- Eu tinha dito que não tinha lá, né? No outro. **Eu daria 2 nesse.**

PESQUISADORA:

- Né? Aí, te chamou a atenção o quê, assim?

ENTREVISTADA:

- Eu acho que eu, quando...

- Eu li logo isso aqui, assim. Todas monitoradas pelo EGP. Dependendo de quem seja o consumidor, final agência, secretaria, enfim.

- *O tomador de decisão, acho que não faz muita diferença. Pro tomador de decisão, pra alta gestão, se ela é acompanhada pelo EGP ou pela outra gerência da SEGES.*

- *Pra gente internamente, pra SEGES, talvez seja. Mas pra fora, não. Pra fora, não.*

PESQUISADORA:

- Aí, **configuração 3**. Quantidade de informações apresentadas? Informações relevantes e irrelevantes? E elementos que produzem distração?

ENTREVISTADA:

- Tá. Quantidade de informações apresentadas?

- Eu acho que eu mantenho o **3**.

PESQUISADORA:

- Informações irrelevantes apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Também 2. Que eu acho que... Mas as mesmas informações, né? Só que de outra forma... De outra forma, **2 também**.

PESQUISADORA:

- Tá. Elementos irrelevantes que tem aí?

ENTREVISTADA:

- Irrelevantes, é ... 1. Nota 1 também.

- **Quer dizer, bota nota 2.**

PESQUISADORA:

- Elementos que produzem distração?

ENTREVISTADA:

- **Ei dei 2 na outra, ne?! Então, acho que a mesma coisa!**

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações apresentadas, informações relevantes, elementos irrelevantes e elementos que produzem distração.
- Aí, de 1 a 5, né? 1 indicando total ausência e 5 indicando o excesso.

ENTREVISTADA:

- É... Eu dei 3, né? Pra essa questão de quantidade de informação.
- Aqui tem um pouco menos, né? Acho que só saiu, só saiu isso aqui, né?
- **2, então.** Pra ser coerente.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas aqui?

ENTREVISTADA:

- Também, acho que **2.**

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADA:

- **2, número 2.**

PESQUISADORA:

- E elementos que produzem distração?

ENTREVISTADA:

- Só que isso tá chamando mais atenção, né? Pra informação que eu acho importante. **É, 3.**

PESQUISADORA:

- Essa informação importante, por exemplo, com esse gráfico de barras vertical, ele atendeu, tu acha assim, sua opinião assim?

ENTREVISTADA:

- Atendeu.

PESQUISADORA:

- Ele consegue comunicar?

ENTREVISTADA:

- Acho que sim.
- Pra essa quantidade de informação que a gente tem, eu acho que sim.

PESQUISADORA:

- Aí, *slide B* também. Quatro configurações nesse mesmo raciocínio, tá?
- Quantidade de informações apresentadas aqui?

ENTREVISTADA:

- Nota **quatro.**

PESQUISADORA:

- De informações relevantes aqui?

ENTREVISTADA:

- **Três.**

PESQUISADORA:

- Elementos irrelevantes?

ENTREVISTADA:

- **Três** também.

PESQUISADORA:

- Elementos que produzam distração?

ENTREVISTADA:

- **Dois.**

PESQUISADORA:

- Vai agora... *Slide B, configuração dois.*
- Quantidade de informações apresentadas?

ENTREVISTADA:

- Quantidade de informações, **quatro** também, né? Que é basicamente as mesmas que tem aqui.

PESQUISADORA:

- Informações relevantes?

ENTREVISTADA:

- **Três.**

PESQUISADORA:

- Irrelevantes?

ENTREVISTADA:

- Então, **dois.**

PESQUISADORA:

- Elementos que produzam distração?

ENTREVISTADA:

- **Dois** também.
- Tô achando ela mais limpa. Menos distrações.

PESQUISADORA:

- Aí, **configuração três**, configuração quatro.
- O mesmo esquema. Quantidade de informações apresentadas, relevantes, irrelevantes, elementos que distraem.

ENTREVISTADA:

- Quantidade de informações... Mesma coisa, **quatro**.

PESQUISADORA:

- Informações relevantes?

ENTREVISTADA:

- **Três** também.

PESQUISADORA:

- Elementos irrelevantes?

ENTREVISTADA:

- Elementos irrelevantes... Essa tem menos... Dou **dois** também, tá?

PESQUISADORA:

- Tá. E que produzem distração?

ENTREVISTADA:

- Elementos que produzem distração. Hum... Eu acho que não tem muito não, o que produz distração.

- **Dois**.

PESQUISADORA:

- Certo.

- E **configuração quatro**? Quantidade de informações?

ENTREVISTADA:

- Eu acho que essa tá mais limpa, né? **Três**.

PESQUISADORA:

- Informações relevantes?

ENTREVISTADA:

- Relevantes... Eu dou um **três** também.

PESQUISADORA:

- Irrelevantes?

ENTREVISTADA:

- Irrelevantes... Essa tá mais limpa, **dois**.

PESQUISADORA:

- E elementos que produzem distração?

ENTREVISTADA:

- **Dois** também.

PESQUISADORA:

- Pronto, Lu.

- É... A a gente encerra aqui, tá? Agradeço.

ENTREVISTADA:

- Joia. Espero ter ajudado!

PESQUISADORA:

- Muito obrigada. Ajudou sim, com certeza!

ANEXO D – ENTREVISTA 4

Nesta seção, transcreve-se a entrevista realizada com o gestor governamental – especialidade Planejamento, Orçamento e Gestão Rodrigo Valença de Barros Corrêa, gerente geral do EGP, com duração de 29 minutos e 26 segundos, na data de 02/09/2024, na Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag), em Recife (PE).

PESQUISADORA:

- Tua faixa etária, Rodrigo?

ENTREVISTADO:

- 42.

PESQUISADORA:

- Tua formação de origem, graduação?

ENTREVISTADO:

- Engenharia de produção.

PESQUISADORA:

- Aí, a maior titulação... Foi que em... Administração. Administração

ENTREVISTADO:

- A área é... Desenvolvimento local sustentável. Gestão do desenvolvimento local sustentável.

PESQUISADORA:

- Aí, tu tens tempo de experiência na iniciativa privada?

ENTREVISTADO:

- Tenho.

PESQUISADORA:

- Ah, tu tem quanto tempo?

ENTREVISTADO:

- Eu entrei em 2011, não foi? Oi? 12 anos. 12 anos? Tempo de experiência... Não, mentira. Espera aí.

- 2011 eu entrei, entrou, não foi? Estou me confundindo aí. Não, é porque eu sou de 2015. Não, eu entrei em... Espera aí.

PESQUISADORA:

- Tá, então experiência no serviço público?

ENTREVISTADO:

- Sim. Desde 2011.

- Aí seria aí... 13 anos.

PESQUISADORA:

- Tempo de serviço na Seplag?

ENTREVISTADO:

- 13 anos.

PESQUISADORA:

- Aí, tempo de serviço no EGP?

ENTREVISTADO:

- Um mês. Quer dizer, um cargo de chefia, sim.

PESQUISADORA:

- Aí, alguma função gratificada?

ENTREVISTADO:

- Sim. É um FDA.

PESQUISADORA:

- Exerce alguma outra atividade, trabalho, estudo, fora da Sepalg?

ENTREVISTADO:

- Não, não.

PESQUISADORA:

- Fala um pouquinho da tua trajetória até chegar no EGP.

ENTREVISTADO:

- Bom, eu entrei na Seplag em 2011, concurso, né? Só... Final de 2015... Não sei se achar importante, hein? Pronto, final de 2015, eu fui para... Fui ser superintendente financeiro de Noronha. Ferrando Noronha. Que lá é como se fosse secretário de Finanças, lá. Porque lá é um órgão, uma autarquia.

- Eu era como se fosse secretário de Finanças, porque tem a parte financeira e a parte tributária, igual você faz, sabe? Não é, por exemplo, você ser financeiro de um órgão normal, a gente só trata uma gestão financeira, empenho, execução financeira e orçamentária. Lá eu tinha a função meio de secretário, ou seja, eu cuidava de toda a parte tributária, de arrecadação. Aqui ninguém cuida da arrecadação aqui nos órgãos, né? Só quem cuida da arrecadação é quem trabalha na Seplag.

- Entende? Quem trata com arrecadação do nosso... Eu era o cara que fazia auditoria lá.

- Fiquei lá dois anos, aí fui superintendente do Prodetur, depois gerente geral administrativo e financeiro da SETUR, depois secretário executivo de gestão do turismo na SETUR e vim pra cá.

- Pronto, aí vim pra cá, fiquei como gerente geral de governança metropolitana, que é a secretária executiva nova que tem aqui. Mas aí não rolou a secretária executiva, né? Não. Aí foi que eu vim pra cá, fui gerente geral de gestão estratégica e agora IGP.

PESQUISADORA:

- Massa. O que vem à tua mente enquanto eu falar sobre o EGP que tu atua?

ENTREVISTADO:

- Bom, da Seplag, né? Porque o escritório de gerenciamento do projeto vem duas coisas à cabeça, como deveria ser, o que na prática é aqui na Seplag hoje, né? Vem um órgão, um setor responsável pelo monitoramento das obras de infraestrutura, as principais obras de infraestrutura do Estado.

PESQUISADORA:

- Eu vou pedir pra tu comentar um pouquinho sobre o suporte material oferecido aqui pela Seplag para o desenvolvimento do trabalho.

- Aí nessa questão do suporte material, você entende, pode entender os softwares, hardware, enfim, licenças, os equipamentos, tecnologia... O que é oferecido pela Seplag... Se atende ao seu trabalho...

ENTREVISTADO:

- A gente tem carência de ferramentas estratégicas aqui, mas o básico a gente tem. Bom, aqui eu vou fazer a pergunta, mas... O básico é bem fornecido, óbvio. Quando parto pra questão estratégica...

- Quando chega pra ferramenta estratégica, a gente tem carência.

PESQUISADORA:

- Tu tens liberdade em fazer suas apresentações visuais. Caso afirmativo, quais são os elementos mais valorizados nessas apresentações?

ENTREVISTADO:

- Liberdade pra eu fazer? Não.

- Tenho, não. Não enxergo que tenho, não. Aqui, né? A gente faz um ou faz outro, porque a SEGES pediu, ou porque a Tereza quis, ou porque o secretário quis, e aí fica aquela lá e vem.

- Aí não tenho liberdade pra fazer uma apresentação e passar.

- Bom, não acho que a gente tem liberdade.

PESQUISADORA:

- Dados e informações são considerados ativos estratégicos em qualquer organização, seja ela pública ou privada. Dito isso, você acredita que a forma de comunicá-los visualmente influencia no processo de tomada de decisão?

ENTREVISTADO:

- Veja, a forma de nos comunicar visualmente é bem ampla, eu acho, tá? Vou dar exemplo do que eu penso. Eu acho que a gente tem que comunicar bem visualmente em termos de ser eficaz nessa comunicação.

- Eu sou engenheiro, então venho de chão de fábrica. Vou dar um exemplo pra você. Se eu fizer essa apresentação bonita que a gente faz aqui, o meu gerente, na época que eu estive na fábrica, o presidente praticamente da fábrica, ele nem... ele fala, Tio, eu quero uma feia.

- Quero só com as informações necessárias. Ele dizia que era perder de tempo, certo? Ele ia pro outro posto. Eu, numa fábrica, não adiantava eu parar pra pensar em design de informação na fábrica.

- Ele queria só as informações e que eu falasse sobre elas. Por outro lado, eu sei que, aí vamos lá, o design de informação é importante sim, entendeu? *Agora, o que eu acho que não é importante é você focar muito em beleza. Não sei como é que você usa tecnicamente esse termo aí.*

- *Você pode botar com detalhes apenas para ficar bonito. Eu não sou partidário disso.*

PESQUISADORA:

- *Design de informação não é pra ficar bonito. É justamente pra a gente planejar aquela informação, aqueles elementos, pra que eles sejam melhor absorvidos pelo meu público. Essa é a pergunta.*

ENTREVISTADO:

- Eu acho 100%. É isso que eu tô falando, é isso. Porque quando tu falou... Como é a pergunta mesmo? Então... Você acredita que a forma de comunicar visualmente um dado, se ela influencia no tomado de decisão? Sim, com certeza.

PESQUISADORA:

- Dados e informações são considerados ativos e estratégicos em qualquer organização, pública ou privada. Dito isso, você acredita que a forma de comunicá-los visualmente influencia no processo tomado de decisão?

ENTREVISTADO:

- *Sim. Beleza. Com certeza.*

PESQUISADORA:

- Tá joia. Aí, aqui... Eu vou te mostrar aqueles gráficos que eu já tinha mostrado, aquelas apresentações. Eu vou pedir pra tu avaliar o seguinte, numa escala de 1 a 5. Sendo 1, total ausência, e 5, excesso, eu vou pedir pra você escalar.

- Sendo 1, total ausência, escassez total, e 5, excesso, as seguintes questões nos exemplos visuais à base, que eu vou te mostrar. Certo. Quantidade de informações apresentadas, informações relevantes apresentadas, elementos irrelevantes, elementos que produzem distração e podem tirar o foco.

- Aí, nessa questão, o que você entende como informação, o que você pode entender como elemento? Informação é aquilo, gráfico, dado, textual, elementos, por exemplo, uma tag, um olhinho ali piscando que pode ser desnecessário, que tira o foco, é nesse aspecto.

ENTREVISTADO:

- O que é aquele indicador GPE?

PESQUISADORA:

- É o indicador interno nosso.

ENTREVISTADO:

- Certo. Acho que três.

- **Três, pronto.**

PESQUISADORA:

- A quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADO:

- **Dois.**

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos que produzem distração e que tiram, ou que podem vir a tirar, né, no caso, o foco da informação necessária a ser apresentada?

ENTREVISTADO:

- Dois. Aí, nessa configuração.

PESQUISADORA:

- A quantidade de informações apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- Três, vai.

PESQUISADORA:

- Elementos que produzem distração e tiram o foco?

ENTREVISTADO:

- Dois.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Tu considera o que como relevante, por exemplo?

ENTREVISTADO:

- Indicador de GPE não é relevante. É... É isso que eu tô falando, não sei o objetivo, certo? O gestor responsável.

- Não sei pra quem é. Se eu for pra Secretaria, isso é completamente irrelevante. Não vai. Só serve daí... Um anterior para a GPE também? Não serve nada pra ele.

- Isso é tudo interno. Pra Secretaria, você viria a execução, a licitação e o que tá pago e liquidado. O total, certo? Porque a execução é orçamentária.

PESQUISADORA:

- E elementos que produzem distração e tiram o foco da informação?

ENTREVISTADO:

- De distração, assim, todas ali que destacar que todas são monitoradas pelo EGP. *Mas eu não acho que cause distração, não.*

PESQUISADORA:

- Pronto, configuração quatro. Quantidade de informações?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Relevantes?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- Diminuiu. Bote **três** também.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos que produzem distração e tiram foco?

ENTREVISTADO:

- Dois.

PESQUISADORA:

- Slide B. Essa é a configuração.

- Então, nessa configuração aqui. Aí eu vou repetir as quatro perguntas, tá? Sendo 1, total ausência e 5, indicando o excesso.

- Quantidade de informações apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Cinco.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- Quatro.

PESQUISADORA:

- Quantidade de elementos que produzem distração e tiram foco da informação necessária de ser comunicada?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Configuração 2. Quantidade de informações apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Cinco.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Elementos irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- Quatro.

PESQUISADORA:

- Elementos que produzem distração e tiram foco?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Quantidade de informações apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Cinco.

PESQUISADORA:

- Informações relevantes apresentadas?

ENTREVISTADO:

- Três.

PESQUISADORA:

- Elementos irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- Essa apresentação aí, pra ela ser autoexplicativa, ela precisa de muito mais informação.
- Ela precisa de mais informação pra explicar essa coisa que eu perguntei. É que você bateu o olho e você não vê. Isso é uma coisa intuitiva.

PESQUISADORA:

- *Ela precisaria ter o orador, que é um elemento que eu não tô estudando nessas apresentações. Porque o que é que configura as ADS (as apresentações digitais de slides) ... Ela tem o fator do orador.*

Entendeu? Só que nesse caso, eu não tô considerando, eu não tô fazendo essa análise. Então, é justamente assim. O que a apresentação fala por si.

ENTREVISTADO:

- Tá. Eu tinha colocado 3. **Vou colocar 3**, porque mantém os dados, né?

PESQUISADORA:

- Elementos que produzem distração e tiram o foco da informação necessária de ser comunicada.

ENTREVISTADO:

- 3.

PESQUISADORA:

- Slide B, configuração 4. Informações apresentadas?

ENTREVISTADO:

- 5.

PESQUISADORA:

- Informações relevantes?

ENTREVISTADO:

- 3.

PESQUISADORA:

- Elementos irrelevantes?

ENTREVISTADO:

- 4. Porque não tá fazendo sentido.
- Esse lado esquerdo aí, todinho. Tá... Primeiro, o EGP não precisa estar aí.
- Não importa. Só vale o lado esquerdo. *A única coisa que tá fazendo sentido aí é que foi 100% executada.*
- Tem muita coisa que não faz sentido aí.
- O início foi 19. Massa. Aí ele diz que... É. Término planejado foi 5 de agosto de 22.
- Tendência de término é 24 de agosto. Seria a tendência futura. Mas ela já foi concluída.
- Então, se já foi concluída, não tem tendência de término. Mas aí, essa parte aí, ela tá refletindo é a questão da substituição do TR. Tá, mas não tá 100% executada.
- A meta tá 100% executada. Aí eu tenho que me pegar na obra aí.
- *É assim, vou ter que estar conversando com, discutindo com a pessoa pra entender o que é que tá. Não tá legal.*

PESQUISADORA:

- Elementos que produzem distração e tiram o foco da informação necessária?

ENTREVISTADO:

- **Quatro.** Porque esse 100% executado aí tá dando a informação errada.
- Que, aparentemente, quando você olha, você acha que é errado. Achando que tá concluído.
- Quem olha isso aqui, acha que é a meta que tá concluída. Não é. Então a informação tá errada.

ANEXO E – MAPA DA ESTRATÉGIA DO GOVERNO (2024-2027)



Fonte: Seplag (2024)

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO À ORGANIZAÇÃO

Recife, 21 de julho de 2023.

Senhor Fabrício Marques Santos
Secretário de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco

Ana Clara Leite Alcantara, minha orientanda do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Design – PPGDesign, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, está realizando uma pesquisa sobre as apresentações produzidas e utilizadas pelos gestores governamentais atuantes no Escritório de Gerenciamento de Projetos – EGP, vinculado à Secretaria de Gestão Estratégica – SEGES, como artefatos visuais de apoio à tomada de decisão e a contribuição do design da informação para as suas produções.

Trata-se de um estudo qualitativo, no qual se propõe desenvolver um estudo de caso no Escritório de Gerenciamento de Projetos – EGP, utilizando técnicas de coleta de dados como entrevistas e análise documental. Por meio dos dados coletados, a pesquisadora buscará capturar as perspectivas dos atores acerca dos construtos investigados.

A pesquisa A contribuição do design da informação para a produção de artefatos visuais como ferramentas gerenciais de apoio à tomada de decisão: o caso do Escritório de Gerenciamento de Projetos da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco tem finalidade acadêmica e busca preencher lacunas teóricas no campo temático do Gerenciamento de Projeto e Design da Informação, sobretudo considerando a realidade ainda pouco explorada do setor público. O *corpus* de pesquisa será composto por gestores governamentais vinculados ao EGP desta Secretaria, que serão convidados e, caso concordem, assinarão um termo de livre consentimento antes da realização das entrevistas. Não será revelada na pesquisa a identidade dos participantes.

A escolha da Instituição se dá por ser esta a responsável pelo desenvolvimento e disseminação de práticas preconizadas pelo Modelo Integrado de Gestão do Poder Executivo do Estado de Pernambuco, o qual, conforme a LC 141, de 03 de setembro de 2009, em seu art. 3º, diz respeito à organização sistêmica das funções relacionadas com os instrumentos formais de planejamento e ferramentas de gestão adotadas pela Administração Pública Estadual.

Ressalto que a orientanda é Gestora Governamental, lotada na Secretaria Executiva de Gestão Estratégica – SEGES e que a realização da pesquisa não implicará em qualquer prejuízo para as atividades por ela desempenhadas. A pesquisadora seguirá os regulamentos que regem a instituição e uma cópia da versão final da dissertação será entregue à Seplagdr, podendo ser utilizada como ferramenta gerencial por este órgão.

Dessa forma, com o fim de viabilizar a pesquisa, solicito o consentimento para que a pesquisa se desenvolva. Certo de poder contar com vossa colaboração, agradeço antecipadamente.

Atenciosamente,

Guilherme Ranoya Seixas Lins Orientador

Walter Franklin Marques Correia Coordenador do
Programa de Pós-Graduação em Design

APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO AOS PARTICIPANTES

Recife (PE), _____ de _____ de 20_____.

Prezado(a) Gestor(a),

Na qualidade de mestranda do Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), estou realizando uma pesquisa sobre as apresentações produzidas e utilizadas pelos gestores governamentais atuantes no Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura (EGP), vinculado à Secretaria Executiva de Gestão Estratégica (SEGES) da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco (Seplag), como artefatos visuais de apoio à tomada de decisão e a contribuição do design da informação para as suas produções.

Trata-se de um estudo qualitativo, no qual propõe desenvolver um estudo de caso no Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura (EGP), utilizando técnicas de coleta de dados como entrevistas e análise documental. Por meio dos dados coletados, a pesquisadora buscará capturar as perspectivas dos atores acerca dos construtos investigados.

A pesquisa *A contribuição do design da informação para a produção de artefatos visuais como ferramentas gerenciais de apoio à tomada de decisão: o caso do Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco* tem finalidade acadêmica e busca preencher lacunas teóricas no campo temático do Gerenciamento de Projeto e Design da Informação, sobretudo considerando a realidade ainda pouco explorada do setor público.

O *corpus* de pesquisa será composto por gestores governamentais vinculados ao EGP da Seplag, que serão convidados e, caso concordem, assinarão um termo de livre consentimento antes da realização das entrevistas. Não será revelada na pesquisa a identidade dos participantes.

Entende-se que sua colaboração como entrevistado(a) é extremamente importante para o sucesso do estudo. Sua participação é voluntária e sua identidade será resguardada. As entrevistas serão gravadas com o intuito de propiciar melhor análise do conteúdo coletado. Estima-se o tempo de duração de cada entrevista em 40 - 60 minutos.

Qualquer dúvida ou esclarecimento poderá ser feito junto à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Design, do Centro de Artes e Comunicação da UFPE ou diretamente com a pesquisadora através do telefone (81) 99405-1574 ou pelo e-mail (ana.alcantara@ufpe.br).

Atenciosamente,
Ana Clara Leite Alcantara
Mestranda em Design
PPGDesign/UFPE

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Recife (PE), _____ de _____ de 20_____.

Prezado(a) Gestor(a),

O(a) Sr(a). está sendo convidado(a) a participar, como entrevistado(a), da pesquisa intitulada *A contribuição do design da informação para a produção de artefatos visuais como ferramentas gerenciais de apoio à tomada de decisão: o caso do Escritório de Gerenciamento de Projetos de Infraestrutura da Secretaria de Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Regional de Pernambuco*, conduzida pela pesquisadora Ana Clara Leite Alcantara, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e orientada pelo Dr. Guilherme Ranoya Seixas Lins, Professor Adjunto III dessa Universidade.

A pesquisa possui como objetivo central avaliar a percepção dos gestores governamentais atuantes no EGP da Seplag quanto à contribuição do design da informação nas apresentações comparadas para tomadas de decisão mais eficientes. São ainda objetivos específicos desse estudo: (i) agregar valor público às apresentações visuais; (ii) exemplificar e esclarecer como competências no design da informação podem ser estratégicas aos gestores públicos.

Todas as informações fornecidas durante as entrevistas serão gravadas e utilizadas unicamente para os fins desta pesquisa e publicações científicas, sendo mantida em sigilo a identidade do participante. Sua participação como entrevistado(a) não lhe causará prejuízo profissional algum e se dará de forma voluntária, podendo interromper ou desistir da entrevista a qualquer momento ou deixar de responder a quaisquer perguntas que lhe forem feitas.

Qualquer dúvida ou esclarecimento poderá ser feito junto à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Design, do Centro de Artes e Comunicação da UFPE ou diretamente com a pesquisadora através do telefone (81) 99405-1574 ou pelo e-mail (ana.alcantara@ufpe.br).

Caso você concorde em participar como voluntário(a) dessa pesquisa, assine ao final deste documento, consentindo e confirmando que foi devidamente informado(a) pela pesquisadora sobre os objetivos da pesquisa e os termos de sigilo das informações.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Recife, _____ de _____ de 20_____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

Data: ____ / ____ / ____

Hora: _____

Local da entrevista: _____

Entrevistado(a): _____

[Introdução - Eu gostaria que você falasse um pouco sobre sua trajetória até chegar no EGP da Seplag...]

- 1- O que veem à sua mente quando ouve falar sobre o EGP em que atua?
- 2- Comente sobre o suporte material (materiais, equipamentos e tecnologias) oferecido pela Seplag para o desenvolvimento do seu trabalho?
- 3- Você tem liberdade em fazer suas apresentações visuais? Caso afirmativo, quais são os elementos mais valorizados nas apresentações?
- 4- Dados e informações são considerados ativos estratégicos em qualquer organização – seja ela pública ou privada. Dito isso, você acredita que a forma de comunicá-los visualmente influencia no processo de tomada de decisão?
- 5- Avalie, em uma escala de 1 a 5, sendo 1 indicando total ausência, e 5 indicando um excesso, as seguintes questões nos exemplos visuais abaixo:
 - i) a quantidade de informações apresentadas;
 - ii) a quantidade de informações relevantes apresentadas;
 - iii) a quantidade de elementos irrelevantes;
 - iv) a quantidade de elementos que produzem distração e tiram o foco da informação necessária de ser comunicada.

Slide A – configuração i

METAS PRIORITÁRIAS 2022 – SECRETARIA DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS

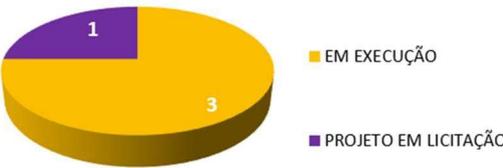
4

METAS PRIORITÁRIAS

7%

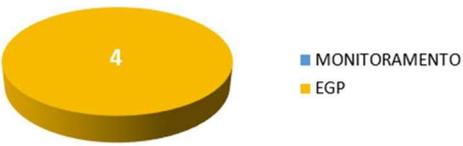
INDICADOR GPE

METAS POR STATUS



| | | |
|---|----------------------|---|
| ■ | EM EXECUÇÃO | 3 |
| ■ | PROJETO EM LICITAÇÃO | 1 |

METAS POR EQUIPE



| | | |
|---|---------------|---|
| ■ | MONITORAMENTO | 0 |
| ■ | EGP | 4 |

GESTOR RESPONSÁVEL

● ANA CLARA ALCÂNTARA

EXECUÇÃO FINANCEIRA 2021

| | |
|-----------|----------------|
| EMPENHADO | R\$ 30.656.037 |
| LIQUIDADO | R\$ 2.689.985 |

Slide A – configuração ii

METAS PRIORITÁRIAS 2022 – SECRETARIA DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS

4

METAS PRIORITÁRIAS

7%

INDICADOR GPE

METAS POR STATUS



| | | |
|---|----------------------|---|
| ■ | EM EXECUÇÃO | 3 |
| ■ | PROJETO EM LICITAÇÃO | 1 |

METAS POR EQUIPE

TODAS

monitoradas pelo EGP

GESTOR RESPONSÁVEL

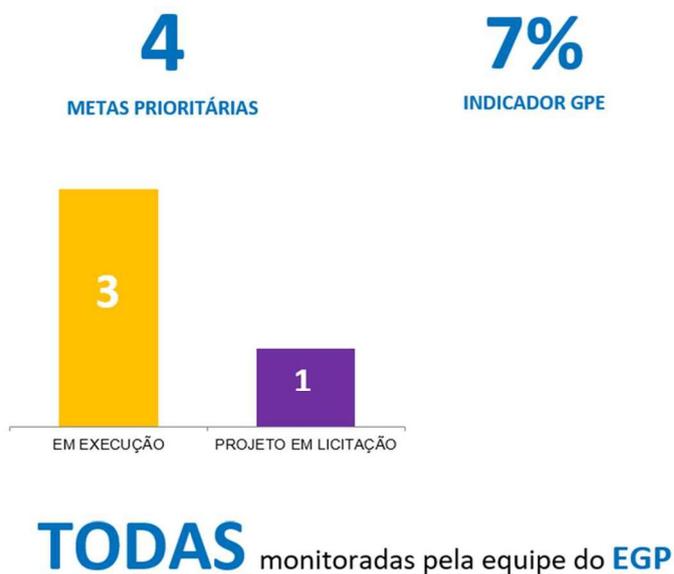
● ANA CLARA ALCÂNTARA

EXECUÇÃO FINANCEIRA 2021

| | |
|-----------|----------------|
| EMPENHADO | R\$ 30.656.037 |
| LIQUIDADO | R\$ 2.689.985 |

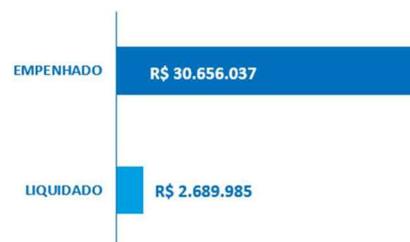
Slide A – configuração iii

METAS PRIORITÁRIAS 2022 – SECRETARIA DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS



Gestora responsável:
ANA CLARA ALCÂNTARA

EXECUÇÃO FINANCEIRA 2021



Slide A – configuração iv

METAS PRIORITÁRIAS 2022 – SECRETARIA DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS



EXECUÇÃO FINANCEIRA 2021



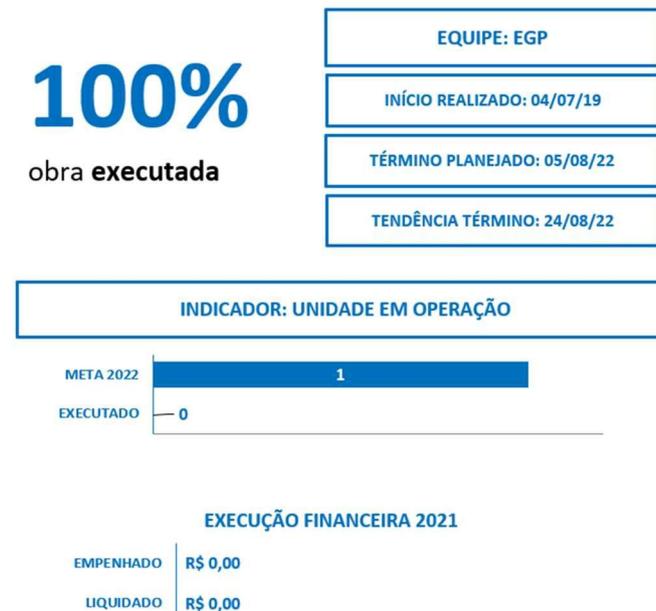
Slide B – configuração i

REFORMA E AMPLIAÇÃO DO PRESÍDIO DE IGARASSU – PIG



Slide B – configuração ii

REFORMA E AMPLIAÇÃO DO PRESÍDIO DE IGARASSU – PIG



Slide B – configuração iii

REFORMA E AMPLIAÇÃO DO PRESÍDIO DE IGARASSU – PIG

100%

obra executada

EQUIPE: EGP

INÍCIO REALIZADO: 04/07/19

TÉRMINO PLANEJADO: 05/08/22

TENDÊNCIA TÉRMINO: 24/08/22

INDICADOR: UNIDADE EM OPERAÇÃO



EXECUÇÃO FINANCEIRA 2021

| | |
|-------------|----------|
| EMPENHADO | R\$ 0,00 |
| LIQUIDADADO | R\$ 0,00 |

REGISTRO FOTOGRÁFICO (2021)



PONTOS CRÍTICOS / RELEVANTES

- Obra civil concluída em 23/06/21. Entretanto, para ocupação das vagas criadas, é necessário adequar a subestação elétrica para atendimento da nova demanda energética.
- O projeto da subestação foi concluído e o TR elaborado. Aguardando autorização de reforço orçamentário (R\$ 480.655,40 para R\$ 593.737,58) pelo DEPEN para prosseguimento da licitação.
- Foram criadas 352 novas vagas com a ampliação.

AÇÃO CORRETIVA

| AÇÃO | PRAZO | RESPONSÁVEL |
|--|-------|-------------|
| Autorização de reforço orçamentário pelo DEPEN | - | SERES |

Slide B – configuração iv

REFORMA E AMPLIAÇÃO DO PRESÍDIO DE IGARASSU – PIG

100%

obra executada

EQUIPE: EGP

INÍCIO REALIZADO: 04/07/19

TÉRMINO PLANEJADO: 05/08/22

TENDÊNCIA TÉRMINO: 24/08/22

INDICADOR: UNIDADE EM OPERAÇÃO



EXECUÇÃO FINANCEIRA 2021

| | |
|-------------|----------|
| EMPENHADO | R\$ 0,00 |
| LIQUIDADADO | R\$ 0,00 |

REGISTRO FOTOGRÁFICO (2021)



PONTOS CRÍTICOS / RELEVANTES

- Obra civil concluída em 23/06/21. Entretanto, para ocupação das vagas criadas, é necessário adequar a subestação elétrica para atendimento da nova demanda energética.
- O projeto da subestação foi concluído e o TR elaborado. Aguardando autorização de reforço orçamentário (R\$ 480.655,40 para R\$ 593.737,58) pelo DEPEN para prosseguimento da licitação.
- Foram criadas 352 novas vagas com a ampliação.

AÇÃO CORRETIVA

| AÇÃO | PRAZO | RESPONSÁVEL |
|--|-------|-------------|
| Autorização de reforço orçamentário pelo DEPEN | - | SERES |

APÊNDICE E – FICHA DE INFORMAÇÃO DEMOGRÁFICA E FUNCIONAL

Data: _____/_____/_____

Hora: _____

Local da entrevista: _____

Entrevistado(a): _____

SEXO

- () feminino ()
() masculino

FAIXA ETÁRIA

- () 18 a 25 anos
() 26 a 30 anos
() 31 a 35 anos
() 36 a 40 anos
() 41 a 50 anos
() acima de 50 anos

ESTADO CIVIL

- () solteiro(a)
() casado(a)
() união estável
() separado(a) / divorciado(a) ()
viúvo(a)

POSSUI FILHOS

- () sim, quantos? _____
() não

FORMAÇÃO DE ORIGEM

Graduação: _____

Maior titulação: _____

Área: _____

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Tempo de experiência na iniciativa privada: _____

Tempo de experiência no serviço público: _____

Tempo de serviço na Seplag: _____

Tempo de serviço no EGP: _____

Exerce algum cargo de chefia?

- () sim, qual? _____
() não

Possui alguma função gratificada?

- () sim, qual? _____
() não

Exerce alguma outra atividade (trabalho ou estudo) fora da Seplag?

- () sim, qual? _____
() não